

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

AMANDA DOS SANTOS PEREIRA



**ENTRE SABERES E FAZERES:
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO E O
ANTIRRACISMO NAS PRÁTICAS DE
TERAPEUTAS OCUPACIONAIS**

SÃO CARLOS
2026



Imagem da capa da tese: A imagem foi produzida com ajuda de ferramentas de inteligência artificial. Ao longo do processo de escrita desta tese, o símbolo Sankofa esteve recorrentemente presente em meus pensamentos, orientando simbolicamente a construção deste trabalho. Por essa razão escolhi essa imagem. No centro da imagem há o símbolo africano Sankofa, um símbolo Adinkra, criado pelo povo Akan, um dos povos que habitavam a África pré-colonial na região da Costa do Ouro, atual Gana, representado por uma ave com um feto em seu bico, tem a ideia de retorno às nossas raízes ancestrais. Lembrar e aprender com o passado para não se perder no futuro. No plano de fundo aparece o continente africano à esquerda e a América do Sul à direita. Entre os dois continentes, há uma linha pontilhada curva e luminosa, em tom dourado claro, sugerindo conexão histórica, cultural e simbólica entre África e América do Sul, principalmente com o Brasil. Essa representação dialoga com os resultados dessa pesquisa, pois ao conversar com as colaboradoras dessa pesquisa elas apresentaram estratégias antirracistas voltadas à reorientação da prática em terapia ocupacional, com vistas a valorização da cultura africana e dos povos e comunidades tradicionais, ao fortalecimento identitário, ao reconhecimento cultural e à valorização da negritude, da autoestima e do pertencimento, bem como a construção de um futuro ancestral.

Visite a exposição virtual das fotografias capturadas pelas colaboradoras da pesquisa <https://visit.virtualartgallery.com/exibicao-de-fotografias-amanda>

AMANDA DOS SANTOS PEREIRA

**ENTRE SABERES E FAZERES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O
RACISMO E O ANTIRRACISMO NAS PRÁTICAS DE TERAPEUTAS
OCUPACIONAIS**

Trabalho apresentado para o Exame de Defesa,
Programa de Pós-Graduação em Terapia
Ocupacional, nível doutorado, Universidade
Federal de São Carlos.

Linha de pesquisa: Redes Sociais e
Vulnerabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Magalhães.

Agência de Fomento: Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(Capes).

SÃO CARLOS
2026

Pereira, Amanda dos Santos

Entre saberes e fazeres: uma investigação sobre o racismo e o antirracismo nas práticas de terapeutas ocupacionais / Amanda dos Santos Pereira -- 2026. 210f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Lilian Magalhães

Banca Examinadora: Alekin Ambrosio, Sabrina Ferigato, Ricardo Lopes Correia, Ana Márcia Duarte Nunes

Nascimento

Bibliografia

1. Terapia ocupacional. 2. População negra. 3. Antirracismo. I. Pereira, Amanda dos Santos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Amanda dos Santos Pereira, realizada em 23/02/2026.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Lilian Magalhães (UFSCar)

Profe. Dre. Alekin Ambrosio (UFSCar)

Profa. Dra. Sabrina Ferigato (UFSCar)

Prof. Dr. Ricardo Lopes Correia (UFRJ)

Profa. Dra. Ana Márcia Duarte Nunes Nascimento (UFBA)

Dedico a minha mãe, Noêmia, e ao meu pai, Adailton.

Sem vocês eu jamais teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Durante esses 4 anos escrevendo, apagando, corrigindo e lendo esta tese, eu pude contar com o apoio de pessoas queridas que compartilharam as minhas dores, choraram junto comigo nos momentos mais difíceis, vibraram com as minhas conquistas e que foram o meu porto seguro. Por isso, seria muito egoísta da minha parte não deixar registrado aqui os meus sinceros e singelos agradecimentos.

A Deus, pelo dom da vida e saúde, por ter me sustentado e por nunca ter me desamparado.

À minha querida mãe, Noêmia, por nunca ter desistido de mim, por ter acreditado e investido nos meus sonhos, principalmente quando eu não acreditei. Agradeço também por ela com seu jeito extrovertido ter alegrado os meus dias.

Ao meu querido pai, Adailton, por todos os conselhos, orações e por ter sonhado junto comigo. Agradeço também por ser o meu maior exemplo de dedicação e afeto.

À Damarys e Maurício, meus sobrinhos, por me encherem com esse amor puro e singelo. Agradeço também por me inspirarem a ser um ser humano melhor.

Ao meu companheiro, Amos, por me incentivar a sempre dar o meu melhor, por todo suporte durante todos esses anos e por acreditar no meu potencial.

Ao meu sogro e à minha sogra por intercederem sempre a Deus pela minha vida e pelos conselhos.

Às colaboradoras da pesquisa: Conceição Evaristo*, Beija-Flor, Rosenda, Gil, Maria Rosa e Beth (pseudônimos) por compartilharem as suas histórias de vida, suas alegrias e tristezas. Agradeço também pela escuta cuidadosa e por acreditarem nesta pesquisa.

Ao AAAfroNTO (Linha de Pesquisa Atividades Afroreferenciadas, Afroacessibilidade, Negritudes e Terapia Ocupacional) por ser um espaço de acolhimento e refúgio. Em especial agradeço às pessoas que me ajudaram a pensar e a escrever esta tese: Alekin, Clau, Erickson e a profa. Carla.

Às minhas amigas queridas com que convivi em São Carlos: Marlete, Tarsilla, Marta, Bárbara, Luiza e Carina, por todas as conversas e conselhos nos momentos em que mais precisei.

À Flávia, minha companheira desde o mestrado, por ter acolhido todas as minhas reclamações e angústias, por ter me dado colo e por ter me incentivado durante o meu processo de doutoramento.

À Daniela, Lorena, Rosana por terem sido meu abrigo e por terem me apoiado nos momentos em que mais precisei.

À professora Lilian Magalhães, minha orientadora, por todo acolhimento desde o meu mestrado, por todas as trocas e conselhos. Agradeço também pela dedicação na correção deste trabalho.

À professora Khalilah Johnson, que me orientou durante o meu doutorado sanduíche, e à professora Nancy Bagatell. Agradeço pelas trocas e os feedbacks que enriqueceram a minha pesquisa.

Às amigas e amigos queridos com que convivi na Carolina do Norte: Sayoko, Seth, Larissa, Nilzimar, Otávio, Joseph Jordan, Rachel, Lili, Courtney, Alessandra, Thaís e Yara. Agradeço por terem sido casa e abrigo.

Aos membros da minha Banca, a profa. Ana Márcia Nascimento, à profa. Sabrina Ferigato, ao prof. Ricardo Correia, ao prof. Roberto Lacerda e à profa Carla Regina, pelas leituras cuidadosas do meu trabalho e por todas as contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido, por ter resistido, pela coragem e dedicação.

Resumo: Terapeutas ocupacionais têm negligenciado o enfrentamento do racismo que é sustentado e reproduzido nas práticas terapêuticas. Embora as discussões sobre questões étnico-raciais tenham aumentado na área nos últimos anos, poucos estudos investigam os referenciais teórico-metodológicos que orientam as práticas de terapeutas ocupacionais que atuam com população negra e com povos e comunidades tradicionais. Este estudo visa identificar, descrever e refletir sobre as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e povos e comunidades tradicionais. O estudo tem como objetivos específicos 1. Compreender como terapeutas ocupacionais têm se aproximado da população negra e dos povos e comunidades tradicionais; 2. Mapear as práticas de terapeutas ocupacionais que abordam as questões étnico-raciais nas suas intervenções profissionais; 3. Identificar os arcabouços conceituais e metodológicos que norteiam as práticas de terapeutas que atuam com a população negra e povos e comunidades tradicionais; 4. Conhecer as possibilidades, limites, estratégias, percepções e desafios encontrados por terapeutas ocupacionais nesse campo de atuação; 5. Revisar os conhecimentos, existentes na literatura, sobre as maneiras pelas quais terapeutas ocupacionais podem se engajar em ações antirracistas na prática profissional. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa associada a metodologias visuais, utilizando como instrumento de geração de dados a foto-elicitação e entrevista semiestruturada, a perspectiva do feminismo afro-latino-americano também compõe a metodologia deste trabalho. Os dados foram obtidos a partir das narrativas e fotos produzidas por seis terapeutas ocupacionais que desenvolvem práticas de pesquisa, ensino, extensão ou intervenções com pessoas negras e/ ou com povos e comunidades tradicionais. Os dados foram analisados a partir de análise temática que resultou em quatro temas. 1º Tema – Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento, 2º Tema – Formação e disputa epistêmica, 3º Tema – Racismo e impacto nas práticas de TO, 4º Tema – O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas. As narrativas das colaboradoras evidenciam a presença de violências institucionais e epistemológicas, que se manifestam desde a falta de acolhimento das demandas raciais nas equipes de trabalho, passando pela ausência das questões étnico-raciais na formação em terapia ocupacional, pela centralidade de currículos eurocêntricos, até a negligência na formulação e implementação de políticas públicas. As colaboradoras defendem que o racismo adoce a população negra e os povos tradicionais, constituindo-se como um produtor direto de sofrimento psíquico e de exclusão social. Além disso, apresentam estratégias antirracistas voltadas à reorientação da prática em terapia ocupacional, com vistas ao fortalecimento identitário, ao reconhecimento cultural e à valorização da negritude, da autoestima e do pertencimento. A partir de uma perspectiva afrodiaspórica e amefricana, este estudo propõe estratégias e referenciais contra-hegemônicos capazes de subsidiar a pesquisa, o ensino e a oferta de serviços socialmente relevantes para essas populações.

Palavras-chave: Terapia ocupacional; população negra; povos tradicionais; antirracismo.

Abstract: Occupational therapy practitioners have neglected to address the racism that is sustained and reproduced in therapeutic practices. While discussions on ethnic-racial issues have grown in the field in recent years, few studies investigate the theoretical and methodological frameworks that inform the practices of occupational therapy practitioners who work with Black populations and traditional peoples and communities. This study aims to identify, describe, and reflect on the experiences of occupational therapy practitioners working with Black populations and traditional peoples and communities. The specific aims of this study are: 1. To understand how occupational therapy practitioners have provided service to Black populations and traditional peoples and communities; 2. To map the practices of occupational therapy practitioners that address ethnic-racial issues in their therapeutic practices; 3. To identify the conceptual and methodological frameworks that guide the practices of occupational therapy practitioners with Black populations and traditional peoples and communities; 4. To explore the possibilities, limitations, strategies, perceptions, and challenges faced by occupational therapy practitioners in this field of practice; 5. To review the existing knowledge in the literature about how occupational therapy practitioners can take antiracist actions in professional practice. This study was developed by a qualitative approach associated with visual methodologies, using photo-elicitation and semi-structured interviews as data generation instruments. The perspective of Afro-Latin American feminism also informs the methodology of this work. The data were obtained from narratives and photographs produced by six occupational therapy practitioners who develop research, teaching, or intervention with Black people and/or with traditional peoples and communities. The data were analyzed through thematic analysis, resulting in four themes: 1st Theme – Becoming Black: Identity, existential territories, and belonging; 2nd Theme – Academic training and epistemic dispute; 3rd Theme – Racism and its impacts on occupational therapy practices; 4th Theme – The future is here and now! Afrofuturist perspectives. The researcher partners' narratives evidence shows that the presence of institutional and epistemological violence, manifested in the lack of attention to address racism in work teams, the absence of ethnic-racial issues in occupational therapy training, the centrality of Eurocentric curricula, and the negligence in the formulation and implementation of public policies. The researcher partners argue that racism makes the Black population and traditional peoples sick, constituting a direct producer of psychological suffering and social exclusion. Furthermore, they present anti-racist strategies aimed at reorienting the practice of occupational therapy, with a view to strengthening identity, cultural recognition, valuing Blackness, self-esteem, and belonging. From an Afrodiasporic and Afro-Latin American perspective, this study proposes counter-hegemonic strategies and frameworks capable of supporting research, teaching, and the provision of socially relevant services for these populations.

Keywords: Occupational therapy; Black population; traditional peoples; antiracism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma dos procedimentos da pesquisa.....	24
Figura 2 - Imagem de divulgação da pesquisa.....	28
Figura 3 - Perfil das Colaboradoras.....	31
Figura 4 - Fluxograma: Elaboração do roteiro de entrevista.....	36
Figura 5 - Códigos individuais.....	57
Figura 6 - Conjunto de códigos coletivos — Tornar-se negro.....	57
Figura 7 - Conjunto de códigos coletivos — Racismo nos ambientes institucionais.....	57
Figura 8 - Conjunto de códigos coletivos — Práticas antirracistas.....	58
Figura 9 - Formação Acadêmica e Profissional.....	58
Figura 10 - Árvore da vida.....	77
Figura 11 - Oficina com as meninas Warao.....	78
Figura 12 - Oficina com os curumins.....	80
Figura 13 - Mapa corporal e autocuidado.....	81
Figura 14 - Oficina Vogue.....	82
Figura 15 - Baile Charme.....	84
Figura 16 - Teatro do Oprimido.....	85
Figura 17 - Diversidade, diferença, inclusão, aprendizagem e respeito.....	87
Figura 18 - Menino arteiro.....	89
Figura 19 - Identidade roubada.....	90
Figura 20 – Saudade.....	92
Figura 21 - Autoestima e sonho.....	93
Figura 22 - Rede de Suporte.....	94
Figura 23 - Vou contigo e te espero.....	95

Figura 24 - Moto no grau/Racionais.....	97
Figura 25 – Maloka.....	99
Figura 26 - Oficina de turbante.....	101
Figura 27 - Subjetivação, autoestima e pertencimento do território.....	102
Figura 28 - Ascensão da beleza negra.....	103
Figura 29 - Ser negra.....	104
Figura 30 – Horta comunitária.....	105
Figura 31 - Mulheres negras ao centro.....	106
Figura 32 – Acalanto.....	108
Figura 33 - As árvores e eu.....	109
Figura 34 - Clinic(ar).....	111
Figura 35 - Oficina Brechó.....	112
Figura 36 – Isildinha.....	113
Figura 37 - Estratégias/ Planos de ações antirracistas.....	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 —Lista de códigos gerais.....	52
Quadro 2 —Referenciais das ciências humanas e sociais.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAAfroNTO	Atividades Afroreferenciadas, Afroacessibilidade, Negritudes e Terapia Ocupacional
ABRATO	Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COFFITO	Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
CREFITO	Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
DTO	Departamento de Terapia Ocupacional
IES	Instituição de Ensino Superior
INCTI	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa
PDSE	Programa de Doutorados – Sanduíche no Exterior da CAPES
PLP	Promotora Legal Popular
PNASQ	Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNC	Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill

SUMÁRIO

	POSICIONALIDADE DA PESQUISADORA.....	1
1	Introdução.....	8
1.1	Principais teorias elaboradas para explicar o racismo.....	8
1.2	Racismo no Brasil: políticas de morte, violência e violação de direitos.....	10
1.3	Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo da educação.....	12
	saúde e política, em resposta às reivindicações do movimento negro	
1.3.1	Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo da educação.....	12
1.3.2	Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo das políticas.....	16
2	Objetivos.....	19
3	Percursos metodológicos.....	21
3.1	Pergunta de pesquisa.....	21
3.2	Tipo de Estudo.....	21
3.3	Aspectos éticos.....	22
3.4	Procedimentos da pesquisa.....	24
3.4.1	Primeira fase: Revisão de literatura.....	24
3.4.2	Segunda fase: Mapeamento de profissionais.....	27
3.4.3	Terceira fase: Seleção de colaboradores para a entrevista.....	29
3.4.4	Perfil das Colaboradoras.....	29
3.4.5	Quarta fase: Geração de dados.....	32
3.5	Procedimentos da geração de dados.....	35
3.6	Apresentação das colaboradoras.....	38
4	Análise temática.....	52
5	Achados.....	62

5.1 Tema 1– Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento.....	62
5.2 Tema 2– Formação e disputa epistêmica.....	64
5.2.1 As ausências na formação em terapia ocupacional: Silenciamento das questões.....	64
étnico-raciais, currículo eurocêntrico, racismo institucional	
5.2.2 Referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência.....	66
ocupacional	
5.2.3 Epistemicídio: Disputas entre referenciais teóricos e sua aplicação na formação.....	69
5.3 Tema 3– Racismo e impacto nas práticas de TO.....	71
5.3.1 Responsabilidade ética e política na terapia ocupacional: Assumir a.....	71
responsabilidade técnica, ética e política no combate ao racismo	
5.3.2 Práticas interseccionais, artístico-culturais e antirracistas.....	75
5.3.3 Impactos do racismo nas práticas profissionais: racismo estrutural.....	116
institucional e cotidiano	
5.3.4 Racismo e Branquitude: Limites, desafios e potencialidades de profissionais.....	119
brancos atendendo as pessoas não-brancas	
5.4 Tema 4– O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas.....	121
6 Discussão.....	124
6.1 Tornar-se negra.....	124
6.2 Formação em terapia ocupacional: Paradigma eurocêntrico e Racismo epistêmico.....	129
6.2.1 Referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência.....	133
ocupacional	
6.3 Racismo e terapia ocupacional.....	139
6.3.1 Responsabilidade ética e política na terapia ocupacional.....	143
6.3.2 Racismo, branquitude e terapia ocupacional.....	146
6.4 Afrofuturismo.....	151

6.5	Implicações do estudo.....	153
6.6	Limitações do estudo.....	155
7.	Considerações finais.....	157
	Referências.....	162
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	174
	APÊNDICE B – Formulário GOOGLE® Virtual.....	176
	APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista.....	180
	APÊNDICE D – Roteiro Foto-Elicitação.....	183
	APÊNDICE E – Descrição dos artigos incluídos.....	184
	ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética.....	192
	com Pesquisa com Seres Humanos	

POSICIONALIDADE DA PESQUISADORA

Povoada

Quem falou que eu ando só?

Tenho em mim mais de muitos.

Sou uma, mas não sou só.

(Povoada, 2021, canção de Sued Nunes)

Quando escrevi a minha posicionalidade na dissertação de mestrado, eu fiz um questionamento: Quem sou eu? E para respondê-lo eu narrei os meus caminhos desde a infância até 2022 quando defendi o mestrado. Aqui farei diferente, irei apresentar apenas um recorte da minha vida que é o meu processo de doutoramento que se iniciou em 2022 até o momento da defesa da tese em fevereiro de 2026.

Sou Amanda dos Santos Pereira, mulher cis, preta, baiana, filha de Noêmia e Adailton. Tenho muitos papéis ocupacionais, mas os papéis pelos quais eu mais tenho apreço são: ser tia, filha e pesquisadora. Sou sonhadora, determinada e estou em constante transformação.

Por ser sonhadora e determinada, decidi contrariar as estatísticas e quis cursar terapia ocupacional numa IES. Fui a primeira da minha família a me formar em um curso superior. Antes de terminar a graduação, decidi fazer o mestrado e em 2021 participei do processo seletivo de doutorado na UFSCar e fui aprovada. Eu e a minha família ficamos muitos felizes com a aprovação.

No início do doutorado eu queria continuar pesquisando as comunidades quilombolas, mas eu também tinha outras inquietações. Na escrita do mestrado, eu tive dificuldade em encontrar material que me ajudasse a fundamentar a dissertação. Embora o número de publicações sobre terapia ocupacional e população negra tenha aumentado, ainda é escasso. Por isso, fiquei curiosa para conhecer as práticas de terapeutas ocupacionais com as pessoas negras e povos tradicionais. Eu tinha um encantamento pelo doutorado e pela possibilidade de seguir carreira acadêmica. A docência continua sendo um desejo, mas fiquei desencantada com doutorado por um longo período.

Por causa da pandemia da COVID-19 as aulas da pós-graduação do 1º semestre em 2022 foram realizadas na modalidade remota. Foi um período muito difícil para mim, pois me senti muito sozinha, tudo acontecia no ambiente virtual e havia raríssimos momentos de trocas físicas. Embora já morasse em São Carlos desde 2020, eu não criei raízes e não me identifiquei

com a cidade. Por causa da pandemia não pude visitar as minhas amigas e tudo que me fazia me conectar com a identidade cultural e étnica estava em outros estados. Fui assumindo vários compromissos e projetos para me manter ocupada e assim evitar pensar/sentir a minha solidão. Minhas experiências variaram entre ser seguida no supermercado pelo segurança, ser acusada de furto, ouvir comentários racistas e xenofóbicos de motoristas de aplicativo quando percebiam que o meu sotaque era diferente. Um episódio me marcou muito. Em uma disciplina da pós-graduação todas as discentes tinham que entregar a versão escrita e fazer uma apresentação oral dos projetos de pesquisa de doutorado. Eu fui a primeira pessoa a chegar na sala, estava animada para falar sobre o meu projeto e ouvir/pensar junto com as colegas e docentes em caminhos possíveis para aperfeiçoar o meu trabalho. Eu fui a segunda a pessoa a apresentar, lembro que apresentei sentada porque algumas docentes estavam acompanhando pelo Google Meet® e aquele era o melhor ângulo. Depois que finalizei, a professora responsável pela disciplina passou a palavra para as alunas fazerem comentários e correções. O meu projeto foi muito acolhido por elas, que muito cuidadosas fizeram críticas e sugestões que realmente contribuíram com o projeto. Vale ressaltar que essa era uma turma composta majoritariamente por pessoas negras, que reconheceram a importância do meu trabalho para o campo da terapia ocupacional. Finalizado esse momento, foi a vez das docentes. Eu ouvi que o meu trabalho não era científico, e recebia seguinte pergunta: Por que você está fazendo esse trabalho na terapia ocupacional? Acho que você deveria investigar isso em outro campo. Ouvi também que o meu lugar não era nessa profissão, que eu escolhi. Uma docente falou que não gostou de nada do meu trabalho, disse que eu não sabia escrever. Eu fiquei paralisada, sentada naquela cadeira. Logo eu que aprendi a sempre estar pronta para rebater qualquer situação, naquele momento não consegui fazer absolutamente nada. Não consegui falar, levantar ou sair. Apenas fiquei lá sentada ouvindo as pessoas falarem que eu não era capaz e que não sabia escrever. Ressalto que aqui que a minha intenção não era apenas ouvir elogios, não sou ingênua a esse ponto, mas esperava ouvir críticas que realmente me ajudassem a melhorar o trabalho. Mas não foi o que aconteceu. Uma colega, amiga querida, pediu a palavra e foi ela, uma mulher preta, quem conseguiu verbalizar tudo o que eu naquele momento eu não pude. Ela denunciou o quanto aquela situação era desnecessária e que aquilo não era profissional. Foi um grande debate porque mexeu no ego daquelas mulheres. E no fim ficou por isso mesmo. Eu já estava tão saturada de tudo que eu não tomei nenhuma providência contra essas pessoas.

Por um tempo essa experiência me atravessou de um jeito que eu não conseguia explicar e por muito tempo evitei falar sobre isso. Este texto que vocês iriam ler, ficou mais de 3 meses

parado, pois eu não conseguia nem abrir o arquivo no Word. Eu quis desistir inúmeras vezes, mas desistir, convenhamos, é demais. Não vou dar esse prazer a essas pessoas. Não vou desistir de um sonho coletivo. Para aqueles e aquelas que afirmam que o meu trabalho não é científico e que o meu lugar não é aqui, lamento informar que eu cheguei, e cheguei para ficar.

Eu fui me reencantando com o processo quando fui percebendo que o meu projeto, as minhas ideias, práticas e existência faziam sentido para um coletivo e foi nisso que me apeguei. Eu tive o privilégio de participar de um projeto de extensão intitulado Território do Cuidar, numa comunidade periférica em São Carlos, sob coordenação da Profa. Dra. Martha Minatel, que me deixou muito livre para criar e sugerir. O público-alvo do projeto eram crianças e adolescentes, cuja maioria eram negras. Eu e a Ana Paula, aluna de graduação, começamos a perceber que aquelas crianças não tinham uma identidade étnico-racial positiva. Por isso, propusemos oficinas com essas crianças e discutíamos de forma lúdica várias temáticas sobre beleza negra, ancestralidade e até problemáticas como: existe cor de pele? Foi muito bonito ver o processo de aceitação daquelas crianças negras e crianças brancas reconhecendo que já falaram frases racistas e diziam estar arrependidas. Em 2023 as oficinas viraram o projeto de Iniciação Científica ¹da aluna, e teve resultados incríveis. Como diz Renato Nogueira (2020), professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, temos que voltar para o nosso estado de infância.

Para me aquilombar participei da linha de pesquisa Atividades Afroreferenciadas, Afroacessibilidade, Negritudes e Terapia Ocupacional (AAAfroNTO), tive o privilégio de fazer amizades com pessoas negras que admiro muito, em que pude compartilhar as dores e as delícias da vida, pude pensar, questionar e refletir sobre a terapia ocupacional.

Em 2022, em um evento na UFSCar, eu conheci a Profa. Dra. Khalilah Johnson que foi convidada para compor uma mesa e falou sobre a sua pesquisa com pessoas negras com dificuldades cognitivas, nos Estados Unidos. Eu fiquei encantada com a fala e postura dela, e eu e as minhas amigas, com o nosso inglês básico, fomos cumprimentá-la. Ali, naquele momento, eu decidi fazer o doutorado sanduíche nos Estados Unidos. Há quem diga que eu sou emocionada e crio muitas expectativas e confirmo que sou mesmo. E foi assim que decidi que iria tentar o processo seletivo para complementar o doutorado no exterior. Na verdade, estudar fora do Brasil sempre foi um sonho de infância, mas com o final do Programa Ciência sem Fronteiras esse sonho foi esquecido. Esse sonho foi ressuscitado em 2022, quando eu

¹O que dizem e fazem as crianças em seus cotidianos: problematizando e construindo culturas antirracistas na promoção de saúde mental.

conheci a Profa. Dra. Khalilah Johnson, docente no departamento de Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (UNC), com excelente reputação na área de Teoria Crítica e Estudos de Negritude e Racismo e Ciência Ocupacional.

Em 2023 o PPGTO abriu processo seletivo do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior da CAPES (PDSE - Edital nº 44/2022 - Seleção 2023). A minha maior dificuldade no processo foi o exame de proficiência em inglês, de caráter eliminatório, pois na época a CAPES ainda exigia a proficiência. Depois de três tentativas, alcancei a pontuação necessária. Depois de meses de muita burocracia e desgaste mental, fui aprovada no processo seletivo e consegui a tão sonhada bolsa da CAPES, para um período de 10 meses. Devido ao valor da bolsa a UNC quase recusou o meu pedido de ser pesquisadora visitante, pois alegaram que o valor era baixo e seria quase impossível me manter na cidade devido ao alto custo de vida. Graças à minha família, consegui comprovar a renda necessária e depois de muito esforço de bolsistas e ex-bolsistas PDSE, em 2024 consegui o adicional localidade, pois a CAPES atualizou a lista de cidades mais caras nos Estados Unidos. Infelizmente, a educação não é prioridade no nosso país.

Após ser aprovada, iniciou-se a jornada para conseguir o visto americano e as documentações da UNC. A CAPES também não cobre esses gastos e mais uma vez tive que pagar com recursos próprios. A vida de uma discente negra em um país meritocrata não é nada fácil. Durante o período de outubro de 2023 a julho de 2024, fui pesquisadora visitante na UNC.

Nesse período que passei em outro país, tive que me reinventar, porque estava inserida em uma outra cultura, língua e hábitos. Houve um momento em que eu estava muito desconectada do movimento negro e da minha identidade étnico-racial. Novamente, eu era uma das poucas pessoas negras no departamento e a única negra brasileira no grupo de Whatsapp BRASA em UNC. A única brasileira negra que estudava na universidade. Isso era muito solitário. Em muitos momentos eu me questionava o porquê era a única pessoa negra ali, obviamente isso se dá devido ao racismo e à falta de políticas públicas efetivas. No imaginário social, pessoas negras não podem sair do país. Eu já saí do Brasil três vezes, duas vezes a turismo e outra para estudar, e mesmo com recursos financeiros para me manter no outro país, no momento de passar no raio X para embarcar, o “sistema” me selecionava para uma revista aleatória de segurança. Isso aconteceu em dois aeroportos diferentes, em diferentes estados brasileiros. Em uma dessas viagens quase perdi o voo, mas isso não importava, porque o sistema tinha me escolhido e os meus pertences tinham que ser revistados. Nunca encontraram nada,

afinal não estava transportando nada ilegal. Mas eu era exposta a essa humilhação. Uma vez questionei o porquê tinha sido a única pessoa escolhida e me responderam que o sistema me selecionou, mas são seres humanos que criam os algoritmos e são as pessoas que operam as máquinas. Ou seja, dizer que foi o algoritmo foi uma resposta cômoda para ninguém se responsabilizar. Isso não acontece apenas comigo e nos aeroportos que já passei, diariamente circulam nas redes sociais vídeos de pessoas negras expondo a mesma situação.

Certa vez estava na fila para embarque internacional (a única pessoa preta ali) e a funcionária me chamou, não olhou o meu cartão de embarque e disse que a fila para os voos domésticos era em outro lugar. Eu revirei meus lindos olhos e entreguei o meu cartão de embarque, ela pediu desculpas. Isso mostra que, para pessoas negras, o direito de viajar para outro país é negado, o racismo é tão cruel que até uma viagem para lazer/estudo/trabalho se torna exaustiva.

Retornando às minhas vivências nos Estados Unidos, eu lembro que um dia escrevi no Google *Black people culture in Chapel Hill* – cultura negra em Chapel Hill e encontrei o Centro Sonja Haynes Stone para História e Cultura Negra. Fui até lá e participei de um evento. Foi um evento pequeno e tive a oportunidade de me apresentar e conhecer pessoas negras. Eu fiquei tão feliz. Nessa oportunidade conheci o Prof. Dr. Joseph Jordan, que se tornou um mentor e um amigo. Através dele eu participei de vários eventos sobre negritude e conheci muitas pessoas negras. Em um desses eventos, eu conheci o Douglas Belchior, cofundador da UNEAFRO e a Profa. Dra. Nilzimar. Ela foi a primeira professora, brasileira, negra que eu conheci na universidade. Virou uma amiga especial e me apresentou à Mestre de Capoeira Tigresa e à Thaís, afilhada da Tigresa e eu que não tinha amigas pretas, de repente tinha 3, éramos um quarteto e quase todas as sexta-feira saíamos juntas. Eu me sentia em casa. O aquilombamento novamente me salvou.

Eu mudei muito e aprendi tanto sobre mim. Virei amante de café e cappuccino nos Estados Unidos, amava ir à cafeteria, ler e escrever enquanto tomava um café. Eu me sentia muito chique e madura (eu que não conseguia tomar no Brasil e ainda sigo sem conseguir tomar café aqui, porque é muito forte e me dá insônia). Eu aprendi a gostar da minha própria companhia e aprendi a dizer não, sem ficar me justificando. Nem tudo foram flores, também passei alguns sufocos, às vezes não compreendia o que as pessoas falavam, às vezes me cobrava demais e às vezes sentia saudade de casa. Financeiramente, eu tive que abrir mão de muita coisa só para ter dinheiro pra pagar o básico (aluguel, energia elétrica, água, internet) e alimentação.

Eu tive muita sorte de encontrar amigas queridas que me doaram cama, escrivaninha e utensílios de cozinha.

Quando tudo estava prestes a desmoronar, eu encontrava motivos para sorrir. Um desses motivos foi quando eu recebi o parecer de um pôster que eu e a profa. Khalilah, escrevemos sobre a capoeira como uma forma de resistência para a população negra brasileira. Uma pessoa escreveu: *Very well written* – Muito bem escrito. Logo eu que ouvi anteriormente que não sabia escrever, recebi um parecer que dizia que o texto estava bem escrito – Um texto escrito em inglês- Eu dei um grito quando li, meus colegas americanos acharam que eu estava passando mal (risos).

O meu processo de doutoramento chegou ao fim. Eu entendi que aqui é o meu lugar. Sigo defendendo uma terapia ocupacional crítica, decolonial, contra-hegemônica, antirracista e feminista. Na minha dissertação escrevi que, no caso da terapia ocupacional, “a tomada de consciência sobre as responsabilidades morais e éticas de profissionais em relação à produção de desigualdades é urgente. A autora alerta que o processo será demorado e desafiador, mas que poderá reorientar as práticas de terapeutas ocupacionais. Práticas antirracistas e contra-hegemônicas são, portanto, urgentes” (Pereira, 2022, p.198).

Um dia eu estava ouvindo o Podcast Mano a Mano (2023) e o Mano Brown, seu criador, perguntou à Conceição Evaristo qual era a memória mais antiga dela. Isso me fez pensar na minha memória mais antiga, e lembrei de uma memória afetiva que tenho com o meu avô paterno Silvino Pereira. Todas as tardes o meu avô ia à minha casa, eu e ele íamos até a mercearia e ele comprava um pacote de biscoito de goma. Ele colocava alguns nas minhas mãos. Eu, com as mãos muito pequenas, sempre deixava o biscoito cair no chão. Pedia mais ao meu avô e ele sempre me perguntava o porquê eu tinha derrubado os biscoitos. Com o tempo o meu avô parou de nos visitar, eu tinha por volta de 3 ou 4 anos quando ele faleceu. Até hoje toda vez que como um biscoito de goma, lembro dele e me pego rindo fechando as mãos para não deixar nenhum biscoito cair no chão. Hoje acredito que inconscientemente o meu avô estava me ensinando a segurar com as duas mãos as oportunidades da vida. Conteí essa história, porque o meu avô não viu as minhas conquistas acadêmicas, mas cada linha dessa tese tem um pouco dele e dos meus ancestrais. Assim como a minha dissertação de mestrado, a escrita dessa tese é fruto de uma produção coletiva, que foi pensada, partilhada, e idealizada com e por muitas pessoas.

Apresentação da tese

Para a organização do texto² e para facilitar as/aos/es leitoras a acompanharem o percurso teórico metodológico realizado, vou trabalhar em três seções, para as quais proponho a seguinte estrutura: Na primeira parte, **Introdução**, apresento as principais teorias elaboradas para explicar o racismo, assim como apresento como o racismo foi instaurado no Brasil e os principais conceitos e definições do fenômeno. Identifico também algumas estratégias criadas para combater o racismo no Brasil.

Na segunda seção da tese apresento os **Percursos Metodológicos** que foram desenvolvidos para realizar o estudo. Na terceira seção apresento os **Achados** do trabalho de campo realizado, bem como uma análise e discussão dos referidos achados e alguns apontamentos sobre as implicações e as limitações do estudo. Por fim, as **Considerações finais** trazem observações gerais deste estudo.

² Para apoio à redação do projeto, foram utilizadas ferramentas computacionais baseadas em inteligência artificial, exclusivamente para revisão linguística, padronização de formatação textual, adequação a normas de caracteres e auxílio na identificação e organização de referências bibliográficas completas, sem interferência na concepção científica, nos objetivos, na metodologia ou na interpretação dos resultados, os quais são de inteira responsabilidade da proponente.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Principais teorias elaboradas para explicar o racismo

Em 2024, na tentativa de aprofundar os conhecimentos sobre os estudos sobre o racismo, visto que não tive disciplinas com foco nesse fenômeno na pós-graduação, fiz um curso de extensão no departamento de filosofia na UNILAB, intitulado Estudos sobre o racismo. Os encontros aconteceram na modalidade remota e objetivavam refletir e debater sobre as principais teorias elaboradas por pensadoras e pensadores africanos do continente e diáspora para explicar as origens do racismo, assim como refletir de modo crítico sobre as relações entre racismo, cultura e educação. As teorias estudadas foram: Teoria dos Dois Berços de Cheikh Anta Diop, Teoria de Carlos Moore, Teoria Vulindlela Wobogo, Teoria de Frances Cress Welsing, Teoria de Marimba Ani e a Teoria de Bobby Wright. Nesta tese, por uma escolha político-pessoal, apresento com maior aprofundamento a teoria dos Dois Berços de Cheikh Anta Diop.

Cheikh Anta Diop nasceu no Senegal em 1923 e faleceu em 1986. Diop foi arqueólogo, químico, antropólogo, egiptólogo, linguista e filósofo (Diop, 2014). Mudou-se para a França para realizar a pós-graduação, sendo a única pessoa negra nesse espaço acadêmico. Sua formação acadêmica e política sólida lhe permitiu confrontar a visão eurocêntrica que a academia havia consolidado sobre o continente africano.

Conforme o autor, a humanidade surgiu cerca de 2 milhões de anos no continente africano, próximo ao Paralelo do Equador (Diop, 2014). Até a fase final do Neolítico Superior o planeta todo estava habitado por populações melanodérmicas (de pele negra). A diferenciação racial³ aconteceu na Europa, provavelmente no Sul da França e na Espanha, ao término da última glaciação Wurm, entre 40 mil e 20 mil anos atrás, quando o clima era extremamente frio. Assim, o primeiro branco apareceu por volta de 20.000: o chamado Homem do Cro-Magnon, devido ao processo de despigmentação da pele. Ao longo da evolução, os humanos que migraram para regiões da Europa com menor incidência de luz solar desenvolveram pele mais clara como uma adaptação para otimizar a produção de vitamina D em ambientes com menos luz solar. Portanto, as raças brancas e amarela (leucodérmicos) não existiam antes de 6 a 12 mil anos atrás (Diop, 2014). Para fundamentar o seu pensamento, Diop formulou a teoria dos Dois Berços: Sul e Norte (Diop, 2014).

³ A raça no sentido biológico não existe, mas é aplicável em estruturas socio-históricas, ideológicas e políticas que causam desigualdades injustas de poder, recursos, capacidades e oportunidades da população negra. (Gonzalez, 1988a, Kendi, 2019).

O berço Meridional (do Sul), confinado ao continente africano em particular, é caracterizado pela **família matriarcal**, através da **criação do estado territorial**, em contraste às cidades-estados arianas, **a emancipação da mulher na vida doméstica**, a **xenofilia**, o **cosmopolitismo**, **um tipo de coletivismo social** que proporciona tranquilidade com relação ao futuro, **solidariedade material** de direito para cada indivíduo, o que torna a miséria moral ou material desconhecida até o presente; há pessoas vivendo na pobreza, mas ninguém se sente sozinho e nem abandonado. No domínio moral, essa organização social mostra um ideal de **paz, de justiça, de bondade e otimismo**, o que elimina toda noção de culpa ou pecado original na religião ou em instituições metafísicas. O tipo de literatura que prevalece são novelas, fábulas e comédia (Diop, 2014).

Já o berço Mesopotâmico (do Norte), confinado à Grécia e Roma, é caracterizado pela **família patriarcal**, pelas **cidades-estados** – porém os nortistas ampliaram sua concepção de estado, elevando a ideia de estado territorial e império. As características particulares destas cidades-estados, fora das quais o homem era um fora da lei, desenvolveram um **patriotismo interno**, bem como a **xenofobia, individualismo, solidão moral e material, desgosto pela existência**, tudo isto é objeto da literatura moderna, que mesmo nos aspectos filosóficos não é nada mais do que a expressão da tragédia do modo de vida dos ancestrais arianos, são todos atributos deste berço. **Um ideal de guerra, violência, crime e conquistas herdados da vida nômade** tem como consequência um sentimento de culpa e pecado original, o que acarreta a elaboração de sistemas religiosos e metafísicos pessimistas, e é um atributo especial deste berço (Diop, 2014).

Diop utilizou essa dicotomia para explicar as disparidades raciais, sociais, políticas e econômicas entre as duas regiões, destacando a importância do resgate da história e das culturas africanas para uma compreensão mais justa da evolução da humanidade.

Para Diop (2014), o racismo surgiu quando o povo branco migrou em direção às áreas do Sul, por volta de 1500 a.C., e entrou em contato com os povos que ali viviam. No confronto entre esses dois grupos, a diferença do fenótipo, isto é, aparência física, foi um fator para justificar a manutenção do poder e as desigualdades raciais. Assim, o racismo não surgiu apenas com o processo de escravização dos africanos no século XVI, mas tem raízes mais antigas, existindo antes do surgimento do capitalismo.

1.2 Racismo no Brasil: políticas de morte, violência e violação de direitos

O racismo está relacionado à concentração de poder em que um grupo detém o controle e por isso oprime e subalterniza os demais. Essas hierarquias são baseadas na crença da superioridade entre as raças, tendo a raça branca como superior em detrimento da raça negra, indígena, asiática e amarela (Nogueira, 2020; Silva, 2021). Dessa forma, historicamente os critérios estabelecidos para hierarquizar as raças foram: o traço fenotípico como a cor da pele, dos olhos, textura do cabelo, formato do nariz, das mãos e pés, lábios e crânio; mas também as qualidades morais, intelectuais, físicas, emocionais, estéticas e psicológicas (Munanga, 2004). Nessa direção, Vigoya (2020, p.38) adverte que “sem racismo e sem racialização não existe raça. Dito de outra maneira, o conceito de “raça” deriva do racismo, e não o contrário”.

Embora as teorias eugenistas do século XIX tenham tentado comprovar através da ciência a superioridade entre os povos, cabe ressaltar que o conceito de raça (no sentido biológico) não explica a diversidade humana (Munanga, 2004). Todavia, apesar da raça não existir biologicamente e cientificamente, no contexto social o conceito ainda é usado para explicar a superioridade entre os povos. Contrapondo as definições de raça, o conceito de etnia diz respeito aos povos que compartilham o mesmo território, a mesma língua, hábitos, rituais, cultura, assim como possuem ancestrais em comum. Dessa forma, os povos tradicionais são considerados grupos étnicos (Miranda, 2010).

Os teóricos eugenistas alegavam que o Brasil, do século XIX, precisava embranquecer, por isso convidaram pessoas europeias para virem morar no território brasileiro, ofereceram moradia e emprego e em troca essas pessoas deveriam embranquecer o país (Guimarães, 1995; Jaccoud, 2008). Neste período o branco foi racializado como universal, racional, considerado um modelo a ser seguido, enquanto o negro foi racializado como inferior, emocional e animal. Dessa maneira, a população branca depositou nas pessoas negras todas as características que ela também possui, porém, condena e reprime.

Ao decorrer dos anos, as práticas racistas foram reconfiguradas, o racismo científico foi substituído pela ideologia da democracia racial que perdura até os dias atuais no imaginário social⁴ (Freyre, 2003; Guimarães, 2006). Conforme Gonzalez (1988a), no Brasil o racismo é ancorado no *racismo à brasileira* e no mito da democracia racial.

⁴ Gilberto Freyre, ao escrever o livro *Casa-grande & Senzala* em 1930 instituiu a democracia racial. Ele afirmou que no Brasil Colonial não existiu racismo, pois a relação entre brancos, negros e indígenas era harmoniosa. O mito da democracia racial atrasou a criação de políticas públicas voltadas para a população negra e indígena, pois invisibilizou o racismo em todas as suas formas (Freyre, 2003; Gonzalez, 1988; Guimarães, 2006).

Cabe destacar que as práticas racistas são múltiplas. Destaco a seguir cinco níveis em que o racismo pode ser manifestado: **1. racismo estrutural**, presente nas estruturas sociais e políticas da sociedade que cria condições desiguais em vários âmbitos da vida social (Almeida, 2019); o **2. racismo institucional** presente nas organizações e instituições e que dificulta o acesso e a permanência das pessoas negras nesses espaços (Almeida, 2019; Bento, 2002); o **3. racismo relacional**, manifestado nas relações interpessoais, e está relacionado ao comportamento de um sujeito ou de um pequeno grupo (Almeida, 2019; Kilomba, 2019); **4. racismo cotidiano**, refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (Kilomba, 2019, p.78); e, por fim, o **5. racismo epistêmico** em que as epistemologias não-brancas são excluídas dos espaços de produção de conhecimento científico, assim como as obras de intelectuais não brancos não são mencionadas nas instituições de ensino (Beagan et al., 2022; Carneiro, 2005).

No Brasil, embora no ano de 1989 tenha sido aprovada a lei de crime racial nº 7.716 que pune os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, sob pena inafiançável (Brasil, 1989), até o ano de 2023 ninguém havia sido condenado por cometer um crime de racismo. As denúncias de racismo feitas por pessoas negras geralmente são desacreditadas, e em raríssimos casos elas são reconhecidas, sendo tratadas apenas como crime de injúria racial. Esse crime é caracterizado por ofensas a uma pessoa específica com base em sua raça, cor, religião, idade e/ou deficiência, sendo punido com reclusão de um a seis meses, ou, alternativamente, o acusado pode ser condenado a pagar uma multa estipulada pelo poder judiciário. É possível perceber que as vozes e as dores da população negra são silenciadas, pois com frequência os processos são arquivados. Assim, a lei existe, mas quem se beneficia dela? Convém salientar sancionada em 2023, a lei que equipara a injúria racial ao crime de racismo, com a pena de dois a cinco anos de reclusão (Brasil, 2023).

Reitero que o racismo pode se manifestar de diferentes formas, assim, as estratégias de opressão são múltiplas e heterogêneas, podendo ser apresentadas através do fenótipo, cultura, religião, ambiente, humor, entre outras formas (Lima, 2019; Pereira; Magalhães, 2023). Igualmente, esse fenômeno se modifica conforme a localidade e com tempo, dificultando a identificação dos sinais do fenômeno (Pereira, 2022). Nessa direção, as estratégias antirracistas também precisam ser múltiplas e diferem em cada sociedade.

1.3 Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo da educação, saúde e política, em resposta às reivindicações do movimento negro

Com base nos estudos de Freire (1980), que defende que não basta apenas denunciar as estruturas desumanizantes é necessário anunciar mundos humanizantes, Nogueira (2020) criou o termo **pronunciar**, com o qual ele salienta que, ao falar sobre o racismo, não podemos apenas denunciar as opressões enraizadas na sociedade, mas, sobretudo, é necessário apresentar um novo mundo com propostas humanizantes, modos de vidas contra hegemônicos e um modelo de sociedade que rompe com a lógica oprimido e opressor. O autor afirma:

Se a denúncia apresentou o fenômeno do racismo na infância, a pronúncia é utópica. Ela não pretende apenas contra-atacar e reagir ao racismo que afeta as crianças negras; mas, propor algo novo, um lugar que ainda não habitamos. Toda utopia é pretensiosa. Por isso, uma utopia capaz de reinventar um mundo sem racismo e adultocentrismo não poderia ter apenas caráter corretivo, isto é, operar através de uma lógica legalista que procura punir pessoas e instituições culpadas. A utopia pretende criar condições para que outras pessoas e outras instituições coabitem o mundo. Daí, nossa hipótese ser de uma utopia que possa denegrir e infanciar o mundo (Nogueira, 2020, p.6).

Posto isso, é necessário pensar e criar ações antirracistas. Assim, devido aos inúmeros protestos feitos pelo movimento negro e indígena, o Estado brasileiro, sob a pressão de se responsabilizar pelas desigualdades sociais e históricas presentes no país, adotou algumas estratégias antirracistas nas áreas da educação, saúde, política, que apresentarei a seguir.

1.3.1 Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo da educação

Os currículos pedagógicos das escolas e das universidades brasileiras são em sua grande maioria fundamentados em conhecimentos eurocêntricos que, na maioria das vezes, não representam o contexto brasileiro (Albernaz; Carvalho, 2022; Barros, Souza; Euclides, 2022). Isso faz com que os conhecimentos dos povos não-brancos sejam excluídos e silenciados dessa esfera de poder, o que obviamente é uma manifestação do **racismo epistêmico**, conceito que foi popularizado por Boaventura Santos (2010). No movimento negro esse conceito é discutido em detalhe pela Sueli Carneiro (2005).

O acesso à educação sempre foi uma pauta na agenda política dos movimentos não-brancos brasileiros e graças às reivindicações desses povos foram criadas as Leis Nº10.639/2003⁵, Nº11.645/2008⁶ e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

⁵ Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

⁶ Sugere novas diretrizes curriculares para o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

(DCNERER) – Resolução Nº 1, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio. Mais recentemente, em 2024, foi estabelecida a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola por meio da Portaria nº 470/2024. Essa política objetiva implementar ações e programas educacionais para enfrentar as desigualdades étnico-raciais, combater o racismo nos ambientes acadêmicos e promover oportunidades educacionais para a população quilombola (Brasil, 2024). Todavia, os dispositivos legais negligenciam a inclusão dessas temáticas na educação superior, que na verdade prepara profissionais para o serviço à população negra, quilombola e indígena através do desenvolvimento de políticas públicas. Isso mostra o quanto ainda é preciso avançar, pois, no âmbito universitário, as produções de conhecimentos sobre/dos povos não-brancos são plenamente negligenciadas (Barros; Souza; Euclides, 2022).

Em relação às universidades brasileiras foram criadas as Políticas de Ações Afirmativas, criada em 2012 e reformulada em 2023 Lei 14.723/23 que instituem cotas para a população negra e indígena nos cursos de graduação e da pós-graduação (Brasil, 2023). Apesar dessas conquistas, que são extremamente importantes para os povos não-brancos, a universidade continua sendo um ambiente elitizado, monoepistêmico e monorracional (Albernaz; Carvalho, 2022; Barros; Souza; Euclides, 2022). Dessa forma, autores enfatizam a necessidade das universidades serem pluriépistêmicas, o que exigirá descolonizar ou contra colonizar as universidades (Albernaz; Carvalho, 2022; Barros; Souza; Euclides, 2022).

As pesquisas realizadas nas universidades devem responder aos problemas presentes na sociedade, bem como devem ter relevância social, científica e tecnológica. No entanto, é comum que nas pesquisas, principalmente nas pesquisas de campo realizadas com pessoas em situações de vulnerabilidade, pesquisadores falem sobre e para esses povos. Em outras palavras, trata-se de pensar esses grupos como incapazes de gerir e elucidar seus próprios problemas, cristalizando uma perspectiva “fatalista” das estruturas sociais (Freire, 2005, p.85). Essas atitudes situam essas pessoas apenas como objetos da pesquisa, sem qualquer papel que não seja os papéis que interessam apenas aos objetivos da própria academia. Em contraste, Windle et al. (2020) criaram o **paradigma transperiférico**, cujo objetivo é construir um diálogo entre a academia e as comunidades periféricas, considerando que não apenas a universidade produz conhecimento.

O conceito de *transperiferias*, assim, constitui um espaço epistemológico e politicamente fértil para a construção de uma agenda socialmente engajada de pesquisa e de agência. Essa agenda indica vias de ruptura com paradigmas já consolidados, nos quais a produção de conhecimento sobre a desigualdade se

dá de forma divorciada dos próprios sujeitos e territórios engajados na contestação dessas posicionalidades marginalizadas a eles designadas (Windle et al., 2020, p. 1565, grifo nosso).

O **paradigma transperiférico** é fundamentado no letramento de resistência e sobrevivência. O **letramento de resistência** inclui as formas que as pessoas negras criam para (re)existir, bem como para denunciar as práticas opressoras presentes na sociedade, através da música, dança, pintura, poesia e escrita, entre outras manifestações artísticas. Assim, “letramentos de reexistência não pretendem apenas responder a demandas colonizadas de usos de linguagem, mas também recriar e fortalecer para dentro e para fora de seus espaços de pertença” (Windle et al., 2020, p. 1568). Já o **letramento de sobrevivência** relaciona-se às estratégias de sobrevivência criadas pelas pessoas periféricas, expostas a situações de violências tais como o homicídio intencional e que, por descaso do Estado, não conseguem acessar as políticas públicas (Windle et al., 2020).

Na mesma direção, uma estratégia antirracista apontada por Barros, Souza e Euclides (2022) é a importância de oferecer uma formação em uma perspectiva antirracista aos professores do ensino infantil, médio, técnico e universitário: “é preciso que eles sejam sensibilizados para essa pauta e estejam munidos de embasamento teórico e metodológico para, de fato, contribuir na luta contra o racismo incrustado na nossa sociedade” (Barros; Souza; Euclides, 2022, p. 3). Com efeito, para que a luta antirracista seja efetiva, o corpo docente, discente e administrativo das instituições de ensino deve estar engajado nessa luta, pois para provocar mudanças no ambiente acadêmico é necessária a colaboração de todas as pessoas (Albernaz; Carvalho, 2022; Barros; Souza; Euclides, 2022).

Outra estratégia criada para combater o racismo epistêmico ocorre através da inclusão dos conhecimentos e saberes da população negra e indígena brasileira nas universidades. Por exemplo, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) desenvolveu o projeto intitulado Encontro de Saberes (Albernaz; Carvalho, 2022). O primeiro Encontro de Saberes ocorreu em 2010 no curso de graduação em Antropologia na Universidade de Brasília. A partir de então várias universidades brasileiras promovem o Encontro, o qual visa incluir mestras e mestres de saberes tradicionais na docência numa posição similar de docentes, bem como a inclusão dos saberes tradicionais nos currículos de ensino superior (Albernaz; Carvalho, 2022). Essa proposta tem quatro dimensões básicas: **a inclusão étnico-racial, a dimensão política, a pedagógica e a epistêmica.**

A **inclusão da dimensão étnico-racial** é extremamente importante, pois devido ao racismo institucional e estrutural esses tópicos jamais foram incluídos no meio acadêmico

(Barros; Souza; Euclides, 2022). **Dimensão política** está relacionada à Política de Ação Afirmativa e às pautas antirracistas, além disso, essa dimensão também inclui as denúncias contra as dinâmicas opressoras de poder que operam nas universidades. Assim, para receber as mestras e os mestres tradicionais a estrutura da universidade deve ser modificada, pois “ao serem convidados para lecionar nas universidades mestres e mestras dos saberes tradicionais que não possuem diplomas, mas um saber fundamentado em tradições e epistemologias próprias, será necessário à universidade uma reformulação burocrática para receber esses conhecedores” (Albernaz; Carvalho, 2022, p. 333–334). Já a **dimensão pedagógica** “fundamenta a perspectiva antirracista ao estabelecer mecanismos de interlocuções pluriépistêmicas nas múltiplas áreas do saber. As artes e ofícios passam a ser reintroduzidas nas universidades, propondo diálogos distintos com os campos das ciências ocidentais” (Albernaz; Carvalho, 2022, p. 344). Cabe ressaltar que os conhecimentos dos povos afro-brasileiros e indígenas são conhecimentos de vida, por isso não devem ser discutidos em apenas uma disciplina, pois são conhecimentos transdisciplinares, polirraciais e pluriversais, devendo ser transversais a todos os campos de saber. Por fim, a **dimensão epistêmica** questiona o paradigma monoepistêmico fruto do modelo ocidental presente nas universidades, dessa forma, “busca criar um ambiente propício para o convívio entre saberes de distintas matrizes socioculturais, agenciando a diversidade específica de cada área do conhecimento” (Albernaz; Carvalho, 2022, p. 344). Portanto, fica evidente que não basta apenas falar sobre os povos não-brancos, além disso, é necessário falar com esses povos, é necessário ouvir e aprender com as mestras e mestres, os verdadeiros conhecedores desses saberes, por isso, esses conhecimentos devem ser incluídos nas grades curriculares e ensinados pelas mestras e mestres tradicionais.

Ainda no campo da educação, profissionais das ciências humanas, biológicas e exatas têm criado programas e ações que promovem a diversidade, inclusão e equidade, assim como têm criado protocolos que visam auxiliar os departamentos e profissionais a construir laboratórios antirracistas e mais inclusivos (Chaudhary; Berhe, 2020). Chaudhary e Berhe advertem que para um laboratório ser antirracista é necessário que as pessoas que fazem parte do laboratório usem os seus respectivos *loci* para criar ações para combater o racismo, assim como políticas equitativas e inclusivas devem ser implementadas. Nessa direção, as autoras elaboraram 10 regras para construir um laboratório antirracista que envolvem: criar um ambiente seguro, respeitoso e acolhedor; docentes devem conduzir discussões sobre as relações étnico-raciais, assim como devem ouvir as vozes e as demandas das pessoas não-brancas e contratar essas pessoas para trabalhar nos laboratórios. As autoras defendem que é de

responsabilidade de pesquisadoras brancas e não-brancas abordar essas temáticas nos espaços de produção de conhecimento científico, pois o racismo institucional dificulta a entrada e a permanência da população negra e indígena na academia. Convém ressaltar que, embora as autoras apresentem algumas estratégias, as abordagens antirracistas são múltiplas e não podem ser padronizadas.

1.3.2 Estratégias antirracistas adotadas pelo Estado brasileiro no campo das políticas e saúde

Já no âmbito da política, diante das disparidades raciais e gênero, foram criadas as cotas raciais, de gênero e sexualidade para garantir a participação efetiva desses grupos no poder legislativo e executivo. Assim, durante o período eleitoral as candidatas que se reconhecem como mulheres, negras, indígenas e LGBTQIA+ podem ocupar as vagas de cotas nos partidos políticos aos quais desejam filiar-se (Brasil, 2021).

Na área da saúde, em 2009 foi criada a PNSIPN, visando combater as desigualdades que afetam a saúde da população negra. Desse modo, essa política reconhece o racismo como determinante social da saúde. Assim, é dever do Estado, dos gestores e profissionais do SUS promover o acesso da população negra aos serviços de saúde e oferecer um atendimento humanizado.

O Ministério da Saúde reconhece e assume a necessidade da instituição de mecanismos de promoção da saúde integral da população negra e do enfrentamento ao racismo institucional no SUS, com vistas à superação das barreiras estruturais e cotidianas que incidem negativamente nos indicadores de saúde dessa população – precocidade dos óbitos, altas taxas de mortalidade materna e infantil, maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas e altos índices de violência (Brasil, 2017, p.8).

Vale ressaltar que em 2017, o Ministério da Saúde criou a Portaria nº 344/17 (Brasil, 2017), que torna obrigatório o preenchimento do quesito raça/cor/etnia nos formulários dos sistemas de informação em saúde, no entanto, a maioria dos profissionais não preenche esse campo (Brasil, 2017), isso o que obviamente dificulta a criação de políticas públicas para essa população. Dessa forma, torna-se necessário que a política e a portaria sejam discutidas durante a formação profissional e nos espaços de educação continuada e permanente (Oliveira et al., 2021).

Em 2025, o Ministério da Saúde realizou uma consulta pública destinada à sociedade civil sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola (PNASQ). Trata-se da primeira política voltada especificamente para atender às particularidades dessa população, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e garantir acesso integral à saúde a partir de

uma perspectiva interseccional. A política busca, sobretudo, reduzir as desigualdades étnico-raciais e enfrentar o racismo nos serviços do SUS.



2 OBJETIVOS

Este projeto de pesquisa desenha-se a partir dos seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- ❖ Identificar, descrever e refletir sobre as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e povos e comunidades tradicionais⁷.

Objetivos Específicos

- ❖ Compreender como terapeutas ocupacionais têm se aproximado da população negra e dos povos e comunidades tradicionais;
- ❖ Mapear as práticas de terapeutas ocupacionais que abordam as questões étnico-raciais nas suas intervenções profissionais;
- ❖ Identificar os arcabouços conceituais e metodológicos que norteiam as práticas de terapeutas que atuam com a população negra e povos e comunidades tradicionais;
- ❖ Conhecer as possibilidades, limites, estratégias, percepções e desafios encontrados por terapeutas ocupacionais nesse campo de atuação;
- ❖ Revisar os conhecimentos, existentes na literatura, sobre as maneiras pelas quais terapeutas ocupacionais podem se engajar em ações antirracistas na prática profissional.

⁷ Nesta tese, serão focalizados apenas os grupos tradicionais marcados por processos de racialização, isto é, aqueles historicamente submetidos a formas específicas de discriminação, exclusão e violência. Esse recorte dialoga com a definição de povos e comunidades tradicionais prevista no art. 3º, I, do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, mas privilegia, no interior desse universo, os grupos cujas experiências sociais são atravessadas pela racialização.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1 Pergunta de pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido a partir das seguintes indagações:

- ❖ *Como se caracterizam as práticas de terapeutas ocupacionais com a população negra e povos e comunidades tradicionais, no contexto brasileiro?*
- ❖ *Que arcahouços conceituais e metodológicos norteiam as eventuais práticas de terapeutas ocupacionais, dirigidas à população negra e aos povos e comunidades tradicionais?*

3.2 Tipo de Estudo

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, combinada com metodologia visual. A pesquisa qualitativa visa resgatar a subjetividade das pessoas, bem como as suas dimensões internas, crenças, valores e cosmo-sensações (Minayo; Sanches, 1993; Minayo, 2010; 2014). Desse modo, a abordagem qualitativa contrapõe-se à pesquisa quantitativa, pois os dados quantificáveis não são suficientes para compreender as experiências de vida, ou seja, não abarcam a subjetividade dos sujeitos e coletivos, assim como na pesquisa qualitativa os dados obtidos não são universais, por isso não podem ser generalizados. Sendo assim, pesquisadoras apontam a necessidade de contextualizar culturalmente e socialmente as pessoas e os grupos aos quais elas pertencem.

A partir das falas das/dos participantes é possível resgatar a subjetividade e os significados simbólicos, emocionais, políticos e culturais

[...] a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (Minayo; Sanches, 1993, p. 245).

A abordagem qualitativa proporciona um aprofundamento das dimensões internas, considerando a subjetividade das pessoas. Por isso, contrapõe-se ao modelo positivista, pois estuda o fenômeno com mais profundidade, não o considerando como universal, mas enfatiza as especificidades do funcionamento interno dos grupos e sua relação com as instituições e relação entre os sujeitos (Minayo, 2010; 2014).

A perspectiva do feminismo afro-latino-americano também compõe a metodologia deste trabalho. O feminismo afro-latino-americano é situado no Sul Global e possui uma

perspectiva decolonial e antirracista. Não existe feminismo se a intersecção do racismo, heterocispatricado e capitalismo não forem consideradas (Gonzalez, 1988).

Lélia Gonzalez apresenta o conceito de Amefricanidade para abordar os processos de exclusão e segregação sofridos pela população negra e indígena, localizada nos países da América Latina, Caribe e Brasil. O termo permite que as barreiras territoriais, de linguagem e ideológicas sejam ultrapassadas. Para a autora, todos os brasileiros são latinoamefricanos, e a negação da herança afro-ameríndia é uma manifestação do racismo. O conceito propõe, portanto, a proximidade com a África, bem como a valorização da própria cultura e ancestralidade (Gonzalez, 1984; 1988a). “(...) Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada (...)” (Gonzalez, 1988a, p. 76–77).

A perspectiva do feminismo afro-latino-americano e da Amefricanidade vem sendo discutida na terapia ocupacional, entendendo a pessoa negra como protagonista da própria história (Ambrosio; Silva, 2022). Na mesma direção Pereira, Allegretti e Magalhães (2022) ponderam que

A importância do feminismo afro-latino-americano para a terapia ocupacional da América Latina e para a ciência ocupacional é reconhecer as desigualdades de gênero, classe social e raça que acarretam efeitos importantes nas ocupações femininas. Por isso, na sua prática profissional, é necessário que as terapeutas ocupacionais, a partir de cada lócus de enunciação, assumam compromissos ético-políticos e adotem uma perspectiva crítica e contra-hegemônica com ênfase nas práticas coletivas como forma de intervenção (Pereira, Allegretti e Magalhães, 2022, p.13)

A seguir apresento os aspectos éticos e os procedimentos da pesquisa.

3.3 Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo CEP sob parecer número 6.197.161/CEP- UFSCar e pelo CAAE 69244523.3.0000.5504 (ANEXO A).

A principal questão ética dessa pesquisa refere-se ao anonimato das pessoas colaboradoras⁸. Por isso, cada terapeuta ocupacional escolheu um pseudônimo a fim de preservar a confidencialidade. Terapeutas ocupacionais que aceitaram participar da pesquisa assinaram o TCLE (Apêndice A) em duas vias, ficando uma com a colaboradora da pesquisa, e a outra com a pesquisadora. No termo estavam explicitados os objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa, a garantia do anonimato das colaboradoras e a forma de utilização dos dados provenientes da investigação.

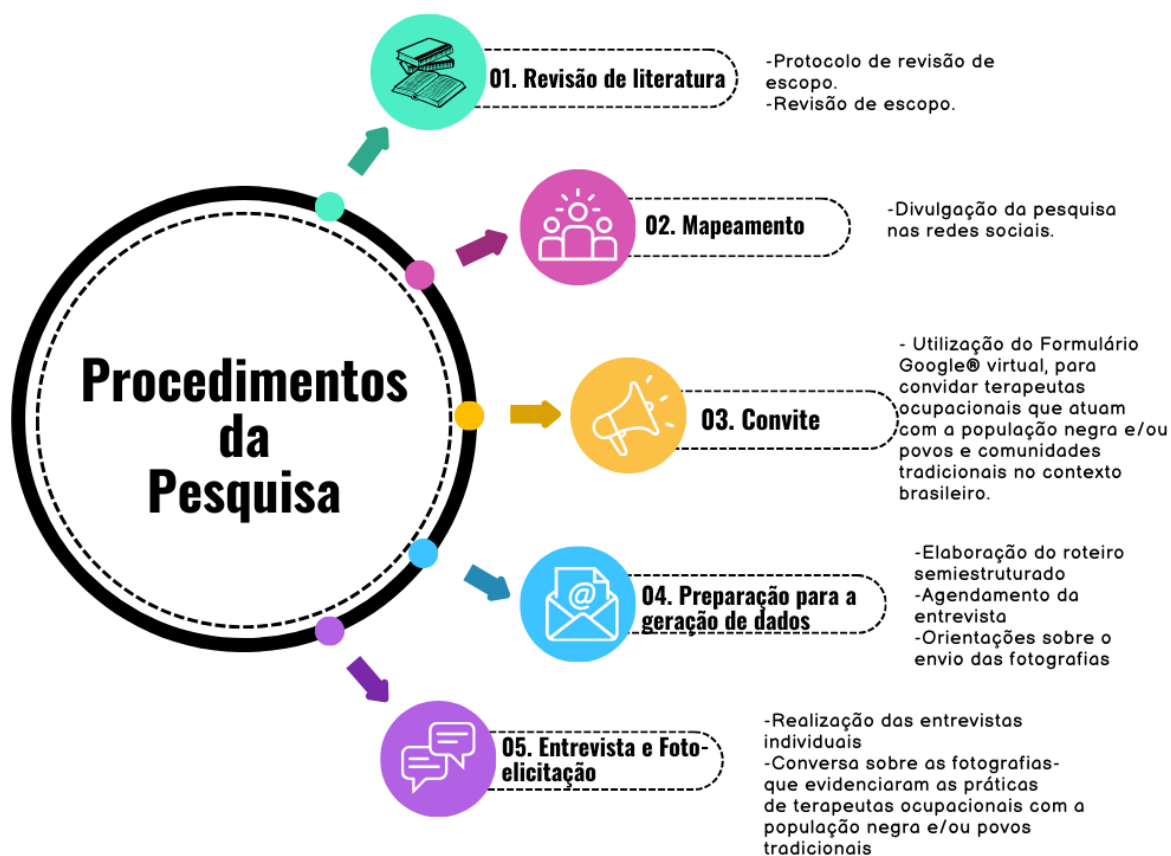
Ressalto que a participação nesta pesquisa foi voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício financeiro. Este estudo não gerou nenhuma despesa, porém, caso a colaboradora tivesse gastos o valor seria ressarcido, da forma que lhe fosse mais conveniente. Além disso, caso fossem identificados danos morais ou financeiros provenientes desta pesquisa, a colaboradora tinha o direito de buscar indenização por meios legais e jurídicos conforme resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Além disso, se as colaboradoras da pesquisa, por unanimidade, optassem por revelar a identidade, o trabalho seria submetido novamente ao Comitê de Ética a fim de formalizar a mudança, assim como a pesquisadora redigiria um novo TCLE que seria assinado pelas colaboradoras. Todavia, em conjunto elas optaram pelo anonimato.

⁸ Embora possam haver discordâncias quanto ao uso do termo *colaboradoras*, sob a alegação de que ele não possui um significado político e crítico, por uma escolha político-pessoal opto por utilizá-lo neste trabalho. Costa et al.(2015) entendem os “participantes da pesquisa como colaboradores, pessoas com sentimentos, experiências, vivências, vida, e não meros sujeitos a serem observados/entrevistados/compreendidos. Em uma perspectiva complexa de pesquisa, é preciso ter sensibilidade para tratar as pessoas como interlocutores, colaboradores, que compõem a constituição da pesquisa” (p.736).

3.4 Procedimentos da pesquisa

Figura 1- Fluxograma dos procedimentos da pesquisa



Elaborado pela autora

3.4.1 Primeira fase: Revisão de literatura

Durante o período de outubro de 2023 a julho de 2024, fui pesquisadora visitante na UNC. O objetivo de fazer o PDSE (Edital nº 44/2022 - Seleção 2023) foi realizar uma revisão de escopo, sob orientação da Profa. Dra. Lilian e coorientação da Profa. Dra. Khalilah Johnson.

O protocolo da revisão de escopo intitulado *Racism and anti-racism in occupational therapy practices: a scoping review protocol*^{9 10} foi publicado na Revista Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. O objetivo do protocolo de revisão de escopo é descrever os referenciais teóricos-metodológicos que orientam as práticas de terapeutas ocupacionais com a população negra. A revisão de escopo foi publicada na Revista Americana de Terapia Ocupacional — *American Journal of Occupational Therapy* (Pereira; Johnson; Magalhães, 2025).

As diretrizes de revisão de escopo do JBI para revisões de escopo foram adotadas. Uma estratégia de busca foi desenhada em colaboração com a bibliotecária da área das ciências da saúde com base em títulos e resumos de artigos relevantes. Foi realizada uma estratégia de pesquisa em três etapas que consiste em uma pesquisa inicial limitada, uma pesquisa completa e uma triagem das referências de todos os artigos incluídos. Bases de dados como CINAHL (EBSCOhost), MEDLINE (PubMed), PsycINFO (EBSCOhost), LILACS (BIREME/PAHO/WHO), SCIELO, Web of Science e Scopus foram pesquisadas para identificar artigos relevantes em texto completo, incluindo pesquisas originais, editoriais e artigos de opinião. Foram incluídos artigos revisados por pares publicados em português e inglês entre os anos de 2013 (ano do surgimento do movimento Vidas negras importam nos Estados Unidos) e 2024. Duas revisoras selecionaram as fontes e extraíram os dados usando uma ferramenta criada por elas. Um total de 981 artigos foi identificado — 971 provenientes dos resultados da busca e 10 da busca manual em listas de referências. 496 artigos foram duplicados e removidos. Os 485 artigos restantes foram avaliados com base no título, resumo e palavras-chave. Desses, 398 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. 87 artigos completos foram avaliados quanto à elegibilidade. Como resultado, 48 artigos foram incluídos na revisão (Apêndice E).

Eu realizei uma análise temática dos artigos. Após a extração dos dados, foram criados códigos iniciais, focando tanto no conteúdo semântico (significado superficial) quanto no latente (significado subjacente), com base no interesse da pesquisa. Esses códigos foram transferidos para o *software* Sonix® (Sonix, s.d.), que ajudou a gerar um conjunto preliminar

⁹ Tradução do título para a língua portuguesa: Racismo e antirracismo nas práticas de terapia ocupacional: um protocolo de revisão de escopo.

¹⁰ Sugere-se a leitura completa do protocolo: Pereira, A. S., Johnson, K. R., Coelho, F. S.; Magalhães, L. Racism and anti-racism in occupational therapy practices: a scoping review protocol. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, p. e3829, 2024 <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR295038292>

de temas principais e subtemas. Todas as extrações de dados foram codificadas de acordo com esses temas. Após essa fase, os temas foram organizados em quatro categorias temáticas:

1- Ciências Humanas e Sociais — teorias e referenciais: Os modelos tradicionais de terapia ocupacional são frequentemente eurocêntricos. Em resposta, terapeutas ocupacionais adotaram abordagens críticas como equidade, diversidade e antirracismo para promover a inclusão de grupos marginalizados. Estudos mostram que a identidade racial é moldada por fatores socioculturais e pelo racismo. No ambiente acadêmico, por exemplo, as diferenças raciais afetam a relação docente–orientanda, assim como dificultam o progresso profissional de pessoas negras no mercado de trabalho.

1.1-Teorias e Abordagens sobre o Racismo: Artigos abordam como diversas formas de racismo, como o racismo epistêmico e sistêmico, afetam as vidas das pessoas negras e sua participação nas ocupações. As abordagens antirracistas desafiam a supremacia branca e defendem a ampliação da tolerância das pessoas brancas para conversas sobre raça, sem se sentirem desconfortáveis. Além disso, autores fundamentam o seu trabalho na teoria racial crítica e teorias feministas que abordam as estruturas de poder da sociedade e a emancipação racial.

1.2- Justiça Social, Direitos Culturais e Dinâmicas de Poder: Terapeutas ocupacionais enquadraram a justiça social como a democratização do acesso à cultura, se opondo às práticas de competência cultural que perpetuam a supremacia branca. Conceitos como humildade cultural e teoria relacional–cultural foram introduzidos para abordar as diferenças culturais e empoderar grupos marginalizados.

2- Abordagens Centradas na Ocupação e Atividade: Abordagens críticas em terapia ocupacional focam na justiça ocupacional, enfatizando que indivíduos marginalizados são impedidos de se engajar nas ocupações/atividades desejadas devido à várias formas de opressão. A decolonização da justiça ocupacional e a compreensão do conhecimento tradicional são aspectos fundamentais. Os artigos também apresentam o papel da TO social no fortalecimento das redes de apoio e suporte.

3- Abordando as desigualdades sistêmicas por meio de ocupações coletivas, interseccionalidade e incorporando epistemologias negras nas práticas de TO: Modelos eurocêntricos de terapia ocupacional frequentemente falham em atender às necessidades da população negra, o que levou ao desenvolvimento de modelos fundamentados nas epistemologias negras. Ocupações coletivas, inspiradas no Ubuntu, promovem transformação

social e abordam a injustiça racial. Os artigos também destacam a interseccionalidade e a TO afrorreferenciada para centrar as experiências e conhecimentos das pessoas negras.

4- Abordagens Metodológicas: A maior parte da pesquisa em terapia ocupacional com populações negras utiliza métodos qualitativos, focando em perspectivas individuais para entender a identidade e os aspectos ocupacionais. Embora as metodologias centradas no indivíduo proporcionem *insights* profundos, alguns autores mostram que abordagens coletivas também são cruciais para abordar fatores sistêmicos e defender políticas inclusivas dentro da terapia ocupacional. Essas abordagens visam promover mudanças sistêmicas mais amplas na profissão.

Nesta revisão, sintetizamos diversas perspectivas teóricas e metodológicas que podem orientar terapeutas ocupacionais no atendimento à população negra, contribuindo para o fortalecimento do enfrentamento ao racismo na profissão. Ressaltamos, contudo, a necessidade de estudos adicionais que avaliem a eficácia e as limitações dessas abordagens. Portanto, os resultados sugerem que, na prática com população negra, terapeutas ocupacionais devem adotar uma abordagem antirracista e, portanto, devem ser orientados por referenciais contra-hegemônicos e decoloniais.

3.4.2 Segunda fase: Mapeamento de profissionais

Nesta fase foi utilizado o Formulário Google® virtual (Apêndice B) para mapear profissionais terapeutas ocupacionais que desenvolveram ou desenvolvem práticas (seja através da pesquisa, ensino, extensão ou em práticas clínicas) dirigidas às pessoas negras e/ou povos e comunidades tradicionais, com experiência mínima de um ano.

O meu objetivo era que a pesquisa tivesse alcance nacional e não se restringisse apenas às regiões sul e sudeste que têm maior número de cursos de terapia ocupacional. Diante disso, a utilização dos meios virtuais poderia proporcionar maior viabilidade e alcance.

Para a divulgação do Formulário, foi utilizada a técnica *bola de neve (snowball)* (Vinuto, 2014) a fim de encontrar terapeutas ocupacionais com experiência mínima de um ano e que desenvolvem ou já desenvolveram práticas (seja através da pesquisa, ensino, extensão ou em práticas clínicas) com pessoas negras e/ou povos e comunidades tradicionais. Considerando que a pesquisadora não poderia ter acesso às informações pessoais das colaboradoras da pesquisa ou contatos telefônicos e e-mails sem a prévia autorização, de acordo com a lei geral de proteção dos dados (dados sensíveis e pessoais) e circular n. 2/2021 da CNS. A pesquisa foi divulgada,

junto ao endereço de e-mail da pesquisadora e, caso a profissional tivesse interesse na participação, a mesma deveria contatá-la.

A bola de neve tem sido muito utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa e não probabilística, pois possibilita acessar pessoas e grupos de diferentes regiões, bem como permite que as colaboradoras indiquem novas pessoas para participarem do estudo. Isso permite que a pesquisa seja expandida e alcance muitas pessoas (Bockorni; Gomes, 2021; Vinuto, 2014).

Pesquisas no âmbito virtual são comumente usadas, pois facilitam o acesso de pessoas de diferentes regiões e/ou países. Durante a pandemia de COVID-19 para proteger os dados das pessoas que participam das pesquisas on-line, a CNS criou leis de proteção de dados, pois o ambiente virtual oferece riscos de crimes cibernéticos.

A imagem de divulgação (Figura 2) da pesquisa foi compartilhada nos grupos do WhatsApp® e nas redes sociais Facebook® e Instagram® da pesquisadora. Também enviei o convite via e-mail para as universidades com cursos de terapia ocupacional em diferentes estados brasileiros, para Associações de Terapeutas Ocupacionais e para os órgãos representativos da profissão (COFFITO, CREFITO, ABRATO Nacional e Estaduais) pedindo ajuda na ampla divulgação da pesquisa. Infelizmente, apesar das tentativas, não recebi nenhum retorno das universidades, dos órgãos e associações; assim, não sei se o convite foi divulgado.

Figura 2- Imagem de divulgação da pesquisa



Elaborado pela autora

O Formulário Google® virtual foi utilizado com a finalidade de apresentar o objetivo da pesquisa, metodologia e os critérios de inclusão e obter dados como, por exemplo, a região de atuação e disponibilidade para participar da pesquisa. Recebi respostas entre outubro e novembro de 2023, totalizando 12 respostas, das quais 11 foram validadas. Uma pessoa que se identificou como estudante de terapia ocupacional não foi incluída.

3.4.3 Terceira fase: Seleção de colaboradores para a entrevista

A partir das respostas obtidas no Formulário, passamos à etapa de seleção de colaboradores para a geração de dados. Foram critérios de inclusão para participação da entrevista: a) ser terapeuta ocupacional, b) estar desenvolvendo ou ter desenvolvido práticas (seja através da pesquisa, ensino, extensão ou em práticas clínicas) com pessoas negras e/ ou com povos e comunidades tradicionais por no mínimo um ano, (c) ter mais de 18 anos, (d) assinar o TCLE, (e) ter disponibilidade e interesse para participar da entrevista, (f) ter acesso a qualquer dispositivo com conexão à internet ou rede de telefonia.

Foram critérios de exclusão: (a) estudantes de terapia ocupacional; (b) profissionais sem experiência com os públicos-alvo da pesquisa. Das 11 respostas validadas na etapa do Formulário, não foi possível manter: 2 pessoas que não agendaram a entrevista; 1 pessoa que não compareceu à entrevista, reagendou e novamente faltou; 1 pessoa que nunca desenvolveu práticas com os públicos-alvo da pesquisa; e 1 pessoa que participou apenas da primeira entrevista por foto-elicitação.

3.4.4 Perfil das Colaboradoras

Colaboraram com a pesquisa 4 pessoas autodeclaradas pretas/negras, 1 afro-indígena e 1 branca. Este é um dado muito importante para a pesquisa, pois o convite foi feito para terapeutas ocupacionais de qualquer grupo étnico, ou seja, a cor da pele e a etnia não foram critérios de exclusão. Igualmente, vale considerar que 3 pessoas brancas assinaram o TCLE, mas somente uma delas concedeu as entrevistas. Algumas perguntas ficaram ressoando em minha mente, como, por exemplo: **o convite chegou até terapeutas brancas? Se sim, por que não se sensibilizaram para participar?** Vale destacar que terapeutas ocupacionais negros e indígenas são minoria no Brasil, enquanto a maioria da população dependente do SUS é composta por pessoas negras. Ou seja, na rede pública, a maioria dos pacientes negros é atendida por profissionais brancos. Estariam as terapeutas ocupacionais atentas às questões raciais? Apesar das hipóteses criadas na tentativa de responder a essas perguntas, nesta pesquisa

é possível perceber que terapeutas ocupacionais não-brancos estão mais sensibilizados a identificar e criar estratégias, em parceria com a população atendida, no combate ao racismo que lhes atravessa o cotidiano. Evidentemente, não estou afirmando que terapeutas ocupacionais brancos não são antirracistas, mas esse dado destaca um problema que tem sido constantemente denunciado por terapeutas ocupacionais negros: o silenciamento do/sobre o racismo na profissão (Ambrosio, 2023).

Quanto à identidade de gênero¹¹, 5 colaboradoras se identificaram como mulheres cisgêneros e 1 como homem cisgênero. Com relação à sexualidade, 3 se identificaram como heterossexuais, 1 como gay, 1 como pansexual, e 1 pessoa não declarou a sua sexualidade. Uma pessoa se identificou como pessoa com deficiência. As idades das colaboradoras variaram de 24 a 32 anos.

Era meu objetivo que participassem da pesquisa terapeutas ocupacionais das cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste), mas somente participaram da pesquisa profissionais do Norte (1), Nordeste (1), Centro-Oeste (1) e Sudeste (3). O nível de formação pelas colaboradoras da pesquisa foi variado: 2 mestrados em andamento; 3 tinham concluído especializações (residências, aprimoramentos e pós-graduações lato sensu); 3 tinham título de mestrado; e 1 de doutorado. Convém destacar que cinco terapeutas ocupacionais iniciaram a graduação após a implementação das políticas de ações afirmativas. Dentre elas, 4 foram beneficiadas por essas políticas, enquanto 1 iniciou o curso antes da vigência da política e outra (1) não se enquadrava nos critérios de inclusão.

Quanto à atividade de trabalho: 3 estavam atuando como docentes, 1 atuava no campo prático na rede pública e também era bolsista de mestrado, 1 atuava no campo prático na rede pública e privada, 1 atuava nas medidas socioeducativas no setor público. Com relação ao tempo de experiência profissional, colaboram com a pesquisa terapeutas com experiência entre 2 e 8 anos.

Quanto aos dados de raça/cor nas quatro regiões em que as colaboradoras atuam: O Nordeste tem a maior porcentagem de pessoas negras, com 13% da população se declarando preta, seguido pelo Sudeste (10,6%), Centro-Oeste (9,1%), Norte (8,8%). Além disso, 3,1% dos nortistas se autodeclararam indígenas. Já o Nordeste concentra 68,19% da população quilombola (IBGE, 2022).

¹¹ A maioria das colaboradoras do estudo são mulheres, por isso, utilizarei o pronome feminino ao me referir às colaboradoras do estudo.

Figura 3- Perfil das Colaboradoras



Elaborado pela autora.

3.4.5 Quarta fase: Geração de dados

Os dados que compõem esse estudo foram gerados a partir de dois procedimentos distintos: **Foto-elicitación e Entrevista semiestruturada.**

Foto-elicitación: o uso da imagem em pesquisas qualitativas

É crescente o uso das metodologias visuais nas pesquisas qualitativas. Isso porque as imagens, sobretudo as fotografias, fazem parte do cotidiano das pessoas (Kupczik; Spinillo, 2019; Ulhôa et al., 2021). Há autores que afirmam que o uso da imagem como um dado de pesquisa foi usado pela primeira vez no campo da Antropologia Social e da Etnografia, pois durante a pesquisa de campo as/os antropólogas (os) registravam fotografias das comunidades (Ulhôa et al., 2021). As imagens oferecem estímulos visuais que permitem às pessoas recordarem com detalhes um determinado acontecimento (Dongre, 2011).

As metodologias visuais são de cunho participativo e são fundamentadas no paradigma socio crítico. A imagem ultrapassa as barreiras linguísticas, culturais e de diferentes níveis de alfabetização. Fotografias permitem registrar a realidade vivenciada, as emoções, significados e percepções que o sujeito tem da sua realidade (Coelho; Magalhães, 2021; Lorenz, 2011; Pereira; Magalhães, 2022). Além disso, as imagens tornam a entrevista menos monótona e cansativa (Ulhôa et al., 2021).

Conforme Touse et al., “fotografias auxiliam no aspecto descritivo de um acontecimento, ajudam na compreensão de aspectos subjetivos e podem ser analisadas indutivamente. Imagens capturadas em fotos permitem o estudo de aspectos da vida os quais não se consegue apreender somente com as palavras” (2017, p.2).

O método da Foto-elicitación (*Photo-Elicitation*), metodologia visual criada no século XX pelo antropólogo Jhon Collier, foi formulado por ele e uma equipe de profissionais multidisciplinares que realizaram uma pesquisa para avaliar a saúde mental de imigrantes no Canadá (Barton, 2015; Marcello; Soares, 2021). Ao utilizar as imagens durante as entrevistas, eles concluíram que as entrevistas com imagens em comparação com a entrevista tradicional, trouxe dados mais condizentes com a realidade das pessoas, pois possibilitou a construção de vínculos entre a equipe e a população estudada, assim como permitiu que as pessoas se sentissem mais à vontade para contar as suas histórias (Marcello; Soares, 2021).

Segundo o dicionário, elicitación significa provocar uma resposta ou uma reação em alguém. Assim, esse método objetiva levantar questionamentos e promover o diálogo sobre um determinado tema (Marcello; Soares, 2021). A técnica permite que as colaboradoras de uma pesquisa manifestem “suas percepções acerca das imagens captadas, trazendo à tona, pelo diálogo orientado, as manifestações das memórias e das experiências individuais e coletivas vividas e que dizem respeito à realidade da comunidade” (Ulhôa et al., 2021, p. 55).

Alguns autores como Santos, Lopes e Rebelo-Botelho (2018) afirmam que o Photovoice é um método de Foto-elicitación. No entanto, Sutton-Brown (2014) salienta que a diferença entre essas técnicas é que o Photovoice é uma pesquisa-ação, pois possui uma agenda política que visa transformar a realidade social. Para Bryman (2012), essa técnica permite que durante a entrevista a pesquisadora e participantes conversem sobre as imagens, que podem ser imagens existentes, selecionadas pela pesquisadora ou pelas entrevistadas.

A foto-elicitación, assim como o processo de rememoração, envolve o acontecimento e o instante de um tempo que se dá no presente, e em que se colocam na mesa – ou na tela – as diversas manifestações de presenças e de ausências, seja dos sujeitos pesquisadores/as, daqueles/as pesquisados/as, retratados/as ou familiares; e manifesta, sobretudo, os diferentes níveis de participação de todos esses sujeitos na coleta das imagens e na condução dos encontros, ou, ainda, das cenas que escolhem ou não registrar e/ou narrar (Marcello; Soares, 2021, p. 12).

Conforme Marcello e Soares (2021) e Rose (2007), o ato de usar imagens durante uma entrevista não significa que a pesquisadora está usando a técnica de foto-elicitación, pois muitas vezes as imagens são tratadas como um dado secundário na pesquisa ou como uma atividade de quebra-gelo. Dessa forma, as autoras afirmam que para utilizar essa técnica é necessário que as imagens assumam um lugar central na pesquisa.

Há algo que se passa precisamente entre fotografia/imagem e diálogo que sustenta um processo de fala e de escuta e de como ele se efetiva como central na pesquisa – logo, não secundário, substituível ou auxiliar – no fazer investigativo. Ao dizer central, afirmamos, assim, a marca de uma relação basilar que sustenta a produção mesma dos dados: o fato de a imagem e aquilo que é dito sobre ela se constituírem como algo inseparável e, fundamentalmente, como uma dimensão primeira na organização de toda a tessitura metodológica; ou, mais precisamente, algo que acena para a ideia de que as imagens, mesmo em toda sua potência, não falam “por si” (Marcello; Soares, 2021, p. 4).

Assim, as imagens são usadas para incitar um diálogo sobre um determinado tema, bem como possibilitam conhecer as ideias, crenças, valores, compreensão da realidade vivida, sentimentos e o posicionamento das pessoas, que compõem o grupo, no decorrer da entrevista

(Marcello; Soares, 2021).A foto-elicitação não se restringe apenas ao uso da fotografia, pois também pode fazer uso de estímulos visuais e orais, tais como: a) visual gráfica (desenhos, diagramas, fotos, gráficos e mapas relacionais), b) visual animada (animação, filmes e vídeos), c) verbal oral (grupo focal, entrevistas, música e história) e d) verbal escrita (questionário e texto) (Kupczik; Spinillo, 2019).

Terapeutas e cientistas ocupacionais utilizam metodologias visuais em pesquisa qualitativa para investigar os processos ocupacionais. A seguir, apresento alguns estudos que utilizaram a Foto-elicitação como método de geração de dados. Galvaan (2015) realizou um estudo sobre as escolhas ocupacionais de jovens marginalizados da África do Sul, tendo como método de geração de dados a Foto-elicitação. A autora concluiu que as escolhas ocupacionais são influenciadas pelos fatores externos como ambiente, questões sociais, gênero, classe social e etnia, contribuindo para processos de injustiça ocupacional. McCloy et al. (2016) sugerem a Foto-elicitação como técnica adequada para pesquisas com crianças, pois a técnica possibilita que as crianças assumam o protagonismo da sua história de vida. Em consonância, Peoples et al. (2017) afirmam que, por meio da Foto-elicitação e de outros métodos, chega-se a um engajamento ocupacional que desempenha um papel fundamental no pertencimento e na qualidade de vida de pessoas com câncer.

Fritz e Cutchin (2017), por meio da Foto-elicitação, identificaram uma mudança nas ocupações das idosas afro-americanas, após elas mudarem de bairro. Assim, concluíram que essas mudanças afetaram a saúde e bem-estar desse público. Portanto, a Foto-elicitação permite registrar as ocupações que as pessoas desempenham e suas alterações, assim como os significados a elas atribuídos.

Entrevista semiestruturada

Dois tipos de entrevista foram aplicados. Após a entrevista por foto-elicitação, iniciei a etapa da entrevista semiestruturada com foco nas perspectivas teóricas e nas abordagens adotadas nas práticas. Escolhi a entrevista não-estruturada em que a pesquisadora pode utilizar um roteiro para auxiliar na condução da entrevista, porém a entrevistadora não deve ficar presa ao roteiro, pois corre-se o risco de influenciar a resposta da entrevistada.

(...) uma das principais vantagens de se trabalhar com a narrativa é que se trata de um instrumento através do qual as pessoas atribuem unidade e coerência à sua existência, e o estudo de como as pessoas costuram elementos dispersos para realizar essa construção pode ajudar na compreensão de como essas produções dão forma ao significado da existência humana no âmbito pessoal e coletivo em vários contextos sociais (Santos, 2013, p. 27).

O roteiro da entrevista (Apêndice C) e da foto-elicitación (Apêndice D) foram elaborados por mim, sob supervisão da minha orientadora, considerando os nossos objetivos, pergunta de pesquisa e referenciais teóricos. Os roteiros foram auditados pela terapeuta ocupacional profa. Me. Marlete Oliveira (2023), uma amiga e estudiosa das relações étnico-raciais e da terapia ocupacional. O roteiro final da entrevista foi composto por 74 questões abertas, envolvendo seis grandes eixos.

As colaboradoras realizaram a entrevista de forma virtual através do Google Meet®. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com o consentimento delas. Apenas duas pessoas optaram por dividir a entrevista em dois encontros, enquanto as demais realizaram as entrevistas de uma só vez. As entrevistas semiestruturadas tiveram uma duração variável de 50 minutos a 3 horas.

3.5 Procedimentos da geração de dados

Neste estudo as entrevistas foram realizadas ao longo de dois meses e foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada colaboradora. No momento do agendamento, pedi que elas selecionassem no mínimo dois (sem limite máximo) registros fotográficos das práticas que desenvolvem ou já desenvolveram com pessoas negras e/ou os povos e comunidades tradicionais, que fazem parte do seu acervo pessoal. Ressaltei que, devido a critérios éticos, as fotos que revelassem a identidade de outras pessoas não seriam selecionadas. As entrevistas foram realizadas de forma virtual através do Google Meet®. A escolha de realizar as entrevistas individuais, na modalidade remota, justifica-se, pois minha ideia era convidar terapeutas ocupacionais de diferentes regiões do Brasil. Devido à distância geográfica, não foi possível realizar os encontros na modalidade presencial. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com o consentimento das colaboradoras. As entrevistas por foto-elicitación tiveram duração variável de 40 minutos a 1 hora e 30 minutos. Após a transcrição das entrevistas, o texto foi enviado para cada pessoa para conferência, correções e aprovação do texto final. No entanto, apenas 4 colaboradoras fizeram correções e aprovaram a versão final. Duas entrevistadas não responderam aos e-mails enviados pela pesquisadora.

Figura 4- Fluxograma: Elaboração do roteiro de entrevista



Fonte: Elaborado pela autora.

- 1. Histórias, raízes e origens:** Dados pessoais (nome, idade, autodeclaração étnico-racial, idade, gênero, entre outros); quem é você?
- 2. Formação e experiência profissional:** Há quanto tempo você é terapeuta ocupacional; onde você se formou; quantos anos levou a graduação; se possui formação complementar; quantos professores negros e indígenas teve durante sua formação; com

base na formação, se sentiu preparada para atender as demandas das pessoas negras e povos e comunidades tradicionais; se considera que os currículos acadêmicos da T.O. abordam suficientemente esse tema; durante sua formação você teve acesso à PNSIPN e a Portaria 11645; há quanto tempo atua com a população negra e/ou povos e comunidades tradicionais; em qual região do Brasil atua (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul ou Sudeste).

3. **Perspectivas teórico-metodológicas:** Quais são os arcabouços conceituais e metodológicos da terapia ocupacional que norteiam as suas práticas com essa população; do ponto de vista teórico, como trabalho é fundamentado; utiliza algum referencial de outros campos nas suas práticas; quais são os desafios e limites teóricos e práticos nesse campo de atuação; buscou formação específica para atender as demandas deste público; percebe incentivos/oferta de cursos e formações na área da T.O. que abordem sobre a temática da população negra e povos tradicionais; quais estratégias utiliza para aprofundar essas temáticas; costuma preencher/considerar o quesito raça/cor das pessoas que você atende; este processo comumente ocorre por autodeclaração ou heteroidentificação.
4. **Práticas profissionais, de pesquisa, de ensino, trabalho em equipe:** Como aborda as questões étnico-raciais nas suas práticas; conte um pouco sobre o processo que usa para planejar, implementar as práticas; Como as demandas são levantadas; utiliza instrumentos específicos de avaliação; como você identifica se uma intervenção “deu certo”; No seu local de trabalho as temáticas sobre saúde da população negra, quilombola, indígena.....são debatidas nos espaços de educação continuada e permanente; Como essas temáticas são acolhidas pela equipe de trabalho; teria recomendações para profissionais que se iniciam nesse campo; no futuro, o que você espera ver nesta área; Como imagina aperfeiçoar o seu trabalho; você inclui os saberes desses povos, nas práticas profissionais; nas práticas coletivas, como você se aproximou desse público; nas práticas individuais, como as pessoas foram encaminhadas; quais foram as demandas; como você avalia a formação de novos profissionais para o trabalho com essas populações; o que você aprendeu com essas práticas; como as questões étnico-raciais são abordadas em sala de aula; quais são os públicos alvos dos projetos de pesquisa e extensão que você desenvolve?; como são as estratégias educacionais utilizadas, com relação às temáticas étnico-raciais (são individuais ou coletivas).
5. **Reflexão sobre racismo, negritude, branquitude, antirracismo:** Poderia contar um

pouco sobre o seu processo de construção étnico-racial; que tipo de reflexão você realiza em relação a ser branca; recebe privilégios por ser branca? Se sim, quando você começou a reconhecer os seus privilégios na sociedade; como você usa a sua *branquitude* para debater essas temáticas? existe racismo no Brasil; de que forma o racismo opera; acredita que o racismo impacta o desempenho ocupacional; o que são práticas antirracistas; você se considera antirracista; estratégias de enfrentamento do racismo; como você analisa o reconhecimento do trabalho que realiza; já percebeu questionamentos em relação ao uso de referenciais não brancos no seu trabalho.

6. Perspectivas de futuro: Que planos você tem para o futuro?

3.6 Apresentação das colaboradoras

Nesta seção apresento um resumo das narrativas das 6 colaboradoras:

Conceição Evaristo*

Cultura popular

Afro- indígena

Mestra em TO

Mulher Cis

Conceição Evaristo*

Comunicativa

Bregueira

Nortista

Identidade cultural

Terapeuta ocupacional

Professora

Resistências

Carimboseira

Mas eu não sei estar feliz se os meus não estão. Pra mim, acho que a ideia de felicidade, ela tem que passar se todo mundo estiver bem, assim, junto comigo (Conceição Evaristo, pseudônimo)

Conceição Evaristo*¹², 31 anos, mulher cis, solteira, terapeuta ocupacional e mestra em terapia ocupacional. Atualmente está como professora temporária no curso de Terapia Ocupacional em universidade pública no campo social e educacional. Ela se encontrou na docência, quer continuar na carreira acadêmica, pois está gostando muito de exercer essa ocupação que é ser professora

É a primeira da minha família a adentrar a universidade pública, na primeira turma de TO da universidade. Vem de uma família formada majoritariamente por mulheres. Se autodeclara na categoria identitária como uma pessoa afro-indígena ou negra, porém não é preta retinta. Nortista, carrega isso na sua identidade, principalmente, depois que morou em um estado do sudeste, em uma região predominantemente de pessoas caucasianas. Como uma *outsider*, ela

¹² Conceição Evaristo* foi o pseudônimo escolhido pela colaboradora do estudo. Para

diferenciá-la da renomada autora, será utilizado um asterisco junto ao seu nome.

entendeu o quanto era importante fortalecer a sua identidade.

Descreve-se como uma pessoa bem falante e comunicativa, é bregueira, carimboseira, gosta de tomar açaí todo dia e ir a festas de aparelhagem. Gosta muito da cultura e da culinária do Norte, notadamente a cultura popular. Tudo que é relacionado à cultura do Norte, ela busca valorizar e trazer à sua prática enquanto terapeuta ocupacional e enquanto educadora, pois entende a cultura como determinante da saúde.

O seu despertar para as questões raciais, de gênero e da interseccionalidade começou por volta de 2014, 2015, quando foi bolsista de um projeto de extensão, que era um programa interdisciplinar que beneficiava a permanência de universitários que viviam em situação de vulnerabilidade social e que tinham outros marcadores sociais da diferença. Esse era um espaço de troca onde havia conferências e oficinas com alunos indígenas, por exemplo, de construção de currículo Lattes. O projeto propunha estratégias para resistir dentro da universidade, em diálogo direto com os movimentos sociais. Então, foi a partir daí que ela teve esse despertar, porque até então dentro de um curso da área da saúde, como a terapia ocupacional, não havia esse debate. Conceição Evaristo* acha

que esse debate ainda é muito tímido, mesmo agora voltando como docente. Segundo ela, essa ausência leva a um processo de alienação dentro dos cursos da área da saúde. Refere que, por falta desse letramento, sofria algumas situações, alguns preconceitos, violências simbólicas que não conseguia compreender.

Em relação aos projetos futuros, ela pretende iniciar o doutorado, mas com bolsa para buscar uma efetividade na universidade. Pensa em fazer também uma pós-graduação lato sensu, porque tem urgências e também pensa em fazer algo fora da TO como empreender. Quer conquistar as coisas como, por exemplo, tirar a carteira de motorista, comprar um carro, ter uma casa com quintal, onde possa reunir os amigos e dar uma vida melhor pra sua mãe que mora ainda no interior e ainda vive na pobreza.

Quando ela se sente frustrada, por ainda não ter alcançado os seus desejos, ela lembra muito do que a avó falava — que era para ela ser uma pessoa boa, pois assim iria realizar os seus sonhos. Conceição Evaristo* se considera uma pessoa boa, uma pessoa humana, que admite as suas fragilidades, mas sempre busca mudar, por isso acredita que irá realizar os seus desejos.

Beija-flor

Gosto de participar dos Movimentos Sociais
Eu gosto da educação
Mulher Cis
Antirracista Mestra Negritude
Beija-flor
Terapeuta ocupacional
Negra Residente em Saúde da Família
Eu me aceito e tenho orgulho hoje
Eu passei a aceitar quem eu sou
Eu amo a cor do meu cabelo

Os preconceitos que eu enfrento não podem me definir (Beija-flor)

Beija-flor, 31 anos, mulher cis, se autodeclara negra/parda (não retinta), nordestina, pessoa com deficiência, terapeuta ocupacional formanda em universidade pública, residente em Saúde da Família. Trabalha em um estado da região Nordeste, nos serviços públicos e privados, acabou de concluir o mestrado e já atuou em todas as áreas de terapia ocupacional que envolvem a

saúde que alguém possa imaginar. Atuou em todos os campos, eixos, níveis de atenção.

Foi na adolescência que começou a se identificar mais com uma pessoa negra. Se considera uma negra metida, porque não tinha dinheiro, passava necessidade, mas queria estudar, se enfiava atrás dos colégios particulares pra conseguir bolsa, conseguia e como aluna bolsista,

vivia preconceito. Foi através dos preconceitos que viveu, que começou a se identificar e assumir quem era. Com o tempo, foi aceitando a sua cor, passou a se aceitar: “eu amo a minha cor, eu amo a cor do meu cabelo, eu me aceito e tenho orgulho hoje em dia da minha cor e de quem eu sou”, ela diz.

Desde a faculdade, era conhecida como a **esquisita**, porque sempre gostou de se envolver nas cadeiras, nos projetos e nas pesquisas que tinham a ver com a comunidade, com aquelas pessoas que vivem situações de maior vulnerabilidade. Gosta de trabalhar com essas pessoas que são mais negligenciadas pelo mundo. E sempre teve desde criança interesse em trabalhar com isso, caiu na terapia ocupacional,

não sabe como, diz que foi a vida que colocou — queria seguir na área de humanas — caiu na TO e viu que nessa profissão conseguiria ir para esse lado. Tanto que na sua dissertação de mestrado estudou adolescentes em situações de vulnerabilidade. Fundamentou a sua pesquisa na Ciência Ocupacional.

No futuro, ela quer estar mais envolvida nos movimentos sociais e como uma terapia ocupacional que trabalha na assistência, ela quer de alguma forma tentar mudar um pouquinho a consciência desses profissionais que fazem essa assistência. Espera conseguir deixar algumas sementinhas plantadas, tanto na pessoa que está na ponta da assistência quanto até na própria família e nos pacientes.

Gil

Inclusão radical
Homem Cis Educação
Professor Anti-opressão
Preto Gil Gay
Terapeuta ocupacional
Doutor em educação Mestre Antirracismo
Negritude

Como a gente pensa uma universidade que possa se abrir dentro de uma perspectiva de uma inclusão mais radical de todos aqueles indivíduos que são vulneráveis à exclusão social por algum marcador social? (Gil)

Gil, 32 anos, homem cis, gay, se autodeclara como negro, preto especificamente, filho de um casal interracial, seu pai é negro e a sua mãe é branca, ele acha que isso é algo interessante na sua trajetória. Nascido e criado na periferia em um estado do centro-oeste, mas também morou por um período na chácara, na zona rural. Durante o ensino básico estudou na escola rural.

Terapeuta ocupacional pela universidade pública, a inserção na universidade pública foi um divisor de águas na sua vida. Foi nesse momento que ele começou a entender que o mundo era bem maior do que a periferia em que morava, que as possibilidades de vida eram outras. Durante a graduação fez duas iniciações científicas e já se interessou em ser professor universitário. Por isso, quis fazer o mestrado e o doutorado em educação.

Começou a discutir temas como as relações étnico-raciais e a interseccionalidade quando estava no mestrado. Nesse período, ele morava com um amigo que tinha um letramento racial muito mais avançado, o qual começou a identificar o Gil como um homem preto. A partir disso, Gil começou a ler mais sobre essas temáticas e revisitou a sua trajetória de vida, suas crises, relações afetivas, as violências que sofreu e começou a refletir sobre os lugares que ocupa no mundo. A escrita e a leitura de alguns autores negros como o Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Petronilha, Neusa Santos, bell hooks e Kabengele Munaga foram fundamentais no seu processo de **tornar-se negro**. Depois de construir a sua identidade étnico-racial, ele começou a incluir o marcador de raça nas pesquisas que desenvolve e também nas disciplinas que leciona.

Dentro do campo da terapia ocupacional, ele se afilia à Terapia Ocupacional Social e integra a Rede METUIA. Atualmente, está como professor em uma universidade pública.

Em relação aos projetos futuros, ele quer estudar mais sobre raça e etnia. A leitura mais aprofundada irá ajudá-lo a criar estratégias para abordar esses temas de um jeito mais amplo para os alunos da graduação. Ele pensa em como pode dialogar ainda mais com esses temas com a TO na prática da extensão e como pode fazer mais pesquisas sobre os temas. Discentes em TO acessam pouco isso, por isso ele fica pensando em como pode pulverizar essa discussão também na universidade e não de um jeito pessoalizado, mas colocar isso como um parâmetro, como algo importante no currículo e no projeto político-pedagógico.

Beth

Não tem como ser a terapeuta ocupacional antirracista e pessoalmente não ser

Reconhecer os privilégios

Ser antirracista é ser aliada

Branca

Residente em Saúde da Família

Docente **Beth** Feminista
Terapeuta ocupacional
Antirracista **Mestra em TO**
Mulher Cis
Transformar a dor em luta

Viver é tomar partido (Beth)

Beth, 28 anos, mulher cis, heterossexual, se autodeclara branca, sudestina. Fruto de um casamento interracial, filha de um carpinteiro, homem negro, e uma empregada doméstica, mulher branca, tem apenas um irmão. Terapeuta ocupacional formada em universidade pública, mas gosta de brincar que, além de terapeuta ocupacional, é PLP – um coletivo de mulheres feministas que trabalham pela educação popular em direito. Tem aperfeiçoamento em Educação, Juventude e Violência e tem uma especialização em Gênero e

Sexualidade. Especialista em Saúde da Família e mestra em Terapia Ocupacional.

Aceitou participar dessa pesquisa não só por algo relacionado à sua dimensão profissional, mas também pela sua dimensão pessoal. Viu essa oportunidade como um momento também de poder fortalecer as suas dores e transformar essa dor em luta, em prática, em outras coisas. Disse que quando viu esta pesquisa, falou: “**Eu preciso, acho que vai ser bom, que é um espaço para falar**”. A dor a que Beth se refere é

devida à perda de Thierry, um jovem que ela acompanhou no Programa de Medidas Socioeducativas, que foi brutalmente executado pela polícia.

Tudo que viveu com ele a atravessou de uma maneira muito forte a ponto de entender que hoje o seu trabalho enquanto terapeuta ocupacional é para que meninos como eles não sejam executados pela polícia. Então, ela que sempre trilhou um caminho dentro da terapia ocupacional relacionada à violência de gênero contra mulheres, mas quando entrou no Programa de Medidas Socioeducativas e quando viveu tudo isso com os jovens, ela falou: “Nossa, não”. Então, o programa foi a sua virada de chave enquanto profissional. Atualmente trabalha na área de desenvolvimento social, como docente, e acompanha vários programas e ações dentro da área de desenvolvimento social, apesar de não ser contratada como TO, ela entende que a sua prática nesse serviço é de terapia ocupacional. Então, hoje ela está em sala de aula de uma forma muito diferente de antes. Hoje olha melhor para esses

jovens negros e negras com uma certa sensibilidade maior para garantir que eles permaneçam, que eles saiam com uma formação digna, que eles tenham melhores condições, porque o que ela viveu com eles, ela não quer mais que outros jovens também vivam. Então, ela se questiona: **“o que dentro dos meus privilégios enquanto o terapeuta ocupacional eu posso fomentar?”** Então, hoje chega de uma outra forma, colocando pautas que antes ficavam muito restritas à pauta das mulheres, mas agora têm trazido com mais força também a questão racial.

Foi através dessas vivências no Programa de Medidas Socioeducativas que ela iniciou esse processo de se entender, enquanto uma mulher branca, e a questionar a sua responsabilidade dentro disso e de pensar também em como estar no mundo.

Seu sonho para o futuro é estar em cargo de liderança dentro da instituição em que trabalha e poder colocar em pauta projetos com ações afirmativas para vários públicos.

Rosenda

Masculinidades negras

Resistências

Negra

Danças negras

Rosenda

Terapeuta ocupacional

Negritude

Militância

Mulher Cis

Mestranda

Arte e Cultura

Cotidiano, Cura e Coletivo

Aquilombamento

Juventudes

Porque nunca foi fácil nossos corpos têm estratégias brilhantes de resistência -estar perto da arte, da cultura para mim, me ensina que é isso- que os nossos corpos são muito encantados e nossos ancestrais usaram muito das artes e da cultura para conseguir dar conta do que eles viveram (Rosenda)

Rosenda, 24 anos, mulher cis, se autodeclara negra. Filha de um casal interracial, a mãe, mulher preta, e o pai, homem branco. Terapeuta ocupacional formada em universidade pública, mestranda e também está no universo da dança há muitos anos. Através da dança ela conheceu outras possibilidades de mundo para além do que já conhecia na periferia de um estado da região sudeste de muita violência. Hoje enxerga as

resistências, mas naquele momento tinha muita violência cotidiana, por exemplo, coisas muito banais, que se tornavam mortas. A dança transformou esse universo para ela, por isso é bem importante no seu caminho, e é através da dança que ela descobriu a universidade.

Iniciou o curso de TO na juventude e chegou já com uma trajetória de muita militância, pois militava muito nas ruas

do estado em que morava, nos movimentos sociais de que participou.

O primeiro lugar em que lidou com a sua negritude foi na escola quando tinha 12 anos, estudava como bolsista numa escola muito rica e muito branca e foi confundida com a filha da empregada, mas ela não era. Naquele momento entendeu que não era igual aos colegas, não era igual a ninguém naquela escola com quem mais se parecia era com a empregada. A partir daí começou a questionar o porquê. Na graduação foi acolhida pelos coletivos e colegas negras da turma e começou a ler autores negros. A partir daí começou a construir a sua identidade e foi começando a entender o lugar do negro na sociedade. Por ser negra de pele clara, lida cotidianamente com a desvalidação da sua negritude. Apesar disso, ela não tem nenhuma dificuldade de se assumir enquanto mulher negra.

Na graduação, foi tentando descobrir recursos para cuidar dos corpos negros, até aquele momento não tinha nenhuma disciplina sobre isso, nem optativa. Então, em qualquer trabalho que ela podia escolher, o tema do recorte era as pessoas negras, fosse sobre o sistema prisional ou sobre saúde mental. Foi uma caminhada muito dolorida para ela, mas que a ensinou muito ela precisou estudar para conseguir se defender nesse espaço.

Já era um desejo dela entender como cuidar desses corpos, para além do que estava colocado como, por exemplo, atividade de Ioga, atividade de plantar, a atividade do Teatro do Oprimido, dança circular, mas nada parecia conectar muito com o que ela já vivia relacionado com as atividades corporais das danças afro-brasileiras. Por isso, ficava muito perdida em como pensar esses corpos. Em algum momento, ela teve uma aula de laboratório que tinha que levar uma atividade para as pessoas e ela levou dança. Foi nesse momento que ela começou a escrever e a formular essa metodologia que vem trabalhando, das danças negras, que é uma investigação que ela vai fazendo do corpo durante o processo de cuidado. Depois dessa prática iniciou um projeto de extensão, algo mais sistematizado, com práticas para o **cuidado de estudantes negros, para resistência, persistência e permanência na universidade.**

Além das danças negras, ela tem outros temas de interesse como a juventude e as masculinidades negras. Juventude porque sempre curtiu essa galera e tem afinidade. Apesar de ser uma mulher, sempre se encantou muito em entender a masculinidade, porque perdeu um primo, menino periférico, negro assassinado

pela polícia de um jeito muito brutal.

Assim, hoje o tema da masculinidade negra a atravessa bastante.

No futuro, ela pretende terminar o mestrado conseguindo entender que está escrevendo uma coisa de qualidade, científica, importante e que vai produzir mudanças importantes. Também quer assumir alguns lugares que não foram deixados para pessoas negras e se sentir confortável dentro desses espaços. Espera muito estar mais próxima do seu quilombo de forma geral, da TO pra sentar, estudar a afroperspectiva, para se fortalecer, para se sentir menos sozinha, para se sentir menos para baixo com as coisas que vai fazendo. Além disso, quer se aproximar de outras áreas da TO e de outras faixas etárias.

Maria Rosa

Identidade de mulher negra positivada

Educação libertadora

Cotas Negra Mulher Cis

Maria Rosa

Terapeuta ocupacional

Negritude

Mestranda

Psicanálise

Nordestina

Residente em Saúde Mental

Clínica antirracista

O afeto é revolucionário

Tenho aprendido muito com os meus orixás e Oxúm tem me ensinado que água mansa também rebenta (Maria Rosa)

Maria Rosa, 29 anos, pansexual, mulher cis, de axé, baiana, filha do meio de 5. Filha de um casal interracial, o pai é um homem branco cis e a mãe é uma mulher negra retinta, ambos são baianos e fizeram o êxodo anos 90 —a família saiu do interior da Bahia e foi pro interior de São Paulo —Maria Rosa se apoiou por muito tempo no arquétipo da mulher negra forte, aquela que sabe de tudo, a dona da razão. Para ela, foi muito difícil crescer no interior de um estado da região sudeste, xenófobo e racista, sendo nordestina, negra, ainda que uma mulher negra de pele clara. Ela era uma menina muito dona da razão, mas diz que quando

alguém está no território do outro, é difícil ser a dona da razão.

Fez graduação em universidade pública, entrou por cotas, foi de uma das primeiras turmas da TO que entrou por cotas nessa IES. Entrar por cotas mudou a sua vida, por isso hoje ela é ultra defensora das cotas, é uma pessoa que acredita quantos por cento é possível de pensar na educação. Acha que uma educação libertadora, ela faz uma pessoa querer libertar outras.

Na graduação, ela não se identificava com uma mulher negra, sabia que era uma mulher negra, mas não se identificava. As pessoas a chamavam de

morena e ela respondia a essa alcunha. Após a graduação fez residência em Saúde Mental no manicômio. Essa foi uma experiência avassaladora, porque ela não tinha mais pra onde correr da sua negritude. Para todo lado que olhava era paciente que se parecia com ela, com a sua mãe e irmãs. Ela olhava para os colegas profissionais e não se identificava. Então, foi se enegrecendo com cuidado, foi pelo cabelo que ela se enegreceu, colocou tranças e de lá pra cá, só vem construindo uma identidade de mulher negra positivada, de quem valoriza muito outras mulheres negras, de quem não quer rivalizar com outras mulheres negras, e de quem realmente está muito disponível pra fazer parceria, para ser corpo com outras mulheres negras, está sempre olhando para os corpos negros com afeto.

Após a residência participou de um grupo de estudos sobre racismo e psicanálise, pois bebe muito da psicanálise para fazer as suas interpretações, nesse grupo ela se aproximou de intelectuais negros que são a base nacional.

Trabalha com o público Infante-Juvenil no SUS e está estudando e pesquisando no mestrado o que faz os seus olhos brilharem é uma prática na saúde mental que seja antirracista, em que se produza

um cuidado considerando todos os corpos e todas as subjetividades.

Maria Rosa criou uma página no Instagram na qual produz conteúdo para trazer a reflexão sobre o que é ser uma pessoa negra, numa sociedade que quer as pessoas negras mortas. No seu conteúdo reflete sobre como construir subjetividade no interior de processos sociais de aniquilamento. Maria Rosa diz que pessoas começaram a ir para o seu consultório e que começou a atender muitas mulheres negras.

Descobriu que gosta muito de aprender e de ensinar. Então, seus planos para o futuro são seguir carreira acadêmica para poder provocar, construir grades curriculares, não só aulas isoladas. Se o DTO contar com um número expressivo de professoras negras, oriundas de povos tradicionais, indígenas, para ela será melhor ainda, pois quanto mais, melhor. Porque aí as pessoas não-brancas reocupariam um lugar que era seu de direito – a educação – que foi tirada desses povos, desde o sequestro em África até pouco tempo atrás. Maria Rosa acredita que dá para fazer muita diferença nesse espaço.

4. Análise temática

Análises temáticas das entrevistas, das fotografias e da revisão de literatura foram desenvolvidas, embasadas pelos seis passos sugeridos pelas pesquisadoras Braun e Clarke (2006;2021). A seguir, apresento os processos das análises temáticas, com suas respectivas ações neste projeto:

4.1 Primeira fase — familiarizando-se com os dados

A familiarização com os dados iniciou-se com a transcrição dos dados, feita pelo software Notta®. Após esse momento, eu fiz a correção da transcrição; isso me permitiu ter uma compreensão prévia dos dados. Nessa fase li os dados inúmeras vezes e identifiquei significados, padrões, ideias e possíveis temas. Nesse momento iniciei a geração dos códigos iniciais.

4.2 Segunda fase — geração dos códigos iniciais

Nessa fase iniciei a produção de códigos iniciais, a transcrição foi transferida para o software Sonix® que identificou os códigos individuais. Ao ler os códigos, percebi que o software só gerou os códigos com base nas falas que mais apareciam, por isso também fiz uma extração manual através de *post-it*. Localizei os conteúdos semânticos e latentes, conforme o interesse da pesquisa. Tentei dar atenção igual a todos os códigos e fui identificando os códigos que se repetiam e/ou repeliam.

Abaixo segue a tabela com a lista de códigos gerais, gerada nas primeiras etapas:

Quadro 1 – Lista de códigos gerais

1. Discussão sobre barreiras de comunicação;	14. Terapeuta Ocupacional;	35. Que caminhos agora vou seguir? Qual é o meu lugar?	50. quilombola, indígena;	57. Terapia ocupacional que não conversa com os povos amazônicos;
2. Discussão sobre a necessidade de valorizar práticas	15. Vulnerabilidades;	Onde é o meu lugar?;	51. Abordagem marxista, que pensa o viés da classe, mas não tanto da	
	16. Identidade étnico-racial;			
	17. Racismo;			

<p>culturais, a luta para conseguir recursos e apoio institucional, além de perspectivas de futuro para alunos e práticas pedagógicas na terapia ocupacional.</p> <p>3. Como o racismo e preconceitos impactam o ambiente de trabalho e a própria experiência de vida.</p> <p>4. Como o racismo é percebido no Brasil e como práticas antirracistas podem ser implementadas na terapia ocupacional e no ambiente institucional.</p> <p>5. Justiça social através da prática terapêutica ocupacional</p>	<p>18. Xenofobia;</p> <p>19. Políticas de ações afirmativas na Pós-Graduação;</p> <p>20. Dificuldade de implantação das Cotas no PPGTO - discursos na base da meritocracia; a questão de temerem as notas da CAPES;</p> <p>21. Prática terapêutica;</p> <p>22. Cultura do norte;</p> <p>23. Questões de saúde mental;</p> <p>24. Ação de educação em saúde;</p> <p>25. Currículos acadêmicos;</p> <p>26. Política nacional dos povos tradicionais;</p> <p>27. Diferenças interseccionais</p> <p>28. <i>Branquitude</i> ela tem se</p>	<p>36. Diferença de tratamento no ambiente de trabalho;</p> <p>37. No curso de graduação em terapia ocupacional não tinha/não tem os debates sobre os marcadores sociais da diferença;</p> <p>38. Esvaziamento da minha própria identidade;</p> <p>39. Cultura também como determinante de saúde;</p> <p>40. Pandemia;</p> <p>41. Salário péssimo;</p> <p>42. Não teve docentes negras na graduação em TO;</p> <p>43. Não saiu da graduação preparada para atender as demandas da população negra;</p> <p>44. Reflexão sobre o racismo, sendo</p>	<p>raça, do gênero;</p> <p>52. A formação, ela é totalmente branca e voltada pra tecnologia duras; fazer a análise da atividade, do desempenho ocupacional, a funcionalidade do membro, mas não transcende, pra pensar o nível macrossocial, o momento político que a gente vive, de olhar pra história, que é importante o TO tá ligado no que tá acontecendo;</p> <p>53. Apenas uma aula na graduação sobre a portaria que fala sobre o ensino da</p>	<p>58. Disputas entre referenciais teóricos;</p> <p>59. Estudos pós-coloniais e decoloniais;</p> <p>60. Quesito raça e cor na anamnese;</p> <p>61. Demandas de racismo;</p> <p>62. Racismo é produtor de adoecimento da população negra;</p> <p>63. Usuários do CAPS que não reconheciam a própria negritude;</p> <p>64. Situação de racismo dentro da equipe e entre usuários do serviço;</p> <p>65. Reparação histórica não foi feita;</p> <p>66. Quando saiu da graduação não se sentiu preparada para atender essas demandas da população negra e povos tradicionais;</p>
---	---	---	---	---

<p>6. Alcançar uma prática verdadeiramente transformadora e inclusiva.</p> <p>7. União comunitária;</p> <p>8. Resgate cultural;</p> <p>9. Justiça ocupacional;</p> <p>10. Dificuldades enfrentadas devido à falta de recursos materiais e apropriados, infraestrutura física;</p> <p>11. <i>Outsider</i>;</p> <p>12. Busca valorizar e trazer a cultura para dentro da prática também enquanto terapeuta ocupacional e educadora;</p> <p>13. Falta de recursos financeiros;</p>	<p>ancorado num discurso do identitarismo como um desserviço;</p> <p>29. Práticas antirracistas;</p> <p>30. Atividades Manuais com Jovens e Vinculação por Meio da Arte;</p> <p>31. Racismo e Racialização no Atendimento de Jovens;</p> <p>32. Não se sente pertencente a equipe de trabalho;</p> <p>33. Eu queria ser qualquer pessoa menos eu mesma;</p> <p>34. Racismo Estrutural e Desejos para um Mundo mais igualitário;</p>	<p>uma mulher branca;</p> <p>45. Meninos negros em cumprimento de medidas socioeducativas;</p> <p>46. Como que eu, então, uma mulher branca, ajudo esse jovem nesse letramento racial;</p> <p>47. Jovem que tem muitas dificuldades de se entender enquanto um jovem negro, ele diz que ele é moreno;</p> <p>48. Profissionais brancos atendendo pessoas negras: limites, desafios e potencialidades;</p> <p>49. Jovens negros não se sentiam pertencentes, tinham vergonha de entrar no serviço</p>	<p>história e cultura de afro-brasileira e indígena;</p> <p>54. Apenas uma docente negra no departamento de terapia ocupacional ;</p> <p>55. A graduação e pós-graduação me preparou? Nada, assim, pensando em currículo e formação, nada. Foi tudo por busca ativa e própria</p> <p>56. Não tem como atender uma mulher negra da mesma forma que atende uma mulher branca;</p>	<p>67. Estudo apenas de referenciais que são eurocentrados durante a graduação;</p> <p>68. Poder se assumir racista;</p> <p>69. As meninas mais novas estão perdendo a habilidade dos trabalhos manuais passadas entre as gerações;</p> <p>70. Diferenças culturais e comportamentais entre crianças cosmopolitas e indígenas;</p> <p>71. Hostilidade e os preconceitos da própria equipe;</p> <p>72. Falta de outros agentes, assim, que compreendam a transformação social pela ocupação;</p> <p>73. Que ações, que tecnologias de cuidado a gente tem na TO, que não são racistas,</p>
---	---	--	---	---

<p>74. Assumam a responsabilidade, porque temos uma responsabilidade técnica, ética e política, enquanto profissionais da terapia ocupacional. E não fazer isso é assumir a colonialidade das nossas práticas, assumir o nosso racismo, o nosso machismo, a nossa transfobia;</p> <p>75. Não tem como eu ser a terapeuta ocupacional antirracista e pessoalmente não ser;</p> <p>76. Aceitação da negritude;</p> <p>77. Racismo intergeracional;</p> <p>78. Discutir a saúde, não de maneira desatrelada aos marcadores sociais;</p> <p>79. Discussão sobre as opressões institucionais no ambiente acadêmico e como oficinas temáticas ajudam a enfrentar essas questões;</p> <p>80. Quais políticas públicas de cuidado e cultura estão garantidas para a população negra jovem ou é no âmbito da segurança pública?</p> <p>81. Não tem como eu ser a terapeuta ocupacional antirracista e pessoalmente não ser;</p> <p>82. Aceitação da negritude;</p>	<p>85. 100 docentes na universidade e apenas 3 são negros;</p> <p>86. Raça é um tema é transversal segundo a resolução normativa da universidade, mas é aquele transversal que ninguém aborda;</p> <p>87. Tornar-se negro; Necessidade constante de afirmar sua legitimidade como profissional negro, mesmo com um currículo excepcional;</p> <p>88. Luta por reconhecimento e validação acadêmica;</p> <p>89. Teorias e conceitos usados para fundamentar práticas de educação antirracista e a terapia ocupacional;</p> <p>90. Questionamentos sobre o uso termo antirracista, pois docentes brancos acham que é muito ideológico;</p> <p>91. Falta de preparação dos currículos acadêmicos para lidar com as questões étnico-raciais, além da falta de estratégias terapêuticas adequadas para atender essas demandas específicas desses povos;</p> <p>92. Tensões e resistências encontradas em equipes interdisciplinares ao se inserir metodologias inclusivas e antirracistas;</p> <p>93. Corpo ancestral;</p> <p>94. Quando saiu da graduação não se sentiu preparada para atender essas demandas da população negra e povos tradicionais;</p>	<p>101. Propósitos e Desafios no Trabalho com Populações Negras;</p> <p>102. Impacto da Racialização no Desempenho e Atendimento Educacional;</p> <p>103. Experiência Profissional na Luta contra a Violência Institucional;</p> <p>104. Luta por Igualdade Racial no Ambiente de Trabalho;</p> <p>105. Defasagem na Formação Profissional sobre Questões Raciais;</p> <p>106. Racismo Estrutural e Impacto na Saúde Pública;</p> <p>107. Formação Acadêmica de Terapia Ocupacional e Abordagem de Questões Raciais;</p> <p>108. Conscientização e Práticas Antirracistas;</p> <p>109. Estratégias para Difundir Resultados de Pesquisa sobre Racismo;</p> <p>110. Pautas relacionadas a questões sociais, é bastante esvaziado;</p> <p>111. Assumam a responsabilidade, porque temos uma responsabilidade técnica, ética e política, enquanto profissionais da terapia ocupacional. E não fazer isso é assumir a colonialidade das nossas práticas, assumir o nosso racismo, o nosso machismo, a nossa transfobia;</p> <p>112. Pautas relacionadas a questões sociais, é bastante esvaziado;</p> <p>113. Identidade, território, pertencimento</p>
---	--	---

<p>83. Negação do acesso aos direitos;</p> <p>84. Não ser retinta o suficiente para ser considerada negra, e nem branca o suficiente para ser considerada branca;</p>	<p>95. Estudo apenas de referenciais que são eurocentrados durante a graduação;</p> <p>96. Poder se assumir racista;</p> <p>97. Não tem como atender uma mulher negra da mesma forma que atende uma mulher branca;</p> <p>98. Responsabilidade dos docentes frente as questões raciais;</p> <p>99. Responsabilidade dos docentes frente as questões raciais;</p> <p>100. Que ações, que tecnologias de cuidado a gente tem na TO, que não são racistas, ou que não tragam nas suas práticas essa dimensão;</p>	<p>114. Porque é isso, quem quer ser preto na condição que eles estão? Ninguém quer ser.</p> <p>115. Racismo nos serviços de saúde;</p> <p>116. A terapia ocupacional pode criar espaços mais inclusivos?</p> <p>117. Encontro com outros terapeutas ocupacionais negros e a formação de grupos para discutir e promover questões raciais na profissão;</p>
---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora

Após a geração dos códigos gerais eu e minha orientadora listamos códigos individuais e códigos coletivos. Os códigos individuais (figura 5) são identificados por uma ou mais colaboradoras. Já os conjuntos de códigos coletivos (figuras 6, 7, 8, 9) foram agrupados por aspectos similares:

Figura 5— Códigos iniciais individuais

- 1- Limites, desafios e potencialidades de profissionais brancos atendendo a pessoas negras;
- 2- O papel da terapia ocupacional na preservação e promoção da cultura tradicional
- 3- Dificuldades de implementação de metodologias inclusivas e antirracistas nas práticas terapêuticas e acadêmicas
- 4- A resistência ao uso do termo antirracista em contextos acadêmicos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6- Conjunto de códigos coletivos — Tornar-se negro

- 1- Identidade e Pertencimento;
- 2- Tornar-se negro e a necessidade de afirmar a legitimidade como profissional negro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7- Conjunto de códigos coletivos — Racismo nos ambientes institucionais

- 1- Como o racismo é percebido no Brasil;
- 2- Como o racismo e preconceitos impactam o ambiente de trabalho e a experiência de vida;
- 3- Racismo estrutural e impacto na saúde pública;
- 4- Situação de racismo dentro da equipe e entre usuários do serviço;
- 5- Racismo como produtor de adoecimento da população negra;
- 6- Os serviços de saúde são os piores lugares para estar;

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 8- Conjunto de códigos coletivos — Práticas antirracistas

- 1- Como práticas antirracistas podem ser implementadas;
- 2- Práticas antirracistas e a luta contra a violência institucional;
- 3- Luta por igualdade racial no ambiente de trabalho;
- 4- Tensões e resistências em equipes interdisciplinares ao inserir metodologias inclusivas e antirracistas;
- 5- Como práticas antirracistas podem ser implementadas na terapia ocupacional e no ambiente institucional;
- 6- Assumir a responsabilidade técnica, ética e política no combate ao racismo;
- 7- Tecnologias de cuidado na Terapia Ocupacional antirracistas?

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9- Conjunto de códigos coletivos — Formação Acadêmica e Profissional

- 1- Defasagem na formação sobre questões raciais na Terapia Ocupacional
- 2- Currículos acadêmicos e a falta de preparo para questões étnico-raciais
- 3- Formação acadêmica e abordagens eurocêntricas
- 4- Apenas uma aula sobre a portaria que fala sobre ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena
- 5- Disputas entre referenciais teóricos e sua aplicação na formação
- 6- A falta de docentes negros na graduação e na pós-graduação.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3 Terceira fase — Buscando por temas

Nessa fase os códigos foram transformados em temas potenciais. Ao final dessa fase identifiquei um conjunto preliminar de temas abrangentes e subtemas, e todos os extratos de dados foram codificados em relação aos temas.

4.4 Quarta fase — Revisão dos temas

Esta fase é dividida em dois níveis: revisão e refinamento. No primeiro nível li todos os extratos obtidos para cada tema e verifiquei se havia um padrão coerente. Já no segundo nível, modifiquei alguns temas e novos temas foram criados.

4.5 Quinta fase — Definindo e nomeando temas

Nessa fase é necessário identificar a *essência* do assunto de cada categoria, que consolida os temas que apresentam similaridades, e determinar que aspecto dos dados cada tema captura” (Braun; Clarke, 2006, p. 21). Neste projeto os temas globais serão chamados de categorias. Dessa forma, nessa fase identifiquei a *história* que cada tema conta e considere como ela se encaixa na *história* global em relação à pergunta e aos objetivos de pesquisa, com o intuito de garantir que não ocorresse sobreposição entre os temas e, por fim, analisei se havia relação entre eles. Após concluir essa etapa, atribui para cada tema títulos de trabalho, sendo esses concisos para que pudessem dar ao leitor (a) uma noção sobre o assunto abordado em cada tema. No final dessa fase, identifiquei 4 grandes temas que puderam abranger todos os temas e subtemas, que serão apresentados abaixo:

1º Tema - Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento.

2º Tema - Formação e disputa epistêmica

Subtemas:

- As ausências na formação em terapia ocupacional: Silenciamento das questões étnico-raciais, currículo eurocêntrico, racismo institucional.
- Referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência ocupacional
- Epistemicídio: Disputas entre referenciais teóricos e sua aplicação na formação

3º Tema - Racismo e impacto nas práticas de TO

Subtemas:

- Responsabilidade ética e política na terapia ocupacional: Assumir a responsabilidade técnica, ética e política no combate ao racismo

- Práticas interseccionais, artístico-culturais e antirracistas.
- Impactos do racismo nas práticas profissionais: racismo estrutural, institucional e cotidiano.
- Racismo e Branquitude: Limites, desafios e potencialidades de profissionais brancos atendendo as pessoas não-brancas

4º Tema - O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas

Os temas e subtemas foram encaminhados às colaboradoras da pesquisa para que pudessem fazer correções ou sugerir ajustes. No entanto, apenas duas colaboradoras responderam, informando que não tinham alterações a propor e, relataram que se sentiam representadas pelos temas e subtemas apresentados.

4.6 Sexta fase — Produção do relatório final

Nessa fase os dados estão consolidados, é necessário trazer “exemplos particularmente vívidos ou extratos que capturem a essência do ponto que você está demonstrando” (Braun; Clarke, 2006, p. 22).



5. Achados

As fotografias nos deram uma ideia muito detalhada das práticas de terapeutas ocupacionais, seja através da pesquisa, do ensino, da extensão ou de práticas clínicas, com pessoas negras e/ou com povos e comunidades tradicionais.

É importante destacar que, por uma escolha político-pessoal, todas as gírias, pausas, emoções e jargões foram preservados nas narrativas, com o intuito de respeitar e manter a consistência com a forma de se expressar das colaboradoras. Cabe lembrar que a maioria das colaboradoras enviou as fotografias com as legendas já incluídas, as quais também foram preservadas sem alterações. Os preceitos éticos de proteção da identidade dos indivíduos fotografados foram respeitados.

A seguir, eu utilizo as entrevistas e as imagens produzidas pelas colaboradoras para refletir sobre os quatro temas consolidados: 1º Tema - Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento, 2º Tema - Formação e disputa epistêmica, 3º Tema - Racismo e impacto nas práticas de TO, 4º Tema - O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas.

5.1 Tema 1– Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento.

Todas as colaboradoras negras refletiram sobre o processo de tornar-se negra. A maioria das colaboradoras revela que começaram a criar a própria identidade étnico-racial na graduação ou na pós-graduação. Isso demonstra que, embora a universidade seja um espaço embranquecido, pessoas negras conseguem transgredir e vivenciam o que se denomina de Revolução Barulhenta nas universidades.

*Um amigo começou a falar: “você é negro”. E eu falava: “gente será? como assim?”. Então, tem uma confusão, eu acho que é esse tornar-se negro. Eu falo assim, gente, **me tornar negro**, né? E aí, acho que tem um revisitar a minha trajetória, as violências que eu sofri, revisitar a minha trajetória de vida, a minha relação com os meus pais, que é um casal inter-racial, a minha relação afetiva que diz da minha família, mas também afetiva que dizem dos relacionamentos (Gil)*

*O meu despertar para essas questões raciais, as questões de gênero, da **interseccionalidade** começou lá em 2014, 2015,*

quando eu fui bolsista de um projeto de extensão (Conceição Evaristo).*

As pessoas me chamavam de Morena e eu... respondia a essa alcunha. Só que quando eu saí da graduação, formei e fui para fazer residência [...] no hospício, no centro do Manicômio [...] Só que essa foi uma experiência avassaladora, assim. Porque eu não tinha mais pra onde correr da minha negritude. Para todo lado que eu olhava era paciente que parecia comigo, parecia com minha mãe, parecia com as minhas irmãs. E aí eu olhava para os colegas profissionais e, tipo, eu não me identificava (Maria Rosa)

Apenas duas colaboradoras começaram a se entender enquanto pessoas negras na adolescência

Eu era bolsista nessa escola, era uma escola muito rica, muito branca e aí eu estava deitada com muita cólica no chão da quadra e as duas crianças menores do que eu passaram e um falou assim: “nossa será que ela está bem?” Aí o outro falou assim: “mas porque você quer saber isso? Ela é filha da empregada”. E eu não era filha da empregada, mas eu entendi o que ele quis dizer quando ele disse isso e aquilo me impactou muito. Eu falei, caramba, eu não sou igual a ele, eu não sou igual ninguém dessa escola, com quem eu mais me pareço é com a empregada, por quê? (Rosenda)

Foi na adolescência, que eu me identifiquei mais com uma pessoa negra [...] Porque assim, eu sempre fui uma negra metida, que assim, eu não tinha dinheiro, passava necessidade, mas eu queria estudar [...] Uma vez escutei na escola, que eu era bolsista, “ela tá aqui hoje, mas daqui ela não vai passar, porque ela vai reproduzir todo o sofrimento que a família dela viveu, não vai passar, deixa aí, leva a sério não” [...] Aí eu vejo que foi nisso que eu passei, me identificar e assumir quem eu era. Basicamente pelos preconceitos que eu vivi (Beija-flor)

Conceição Evaristo* e Gil refletem que estar no papel de docente em uma IES sempre foi um sonho, mas devido ao racismo, carregam um sentimento de não-pertencimento.

A docência pra mim foi... assim... salvou minha vida, sabe? Salvou mesmo, gente. E eu fico... Eu amo o que eu faço, gosto muito de... de estar dentro da sala de aula. Isso me deu um lugar... de ver as pessoas me ouvindo e eu tentando passar pra elas aquilo que eu aprendi. (Fala bem emocionada-choros) Né? E eu me sinto muito orgulhosa, assim, de estar... Porque não é fácil, sabe? E às vezes eu fico ali dentro daquela sala dos professores. Eu não me sinto, assim... Não me sinto nem um

pouco pertencente. É hostil. É o espaço hostil. As pessoas... Elas são fingidas, sabe? Elas fingem que elas se importam, mas elas não se importam. Elas só se importam de formar e falar que tirou nota 5 no conceito da CAPES, que vão entregar um monte de terapeuta ocupacional (Conceição Evaristo)*

Eu acho que eu estava até conversando com um amigo meu, né, falando de que parece que quanto mais, assim, nesse processo da entrada na universidade como docente, parece que eu senti mais um impacto do racismo do que antes. Eu acho que eu não sei se isso tem a ver como eu estou no espaço muito branco, ou se a minha percepção sobre isso ficou mais sensível, sabe? Se eu tenho mais consciência racial? Eu consigo perceber isso de outra forma. Mas assim, é nas sutilezas, né? (Gil)

5.2 Tema 2– Formação e disputa epistêmica

- 5.2.1 As ausências na formação em terapia ocupacional: Silenciamento das questões étnico-raciais, currículo eurocêntrico, racismo institucional.

Ao refletirmos sobre os currículos acadêmicos de terapia ocupacional, as colaboradoras afirmam que os currículos não abordam suficientemente as temáticas raciais. Elas revelam que, com base na formação que tiveram, não saíram da graduação preparadas para atender às demandas da população negra, quilombola e/ou indígena.

A constituição da aprendizagem da nossa formação, ela é totalmente branca e voltada pra tecnologia duras, né, onde a gente vê ali, a gente vai fazer a análise da atividade, do desempenho ocupacional, não sei que, a funcionalidade do membro, não sei que, não sei das quantas, né, mas... Não transcende, assim, pra pensar o nível macrossocial, de pensar, quanto que é importante o TO tá ligado no que tá acontecendo ali, no momento político que a gente vive, de olhar pra história, né, não tem muito isso não, mas eu tenho esses esforços, assim, com os alunos, procuro pensar, trazer também essa reflexão, né (Conceição Evaristo).*

Então, dizer que a formação que eu tive me preparou para lidar com a população negra não me preparou, porque não se via essa questão, via-se o sofrimento mental. No caso, né, que foi... minha formação foi bastante na saúde mental, então, via-se o sofrimento mental, via-se o adoecimento, a reforma psiquiátrica antimanicomial, mas a gente não via que no manicômio só

tinha preto, a gente via que tinha doente, doente mental (Maria Rosa)

Eu acho que fez falta, não à toa, eu precisei buscar nas formações extras o conhecimento que eu tenho agora. E agora, volto para a pós-graduação, com o conhecimento que eu construí, para colaborar, para a gente poder avançar como categoria, porque a gente está atrasado (Maria Rosa)

Naquele momento eu não acho que tinha nada, assim, nem transversal, nem opcional, nem nada, nada, zero mesmo. Então, acho que se eu posso pensar que a universidade me preparou, ela me deu mais recursos pelos inúmeros lugares que ela me proporcionou estar. Então, isso me deu mais recursos pelos outros lugares não institucionalizados da sala de aula, mas se eu for pensar currículo e disciplinas, zero, mas zero mesmo (Rosenda)

Então, hoje, depois do que eu vivi das minhas outras formações, consigo entender que eu não tive uma formação antirracista, que eu não tive uma formação que me deu ferramentas, instrumentos para poder não só refletir sobre a minha prática, mas também para poder entender qual o meu lugar dentro da luta racial (Beth)

Na visão das colaboradoras, a partir das mobilizações de estudantes e docentes, o currículo acadêmico está passando por mudanças

O código de ética da Fono fala sobre discutir sobre raça, gênero, sexualidade. A TO fala, não podemos discriminar, não dá nome para as coisas que têm que ter nome. Mas ao mesmo tempo, acho que é isso. Mas a gente avançou, por exemplo, no currículo novo da TO, nas DCN, nas Diretrizes Nacionais do Currículo de TO, a gente conseguiu avançar já um pouco, está sendo aprovada. Mas eu fico pensando assim, na universidade acho que a gente consegue mobilizar. Mas como isso chega, isso tem sido a minha preocupação ultimamente, porque é isso, não sei, não sei se vão ler a sua tese, sabe? É isso, como a gente pode fazer com que essa tese chegue que informe a TO que produz esse conhecimento, que tem a ver com a prática, mas que chegue lá na prática, sabe? Fico pensando muito desse jeito, assim, não sei. Acho que isso é um desafio (Gil)

A universidade tem que ter essas temáticas. O currículo é isso. Eu tenho uma disciplina que eu discuto raça, não porque eu quero e gosto, porque eu amo, porque eu estou impondo ideologicamente para os alunos, como alguns professores colocam. Porque a gente tem que ter, porque isso está colocado como parâmetro da universidade, do currículo, sabe? Não porque eu acho legal, porque tem que ter, porque a gente

pensou isso, porque tem as bases curriculares, sabe? Então, isso também vai ser importante para a gente trazer esse tema, sabe? Por isso que tem que ter formação, por isso que tem que ter isso, porque não é uma tarefa minha de ensinar o que é que questão cor-raça (Gil)

Na experiência das colaboradoras, um número ínfimo de terapeutas ocupacionais negras compunha o corpo docente e discente das IES

Eu tive uma professora negra (Rosenda)

Na minha turma, além de mim, tinha uma indígena aldeada, ela desistiu no primeiro ano, depois tinha uma mulher negra retinta, duas mulheres negras de pele clara, era isso. Nenhuma professora negra (Maria Rosa)

Terapeutas ocupacionais denunciam a falta de acesso à portaria de saúde da população negra, a portaria que fala sobre o ensino da história e cultura de afro-brasileira e indígena durante o processo formativo

Hum... Tive mais de uma forma muito tímida, tive ali como ali tipo, uma aula ali sobre a Política Nacional dos Povos Tradicionais. Eu lembro que eu cheguei a fazer uma formação, mas foi por... a motivação minha mesmo pessoal de fazer o curso no UNASUS sobre a Saúde da População Negra (Conceição Evaristo*)

Não, nunca se falou sobre isso, não mesmo. Nenhuma das duas inclusive, nem se citava. Eu vim saber quando eu fui trabalhar no SUS, antes eu não sabia (Maria Rosa)

- 5.2.2 Referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência ocupacional

Os referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência ocupacional que fundamentam as suas práticas foram apresentados de múltiplas maneiras:

E aí a gente vai para os contextos sociais pra dentro da Ciência Ocupacional, aí a gente já utiliza muito mais ocupação, e eu gosto de trabalhar com esse termo, ocupação. E quando eu já vou para os povos amazônicos, eu uso modos de vida também (Conceição Evaristo*)

*Eu uso da **reabilitação psicossocial**, que não é da TO, né? Mas que a TO bebe muito disso para se fazer enquanto profissão, **que é considerar o sujeito, valorizar os movimentos sociais, são muito importantes para a gente enquanto categoria. Então, essa base da saúde mental eu uso para tudo. E na TO eu aprendi a fazer, a gente usava muito isso. Então você vai propor uma atividade, você não propõe, você deixa os materiais e vamos ver o que a pessoa traz. Ah, a pessoa não traz? Aí você propõe uma atividade que você gosta, até ela ir percebendo que é um espaço que dá para falar do que gosta, e aí ela fala, eu gosto de fazer tal coisa e aí você começa com ela (Maria Rosa)***

*Eu uso muito referencial do **envolvimento ocupacional (ciência ocupacional)**. Eu tento desenvolver na minha prática ligada a esse **envolvimento do apartheid ocupacional, que vêm aquelas teorias que vêm da África**, eu leio muito essas teorias porque eu acho interessante. Eu acho que a ciência ocupacional ainda é pouco conhecida aqui no Brasil. Tem teorias que eu uso na minha prática, **tipo, a da AOTA. Ah, essas teorias mais assim que eu nem gosto, mas eu vejo que se difundem muito no Brasil, aí são teorias que eu uso (Beija-flor)***

*A partir da **TO Social**, que é como a gente faz uma prática que é... que é ela está... ela é **anti-opressiva, ou seja, olha para aquelas todas aquelas opressões, e ela tem como intencionalidade a liberdade, ou seja, a liberdade das pessoas. Então ela não é necessariamente... se ela é anti-opressiva, ela é anti-capitalista, antirracista, anti-sexista, sabe? Então eu fiquei... nesse momento agora, pensando em referenciais, eu fiquei buscando esse lugar assim. E o Paulo Freire vai ser alguém importante para isso (Gil)***

*Pensar a **interseccionalidade dentro da terapia ocupacional, e de poder usar referenciais que consigam ter essa dimensão dos marcadores sociais da diferença, do quanto isso atravessa as vidas das pessoas e vão possibilitando não só condições de vida, mas também quais vidas têm valor. Então, eu tenho escolhido usar referenciais que dê conta de pensar essas diferenças, e quanto essas diferenças em muitos momentos se farão desigualdades (Rosenda)***

Fora da terapia ocupacional, as colaboradoras têm utilizado referenciais das ciências humanas e sociais¹³. A maioria delas tiveram acesso a esses referenciais nas disciplinas optativas e/ou por busca ativa.

¹³ As colaboradoras mencionaram apenas os nomes dos/das intelectuais, sem indicar as obras específicas às quais estavam se referindo.

Quadro 2 — Referenciais das ciências humanas e sociais

Estudos pós-coloniais	❖ Gayatri Spivak ❖ Grada Kilomba
Autores indígenas que discutem a margem	❖ Edson Kayapó ❖ Ailton Krenak ❖ Denilson Baniwa
Feminismo negro	❖ Patricia Hill Collins ❖ bell hooks ❖ Lélia Gonzalez ❖ Audre Lorde ❖ Conceição Evaristo ❖ Ângela Davis
Estudos Decoloniais	❖ Frantz Fanon ❖ Deivison Faustino
No campo da educação	❖ Paulo Freire ❖ Nilma Gomes ❖ Kabengele Munanga
Pan-Africanismo	❖ Abdias Nascimento
Masculinidades pretas	❖ Rolf Malungo de Souza
Identidades	❖ Stuart Hall
Economia e estratificação social	❖ Florestan Fernandes
Capitalismo e Justiça social	❖ Nancy Fraser
Interseccionalidade e terapia ocupacional	❖ Sofia Martins ❖ Magno Nunes ❖ Jaime Leite ❖ Dandara Pereira ❖ Alekin Ambrosio ❖ Márcia Cabral ❖ Anna Carolina Santos
O movimento da dança e o cuidado do corpo negro	❖ Adinaionara ❖ Renata de Oliveira ❖ Vera Passos. ❖ Vânia Silvestre ❖ Ludmilla

Elaborado pela autora.

- 5.2.3 Epistemicídio: Disputas entre referenciais teóricos e sua aplicação na formação

Terapeutas ocupacionais relatam os desafios de utilizar esses referenciais

Muitos não aceitam (o referencial da ciência ocupacional). Dizem que não, aqui não, tem que usar os outros (Beija-flor)

Bom, os desafios é que eu acho que são geográficos, né, de não ter ali referenciais na terapia ocupacional mais contextuais que pensem as problemáticas sociais dos povos amazônicos. Vamos na Cadernos e a gente lê o texto ali, por exemplo, de uma publicação que fala sobre saúde do trabalhador, saúde mental, enfim. Eu acho que assim, a gente lê o texto, os artigos e tenta fazer o exercício de pensar o nosso cotidiano, a partir dos nossos modos de vida. Porque não tem quase nada de referencial teórico que verse sobre, a partir dos nossos modos de vida, contextos (Conceição Evaristo*)

Então, tem algumas lutas que a empresa não banca, que a escola deveria bancar, mas também não banca. Então, acho que esses limites institucionais, até que ponto o que eu enquanto profissional vou demandando da instituição que eu estou, essa instituição consegue me dar o suporte, me dar o respaldo, consegue abraçar junto as ideias, os enfrentamentos? Acho que são esses os limites que eu enxergo (Beth)

Por usar um referencial contra hegemônico, Gil pondera que a sua prática terapêutica ocupacional é questionada

Acho que eu sinto que... que tem uns questionamentos sobre o meu trabalho, inclusive... é uma professora já questionou por que eu uso termo antirracista, que ela acha que é muito ideológico, sabe? E aí eu falei para ela que eu tinha muitos referenciais para fazer isso. Então, tem algumas questões que eu vou sentindo, assim [...] Existe uma necessidade de uma luta pelo reconhecimento ainda, sabe? Não é algo dado assim. Acho que não é uma... Essa coisa de quando você é uma pessoa branca, acho que tem um reconhecimento já estabelecido e inclusive uma relação de respeito já colocada e naturalizada. É isso, como isso dá pela sua... pela sua... pela sua cor de pele, né? É isso, está dado. E aí, como isso tem que... Toda hora tem que ser reiterado, é isso. E aí, talvez, entra no lugar que essa coisa de que, 'aí, sempre tem que ser o melhor, sempre tem que fazer muito, sabe?' E mesmo quando faz, isso que eu estava falando com esse meu amigo que muito, né, então, mesmo quando faz muito, não tem um reconhecimento que é desejado. E eu estava falando, o quanto é... o quanto eu vou parar de esperar o

reconhecimento das pessoas que são brancas e vou fazer o meu trabalho, porque eu acho que ele tem impacto, assim, na vida de outras pessoas, inclusive, dos alunos, sabe? Então, acho que também a gente fica muito nessa coisa de... do desejo de uma legitimidade, que muitas vezes vem, inclusive, da pessoa branca, sabe? Porque, institucionalmente, são as pessoas brancas que estão lá. Mas é isso, assim, como a gente pode... Acho que é afirmar essa legitimidade, respeito, mas também sem se desgastar, porque o trabalho tem que ser feito para mim, sabe? Para mim e para o compromisso social da universidade e não necessariamente para aquelas pessoas que vão me legitimar ou não, sabe? (Gil)

Maria Rosa e Beth, a partir de lugares diferentes apontam situações de epistemicídio acadêmico

E aí eu tentei fazer um Trabalho de Conclusão de Residência, com esse recorte, né, assim, de fazer uma investigação como é que o homem negro sofre, né? Só que a banca qualificadora e o meu orientador desincentivaram, assim, na verdade, eles fortemente me desincentivaram, disseram que não era científico, que eu podia ter um viés de confirmação nessa pergunta [...] Eu me senti tolida, eu me senti desrespeitada, eu fiquei muito frustrada. Porque não era uma relação de companheirismo, a pessoa não ficava confortável perto de mim e aí no fim eu tive que pesquisar um tema que eu nem queria. Então, se era que eu ficar tão sozinha, deixasse eu publicar o que eu quisesse, sabe?

Ali sim foi uma vivência racista, de racismo na academia, né? [...] ali foi desrespeitoso, sabe? O ambiente majoritariamente branco virar pra você e falar: “Olha, se você fizer essa pesquisa, você pode não conseguir publicar, porque esse recorte tem muito viés de confirmação”. Mas falar que o crânio de um negro é diferente de um branco, por isso ele é burro não é viés de confirmação, né? (Maria Rosa)

Uma coisa que eu reflito muito é por que que eu não tive contato com isso antes? [...] Porque se eu tivesse sido formada também por esses referenciais lá atrás, eu acho que eu poderia ter impactado de maneira diferente os lugares onde eu passei e onde eu ocupei. Eu acho que esse é o primeiro momento, é o primeiro desafio, que é poder ter contato com isso e refletir sobre essas dimensões antes e sempre, né. Então, durante toda a formação, poder olhar pra todas as áreas para essas dimensões de classe, de gênero, racial, enfim, e todos os outros marcadores sociais de diferença (Beth)

5.3 Tema 3– Racismo e impacto nas práticas de TO

- 5.3.1 Responsabilidade ética e política na terapia ocupacional: Assumir a responsabilidade técnica, ética e política no combate ao racismo

As colaboradoras questionam quais são as responsabilidades dos conselhos de terapia ocupacional no combate ao racismo

Nossa profissão se posiciona não só quando aconteceu a coisa lá em 2020¹⁴, mas como o debate lá em 2020 das Vidas Negras Importam teve um boom da questão da TO inclusive via os Conselhos. E agora os Conselhos estão fazendo o que sobre isso? É isso aí, a gente tem vários encontros com TOs Negros. Legal. Mas a partir daquilo, o que a TO fez para, no sentido de criar grupo de trabalho, criar documentos, criar parâmetros para pensar a prática, para além da hashtag, sabe? Então acho que isso é um dos limites, assim. De como a gente pode, de fato, pulverizar e que esse seja um tema para TO, porque a TO lidou com isso muito tardiamente (Gil).

A gente fica discutindo entre a gente na academia, mas e os TO que estão trabalhando? Isso está chegando como pelo CREFITO? (Gil).

Gil se questiona como os debates raciais estão chegando para terapeutas ocupacionais que atuam na ponta

Será que os TO que estão trabalhando estão ligando pra isso? Então, não, estão lá trabalhando, são PJ, sabe? Temos mil problemas de relação de trabalho. Como essas pessoas podem pensar isso, sabe? Como a universidade está indo pra extensão, está colocando isso? (Gil).

Os alunos fizeram uma entrevista com uma TO para perguntar como a TO vê os marcadores sociais da diferença na sua prática. E a fala da TO é essa: Eu nunca... Eu nunca diferenciei ninguém, ninguém para mim é diferente, sempre tratei todos com igualdade. Então para mim isso não é uma questão. Ou seja, ela está negligenciando totalmente as diferenças, inclusive as diferenças que produzem a desigualdade. Ela não está lidando com isso. É isso, no mundo dela. E é de um jeito que ela

¹⁴ Em 25 de maio de 2020, em Minneapolis, Minnesota. George Floyd, um homem negro de 46 anos, foi assassinado durante uma abordagem policial. A morte de Floyd tornou-se um símbolo do racismo sistêmico e da violência policial desproporcional contra negros nos Estados Unidos. O assassinato de George Floyd impulsionou uma onda massiva de protestos em vários países, liderados principalmente pelo movimento Black Lives Matter. Além disso, no Brasil houve a morte do Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, que foi deixado sozinho no elevador pela patroa de sua mãe, Sari Corte Real. A criança caiu do 9º andar do prédio em Recife, enquanto a mãe passeava com o cachorro da patroa.

acha que está falando algo positivo. Tipo assim, não diferencio ninguém. Então, não olha para isso, porque se for parar pra olhar, a diferença está colocada já, não é você que está diferenciando, né. Mas inclusive, nessas TOs eu não sei se está chegando (Gil).

Conceição Evaristo* pondera que ela é única professora no Departamento de Terapia Ocupacional que trabalha as questões étnico-raciais, ela acredita que após a sua saída o corpo docente não dará continuidade ao seu trabalho

Não, não vai dar continuidade ao trabalho. Eu gostaria muito, assim, de entregar ali um trabalho que virasse um projeto de lei, né, de que eu obrigue a presença do terapeuta ocupacional nos equipamentos da assistência social de alta complexidade, mas pelo andar da carruagem, assim, eu creio que não. Eu sou aquela, assim, sabe, que lá na faculdade quer falar sobre a população tradicional? Aí me chama; ações afirmativas? Aí me chama; racismo? Aí me chama, né? E aí é assim que a banda toca.

As colaboradoras falam sobre o racismo na profissão e questionam quais são as tecnologias antirracistas disponíveis

Ai, a TO eu não sei, a TO não pensa isso. Ai, tal pessoa, tal TO é racista. Tipo assim, existe uma terapia ocupacional racista? Assim, existem pessoas, é isso, a gente... Como a gente pensa isso, não é? Como profissão, entende? É, existe uma TO que é pautada na branquitude, ah, ah, ah, isso? TOs que fizeram coisas incríveis, mas que passam por isso. Mas como a gente recoloca isso de um jeito onde a gente avança como profissão, sabe? Acho que esses ruídos na construção vão fazendo com que a gente não consiga se mobilizar coletivamente. Inclusive, a gente... Inclusive é isso, assim. De como a gente vai reconhecendo o trabalho do outro, sabe? (Gil).

Quais ações, tecnologias de cuidado a gente tem na TO, que não são racistas, ou que não tragam nas suas práticas essa dimensão? Acho que isso é um desafio de ter ferramentas, instrumentos (Beth).

As colaboradoras apresentam recomendações para que terapeutas ocupacionais e estudantes de terapia ocupacional assumam responsabilidades técnicas, éticas e políticas ao realizar práticas com a população negra e/ou povos tradicionais

Eu busco falar isso para os meus alunos mesmo, assim, que eles não foquem apenas na questão da individualização das problemáticas que são... que adoecem sujeitos, né, mas que

foquem também no âmbito macrossocial, pense no macrossocial também, pensar as questões políticas, ideológicas, geográficas, os marcadores da diferença, pensar para além dessa individualização. De que até no momento que você for recomendar, prescrever uma órtese para um paciente, mas que outras dimensões eu posso avaliar que não é só aquilo ali, o órgão que está ali precisando, aquela coisa ali de aí ele está precisando de uma órtese de estabilização para o punho, não sei o quê, tá, mas e aí, que outras dimensões? (Conceição Evaristo)*

Quais são os lugares que eu ocupo a partir disso, o que é que na minha vida isso mobiliza, sabe? Acho que isso é importante até para a gente entender um pouco... A gente lida com a vida cotidiana, então a minha vida cotidiana é afetada também por essas questões. Acho que um exercício de pensar sobre isso (os próprios marcadores sociais) é importante.

E depois sentar a bunda e estudar. Acho que tem uma coisa de como a gente pode entender a questão da história, a história do Brasil, o racismo que perpassa a religião, a questão científica. Como a gente pode dizer pros terapeutas ocupacionais que estão produzindo aí sobre a questão da raça, etnia, marcadores sociais? E eu acho que depois de ler e entender, quem está discutindo o quê, a partir de onde, por que a gente discute a partir de muitos lugares [...] E eu acho que procurar também, talvez, acho que a partir de uma análise mais geral disso, entender qual o seu lugar também de como você pode fortalecer isso. Se, de fato, pode ser encontrando outros terapeutas ocupacionais que querem discutir isso. Então, como eu posso me inserir em um grupo que exista, ou até em um grupo de pesquisa, com terapeutas ocupacionais de serviços que podem se inserir também para discutir alguns textos? Acho que... E eu acho que uma coisa importante é entender como, inclusive, institucionalmente, onde você trabalha, essa questão é colocada. Como você pode pensar que isso está inserindo seu trabalho enquanto política pública, inclusive? (Gil)

Assumam a responsabilidade, assumam a responsabilidade em todos os espaços que vocês se colocam enquanto terapeuta ocupacional. Façam as tensões por quem não pode fazê-las. Muitas das pessoas que a gente acompanha, que a gente atende, não têm recursos internos e externos para fazer algumas discussões. Não têm acessos, não têm letramento para poder reivindicar alguns direitos. Então nós, que temos acessos, que temos informações, muitas vezes privilegiadas, que temos formações que nos permitem estar em espaços e tensionar para que a estrutura se altere, que a gente faça isso. A gente, então, na discussão de rede, pontue sobre os atravessamentos raciais e tantas outras violações que a gente vê acontecendo, que a gente use do nosso lugar de fala e dos nossos privilégios para poder

dizer coisas que outras pessoas no nosso lugar dizendo não seriam ouvidas. Então acho que eu tenho para dizer isso. Assumam a responsabilidade, porque temos uma responsabilidade técnica, ética e política, enquanto profissionais da terapia ocupacional. E não fazer isso é assumir a colonialidade das nossas práticas, assumir o nosso racismo, o nosso machismo, a nossa transfobia. Enfim, viver é tomar partido, uma frase que eu gosto muito que é essa, então que a gente tome partido, sempre, em todos os momentos, em todos os lugares, e que a gente embarque junto na luta com os nossos. Que a gente não seja só a pessoa que assiste ao movimento acontecendo, às transformações acontecendo de maneira pacífica, que a gente tome para si essa luta que é coletiva (Beth).

E para pessoas não-negras e não-tradicionais, eu daria a dica de escutar e olhar. Não é ouvir e ver, é escutar e olhar. Porque a primeira reação, e é isso, né, assim... A Grada (Kilomba) fala muito que existe um processo para as pessoas, e aí ela fala das pessoas brancas, quando elas se deparam com o racismo, entendendo que elas são frutos desse sistema e se privilegiam disso. Que, no português, não tem explicação de diferença, mas no inglês tem, né, que é negação e negativa. Aí eu estou fazendo uma tradução literal, então, negação é quando você nega subjetivamente (exemplo: Não, eu não sou racista) e negativa é quando você nega no real. Então são processos psíquicos distintos e você trabalhador da saúde não-negro, não-tradicional, que vai trabalhar com essa população, precisa estar ciente desse processo, que você vai passar, porque não é sobre você, é sobre quem você está cuidando (Maria Rosa)

Rosenda e Maria Rosa ofereceram orientações específicas para terapeutas ocupacionais que se autodeclaram negras e/ou pertencentes a povos e comunidades tradicionais

Assim se forem pessoas negras começando esses estudos, de serem gentis consigo, porque para a gente iniciar esse processo ele é dolorido e ele faz a gente descobrir coisas que não são tranquilas, então acho que a gente lê e ter cuidado com essas pessoas (Rosenda)

Primeiro, se fossem pessoas negras e tradicionais atendendo pessoas negras tradicionais [...] É muito mais fácil a gente se identificar com o sofrimento do outro quando a gente passa por ele. Então, uma indicação que eu faria é... Cuide da sua saúde mental, seja você trabalhador da saúde mental ou não, trabalhando com questões antirracistas. Porque o sofrimento do outro é muito próximo ao seu, você se identificar e ficar colada naquela cena é muito fácil de acontecer. Então, uma dica é... Produzam cuidado antirracista sem que o seu antirracismo

adoeça você. Isso é essencial para você poder continuar na luta, poder continuar produzindo esse cuidado que é valiosíssimo (Maria Rosa)

- 5.3.2 Práticas interseccionais, artístico-culturais e antirracistas

As fotografias ¹⁵refletem as práticas das terapeutas no ambiente acadêmico, nas medidas socioeducativas e nas práticas ambulatoriais do SUS.

No ambiente acadêmico, Conceição Evaristo* e Gil refletiram sobre a importância de práticas com pessoas negras e/ou com povos e comunidades tradicionais. Conceição Evaristo compartilhou fotos das práticas realizadas durante o estágio em saúde mental com o público infantojuvenil da etnia Warao. Ao começar a falar sobre as imagens, Conceição* descreve a situação de extrema vulnerabilidade enfrentada pelos refugiados Warao no Brasil.

*“Primeiramente, né, eu estou, eu estou iniciando esse trabalho lá nesse campo de estágio, que é um Serviço de Acolhimento Institucional de famílias, exclusivamente voltado para famílias, para os Warao¹⁶, que desde 2017, por conta da situação de calamidade pública, política, instabilidade política, lá na Venezuela, essas pessoas têm se deslocado para várias partes do Brasil. Então, esse serviço foi criado como um serviço de apoio emergencial, **porque essas pessoas estavam todas em situação de rua, chegando aqui à pé, passando pela fronteira lá em Paca Roraima, que é lá na fronteira de Roraima com a Venezuela, vindo de barco até a região norte do Brasil. Então, essas famílias ficavam... Assim, famílias inteiras ficavam, ficam ainda nos sinais, ainda tem muita gente aqui que sobrevive da coleta nos sinais, mas foi um esforço de cumprir com políticas sociais, políticas públicas básicas, que estão na declaração dos direitos humanos, e aí eles entram também como refugiados.***

*Eu conversei com um intérprete lá que ele é venezuelano, e assim ele nos recebeu, abraçou o estágio falando que eles precisam de um momento para eles que seja terapêutico, porque o índice de uso de álcool é muito prevalente dentro dessa população e a violência também. Então, atualmente o serviço ele está com 140 pessoas todas Warao, mas dentro dos Warao tem subgrupos e às vezes esses subgrupos eles não se bicam, né? **Há muita violência, eles bebem muito, vivenciam o luto de outra forma, porque já morreram pessoas ali, sejam por doenças que são facilmente tratáveis, ou por... tipo semana retrasada, teve uma menina que ela não morreu, mas ela foi atropelada lá na rodovia, porque ela estava bem alcoolizada. E lá é um lugar longe do centro, é um lugar terrível, tipo, lá era pra você ter ideia, lá era uma oficina mecânica de caminhões. Então, assim, é um lugar com um muro alto, com um estacionamento grandão, e dois galpões, dois galpões grandes onde eles ficam lá, todos conglomerados, eles são separados, eles***

¹⁵ Visite a exposição virtual das fotografias capturadas pelas colaboradoras da pesquisa <https://visit.virtualartgallery.com/exibicao-de-fotografias-amanda>

¹⁶ Os Warao são um povo indígena originário da região do delta do rio Orinoco, na Venezuela. A partir de meados de 2017, a grave crise econômica, política e humanitária na Venezuela levou milhares de venezuelanos a buscar refúgio em países vizinhos, incluindo o Brasil. Para aprofundamento da história e dos desafios enfrentados pelo povo Warao no Brasil, sugere-se a leitura do protocolo de consulta prévia do povo Warao [10.31792/978-65-88106-00-6](https://www.gov.br/brasil/pt-br/assuntos/direitos-humanos/protocolo-de-consulta-previa-do-povo-warao).

têm... cada um tem a sua cabaninha, só que a cabaninha, ela é isolada com panos. É um local quente, é um local que tem parece que um banheiro coletivo, é uma situação de muita precariedade lá.

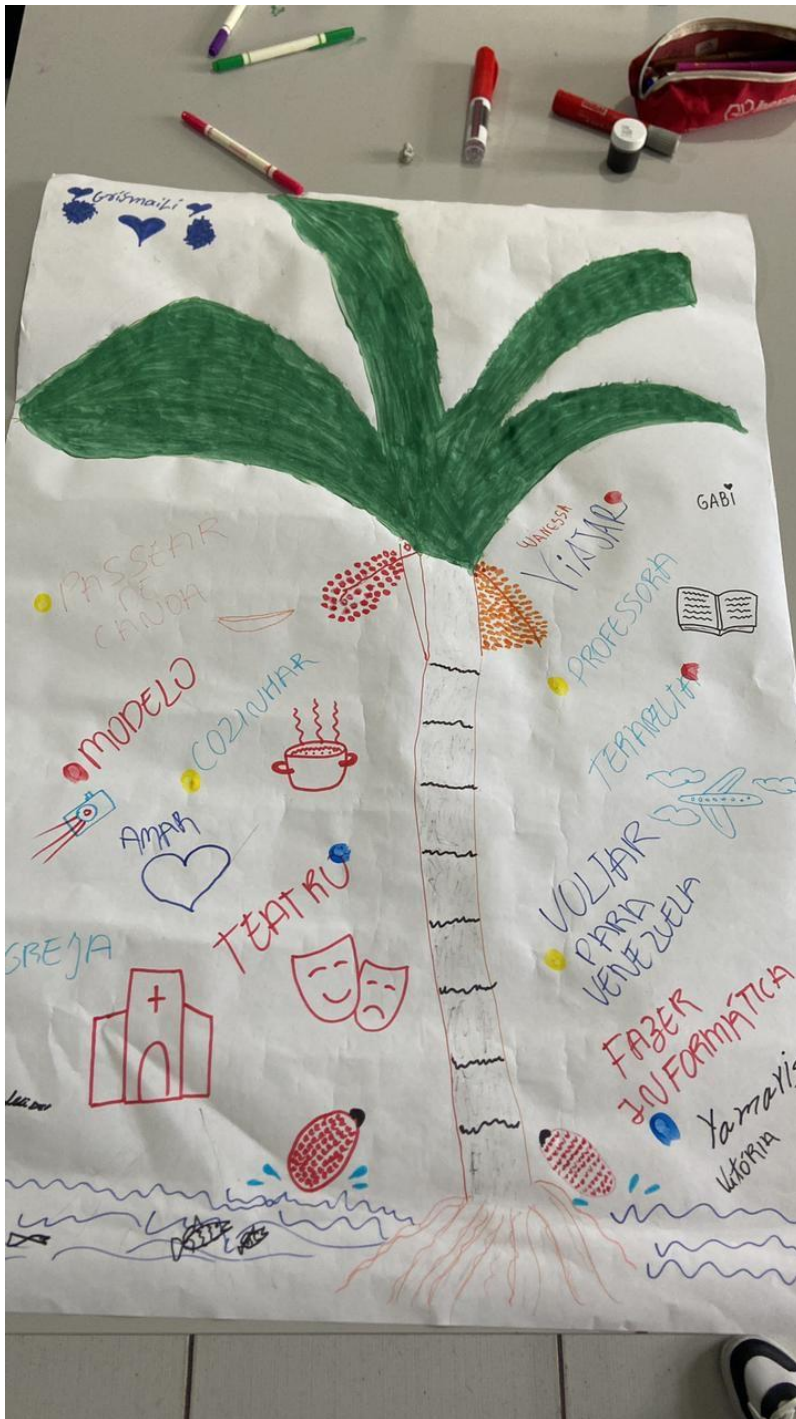
Então, a gente iniciou as atividades com o objetivo de estabelecer os vínculos, entender a dinâmica, como é que era, e trazer também o fortalecimento identitário baseado na cultura deles, baseado na cultura Warao, visto que eles saíram de lá, e aí seus costumes, seus hábitos, eles vão se perdendo com o deslocamento para a cidade, e ainda mais para o outro país. E aí nós iniciamos com apresentações, e aí, nesse rolê de apresentação, eu percebo que a grande dificuldade da fala, da linguagem, pelo fato deles terem a primeira língua deles, a língua mãe, a língua Warao, a segunda espanhol, e agora que eles estão se habituando a falar o português. Então, tem sido assim uma dificuldade bem grande. Segundo o orientador social, e que nos ajuda como intérprete, ele falou: “olha, eu preciso de pessoas que estejam ali para fazer algumas atividades que tragam a reflexão para eles sobre como eles podem tocar os seus projetos de vida aqui, porque eles estão dentro de um abrigo, mas tem um período determinado para eles permanecerem aqui”.

Então, porque eles ficam aqui e tal, aí vão ficando, vão ficando, a gente não vê ali uma construção desses projetos de vida, mas assim que projetos de vida, né? Um indígena que está ali descalço, eles não têm muito hábito de usar calçados, boa parte são semianalfabetos. Enfim, que perspectivas? Visto que a gente está no norte do país que tem marcadores sociais péssimos também na educação, e aí essas pessoas vêm para cá, sofrem preconceito, sofrem com a xenofobia, estão morando em locais precaríssimos, e aí o que eles fazem? Durante o dia, a maioria das mulheres vão fazer a coleta, que é levar as crianças para os sinais, eles ficam pedindo nos sinais, porque boa parte delas não recebem nenhum auxílio, o abrigo ele dá a moradia e prover a alimentação, que não é também das boas. Então é bem difícil a gente trazer essa noção da construção de projetos de vida, ou de um projeto terapêutico, sendo que a pessoa está lidando com questões muito básicas de subsistência, né, mas aí a gente tem insistido.

Então, atualmente eu estou com um grupo de adolescentes, meninas, porque ele viu essa necessidade da gente focar, especificamente nesse grupo, porque eles são bem machistas, os Warao, têm ali uma coisa do machismo, e as meninas de tentar trazer questões sobre o universo feminino, sobre o cuidado com o corpo, o autocuidado, o que mais? A educação, educação sexual, enfim. Mas tem sido bem difícil, elas são bem tímidas, algumas são pouco verbais. E aí a gente já percebeu que quando a gente leva uma atividade que é manual, elas participam, elas participam, se expressam nos desenhos, mas se tu lá fazer uma roda de conversa, não vai para frente, não vai muito para frente, foi o que aconteceu ontem. Ontem de manhã a gente fez uma roda de conversa sobre autoconhecimento, onde tinham vários papeizinhos, a gente escreveu tudo em espanhol, nos papéis, perguntas sobre... O que me deixa triste? Como é que eu quero me ver daqui a cinco anos? O que é o amor para mim? Então, perguntas disparadoras abertas. Mas eu fico também receosa se isso é da cosmovisão deles, como é que eles entendem, vão construindo... O que é projeto futuro para uma etnia Warao?” (Conceição Evaristo*).

Conceição* reflete ainda que as atividades expressivas possibilitam que as adolescentes expressassem suas aspirações e desejos. A atividade árvore da vida (figura 10) trouxe à tona aspirações como ser modelo, professora ou voltar para a Venezuela, além de representações de casa e família.

Figura 10- Árvore da vida



“Então, essa foto acho que foi da atividade onde eles mais se se expressaram até agora. Elas, né, as meninas, se expressaram até agora. Que foi a construção da árvore da vida que é uma atividade bem simples mesmo, onde as pessoas podem falar sobre projetos de vida, sobre questões subjetivas. Ela é bem utilizada, assim, dentro da terapia ocupacional. E a gente levou essa dinâmica, já que fazendo a minha pesquisa, a gente viu que o Buruti, a árvore do Buruti, é a árvore da vida deles, né? Então, é de onde eles tiravam a subsistência, eles tiravam todos, praticamente todos, os elementos daquela árvore ali, desde a folha, dos frutos, que eles faziam suco. Então, nesse dia eu levei, né, a gente começou a falar, a gente levou uma figura da árvore do Buruti, como a gente chama aqui no Norte. Ai uma delas falou assim: “é Muruti”. Eu falei: “Ah, tá é Muruti”. E aí, era algo da cultura deles, né, e aí, a partir daí, eu pedi pra que a gente desenhasse uma árvore do Muruti e escrevesse ali, fazendo uma relação com os nossos projetos de vida, né?”

O que você quer ser? Quais são os seus desejos? As suas aspirações? E aí, elas foram desenhando aos pouquinhos, elas

Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um cartaz com o desenho de uma árvore Muruti, representando raízes, tronco e folhas. Ao redor, há palavras e desenhos que simbolizam sonhos, interesses e valores, como "viajar", "cozinhar", "igreja", "teatro" e "voltar para Venezuela", "Modelo". O fundo é preenchido com ilustrações de peixes, frutos e objetos.

foram muito habilidosas com desenho, desenhando cada detalhezinho da árvore. E aí, aí foram surgindo, tiveram as produções, tipo, uma falando que queria ser modelo, uma querendo fazer um curso de informática, uma dizendo que quer ser professora, uma outra falando que gostaria de regressar à Venezuela, desenhos que representavam a casa, tipo, uma menina desenhou a casa, bem do lado da árvore, os frutos caindo no quintal da casa e ela falou que é a minha casa, a minha e da minha irmã lá na Venezuela.

E aí a gente vai fazendo uma leitura simbólica do quanto que aquilo fala por si só, os desenhos vão falando. Mas é isso, é uma dificuldade na verbalização, mas quando tu levás ali uma atividade manual, elas têm participado” (Conceição Evaristo).*

Conceição Evaristo* também compartilha as dificuldades relacionadas à infraestrutura do espaço, que é improvisado, e à escassez de recursos. Ela e as estagiárias precisam financiar com recursos próprios os materiais para as oficinas destinadas às meninas adolescentes indígenas da etnia Warao.

Figura 11- Oficina com as meninas Warao



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem da esquerda – Foto das mãos Warao das meninas trabalhando na montagem de tramas com miçangas coloridas espalhadas pela mesa, junto com materiais como fios, tesouras e pequenos recipientes organizadores.

Imagem da direita: Um grupo de meninas Warao está reunido em torno de uma mesa branca participando de uma oficina artesanal. Elas estão montando pulseiras e colares com miçangas de diversas cores e tamanhos.

“A primeira oficina dessa daí (Figura 11), com miçangas. E aí, com recursos tirados do próprio bolso, a gente conseguiu, a gente fez um rateio, porque a faculdade não oferta esses materiais artesanais. **O serviço não dispõe de materiais pedagógicos**, ele não tem uma sala adequada. Então, eu levei algumas miçangas minhas, que eu uso mesmo.

Nesse momento eu reforcei que o que acontecesse dentro da oficina permanecia ali, qualquer questão que fosse surgir. **Que eu quero, eu estou tentando construir uma noção de que aquilo ali seja um espaço de acolhimento.** O que mais que eu observo? que é a habilidade manual muito preservada, é uma habilidade manual que uma adolescente da mesma idade, cosmopolita, por exemplo, não tenha. Então, elas pegaram, assim, foram logo criando, pegando os fios de barbante, fazendo vários tipos de tramas, que a gente chama de tramas. Então, elas ficam ali muito no manual. Eu levei a caixinha e a gente coloca algumas músicas que se elas quiserem pedir uma música. Enfim, tomar aquele momento de descontração entre nós. Só que aí a gente tem esse agravante de que elas não trazem muito elemento justamente por ter medo de represálias. E aí foi isso basicamente, nesse dia foi bem legal, a gente já viu a **potência que é a atividade manual.** Essa que está com a blusa listrada, ela tem sintoma depressivo, ela não estava saindo, ela fica muito restrita na rede, lá na coisa dela... lá no alojamento dela, e aí ela foi participar da atividade ontem. A nível de encaminhamentos, acho que a gente faz o que pode, mas eu conversei ontem com a equipe técnica, conversei com a psicóloga, disse que a gente pode também estar ajudando, se for a questão de encaminhar para um CAPS, tentar sensibilizar, encaminhar para a rede mesmo” (Conceição Evaristo*).

Enquanto um grupo de estagiárias conduz as oficinas com as meninas, outro grupo conduz a oficina com os curumins (crianças).

Figura 12- Oficina com os curumins



“As meninas vêm, trazem os irmãozinhos, trazem os filhos, trazem crianças de colo. E assim, elas só jogaram assim para a gente as crianças, tipo, não, pega aí, né. Então, a gente entende, compreende que é uma outra relação do cuidado com os bebês, por exemplo. O bebê não é integralmente só cuidado pela mãe, mas por todos os componentes ali que estão ali à disposição, pode pegar a criança, né, enfim. A criança fica passando de colo em colo mesmo. E aí, nesse momento aí com as crianças, a gente só dispunha apenas de dois recursos, que eram o quebra-cabeça e uma caixinha de tinta guache. E aí, esse menino de camisa preta, ele não

Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de duas crianças sentadas no chão, participando de uma atividade lúdica com quebra-cabeças e tintas. Uma estudante acompanha as crianças, orientando-as enquanto elas exploram os materiais dispostos.

queria pintar, ele não queria usar, acho que ele não queria sujar os dedos de tinta, mas ele pegou os tubinhos de tinta e começou a atribuir outros tipos de brincadeira, ele começou a brincar de jogos de botão, ele começou a fazer pareamento de cores, ele foi pareando as cores. A minha aluna, ela foi colocando, botando no papel as cores, aí ele pegava o tubinho e encaixava aqui em cima do papel da cor correspondente. Ele fazia o pareamento. Então, ele atribuiu outras funções a aquilo ali. Aí o que eu percebo, que, poxa, essa criança, ela

brinca o brincar de uma outra forma, com o que ela tem ali disponível para brincadeira dela. O brincar compartilhado com outras crianças. E aí a gente percebe que tudo vira brincadeira, qualquer coisinha ali. E a gente vai percebendo essas pequenas nuances assim do brincar, do compartilhar, de ofertar e aí eu acho isso muito bonito, né? Essas faíscas de potência, assim” (Conceição Evaristo).*

Figura 13- Mapa corporal e autocuidado



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem da esquerda- Crianças desenhando o contorno de um corpo humano em um papelão grande. Imagem da direita- Ilustração colorida com elementos de higiene, como um sabonete, uma escova de dente e um chuveiro,

“Nesse aí as meninas tiveram uma tentativa de fazer um mapa corporal, com uma das crianças. E aí eles gostaram bastante. E aí a ideia era, além de fazer o mapa corporal, era pegar o desenho do corpo de um dos meninos e correlacionar com as figuras da outra foto (à direita). Então, as meninas levaram esses impressos, essas ilustrações que eles pintaram, enfim. E olha esse pezinho sujo aqui kkkkkk (risos). E aí, eles pintaram, coloriram, tudinho. E aí a ideia era depois cortar e colocar nos pontos do corpo lá que saiu no mapa corporal, né? Para trabalhar essas questões de autocuidado, lavar as

mãos, escovar os dentes. E aí a gente teve bastante criança, inclusive bebês, duas bebês. Mas foi muito gostoso, assim, foi muito especial, um momento bem especial com elas, porque eu fico assim muito movida e emocionada, assim, quando eu vejo o comportamento dessas crianças, sabe? É uma coisa assim muito bonita de ver o compartilhamento e também de ver eles reproduzindo algumas violências, mas a gente sabe que não é deles, né? São comportamentos agressivos, eles não são violentos, mas eles já reproduzem aquilo que eles veem os pais deles fazendo, né? Os pais que brigam são violentos, enfim, não que eles sejam assim, né? Mas eu acho muito bonita a questão de compartilhar, assim, entre eles” (Conceição Evaristo).*

Gil reflete sobre as práticas que desenvolve via projeto de extensão com a população negra e LGBTQIA+ na universidade, com o objetivo de promover a inclusão radical.

Figura 14- Oficina Vogue



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um homem negro, vestindo short jeans e um cropped branco, no centro conduzindo uma atividade de dança com um grupo de participantes que estão ao fundo reproduzindo os movimentos.

“E aí, essa oficina é com jovens da universidade. E aí, dentro dessa perspectiva, a gente tem tentado pensar algumas ações na universidade para pensar como a gente pensa uma universidade que possa se abrir dentro de uma perspectiva de uma inclusão mais radical, de todos aqueles indivíduos que são

vulneráveis à exclusão social por algum marcador social. E aí essa é uma das oficinas que é como a gente pode trazer para dentro da universidade a **questão da cultura e do movimento LGBTQIA+ de dança**, por exemplo.

Então, essa oficina foi ministrada por um estudante de terapia ocupacional, que integra uma Casa de Vogue, uma Casa de Belgium, da cultura Belgium aqui. E aí é interessante que ele vai contando um tanto dessa história do **Vogue** e antes da gente fazer a experimentação da dança, necessariamente, ele vai contando, inclusive, numa perspectiva bem interessante da **interseccionalidade**. Então, de como a própria história do movimento LGBTQIA+, do vogue nos Estados Unidos e no Brasil que perpassa, por exemplo... algumas marcas, especificamente, as pessoas negras da periferia de algumas cidades dos Estados Unidos. Então, como isso também, a Vogue nasce a partir dessas periferias, dessa organização que diz da galera LGBTQIA+, mas também dizem do marcador de raça, e aí ele vai contando também essa questão das mulheres transexuais e travestis dentro desse espaço de montagem, de dança. Então, acho que essa foto é bem emblemática para mim, porque a gente fez a partir dessa discussão, depois a gente tem a experimentação, e aí como a experimentação também vai trazendo olhares para dentro da universidade. Então, nesse momento, muitas pessoas andavam na universidade professores, servidores, a galera terceirizada, a equipe que faz parte da equipe da limpeza, faz parte da segurança, olhando o meu estudante com uma bota e com um salto enorme, fazendo danças que têm a ver com o Vogue, inclusive fazendo danças que é... Você joga... Faz uma dança que você se joga no chão, né? Então, assim, era muito interessante ver como ele, assim, foi conduzindo essa conversa a partir dessa perspectiva, né? Que eu acho que é contando dessa questão que diz da população LGBTQIA+, mas contando de outras coisas que também integram isso. E como isso vai ressoar dentro desses olhares, né? E como vai aparecer meninos gays nessa oficina, meninas que estão interessadas para entender melhor o que é essa cultura Belgium, o que é o Vogue. E como a gente vai disseminando essa discussão dentro da universidade para as pessoas da universidade, para os jovens, mas também para a galera que trabalha, né? Então, o que vocês estão fazendo? **O que é que é um menino negro, que é gay e que está montado e está dando uma oficina de Vogue dentro da universidade, sabe?**

Então a gente está ali no espaço comum da universidade e aí tem algumas pessoas lá atrás olhando e algumas pessoas aqui na frente que ele está ensinando. Então, para mim é bem interessante. Assim como tem uma... acho que é algo interessante no projeto que a gente tem tentado fazer que é como a gente pode inclusive colocar essa diversidade que a universidade tem, as diferenças que ela tem em evidência, né? E que seja dentro de uma perspectiva mais institucional, do documento como isso pode estar também lá como temos os ensaios para ser trabalhados na universidade, mas como isso tem que estar mais explícito, sabe?

E a gente superar uma universidade que é ainda... que a gente sente que ainda é muito higienizada, né? Higienizada no sentido que tem uma questão das pessoas que são negras, **mas muitas vezes não tem uma valorização dessa cultura dentro da universidade, não tem uma valorização de outras culturas dissidentes** que é isso, que é o Vogue, que é a população LGBTQIA+, e como a gente pode trazer isso para falar você que é negro, você que é LGBTQIA+, **você que dança Vogue, você também integra essa universidade e o seu conhecimento também é importante, né, para essa universidade.** Acho que tem um pouco dessa visibilidade, sabe? Então essa oficina tem um pouco desse contexto aí. Foi uma... tipo terça-feira na hora do almoço que a gente fez, sabe? Então acho que é um pouco disso. Então, pessoas que são daqui do estado, que estão consumindo essa cultura e essa arte, como isso é importante para ser acolhido pela universidade e na própria formação dos extensionistas, que começam a se deparar com

outras coisas, que não é aquela extensão que diz da questão tradicional da TO tipo a reabilitação, mas a gente traz outras coisas para serem pensadas” (Gil).

Para promover a inclusão radical, Gil e extensionistas do projeto investigam quais equipamentos culturais e sociais estão atrelados a essa valorização da população negra presente na cidade e trazem a discussão para a terapia ocupacional.

Figura 15- Baile Charme



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de duas pessoas negras no centro conduzindo uma atividade de dança com um grupo de participantes que estão ao fundo reproduzindo os movimentos.

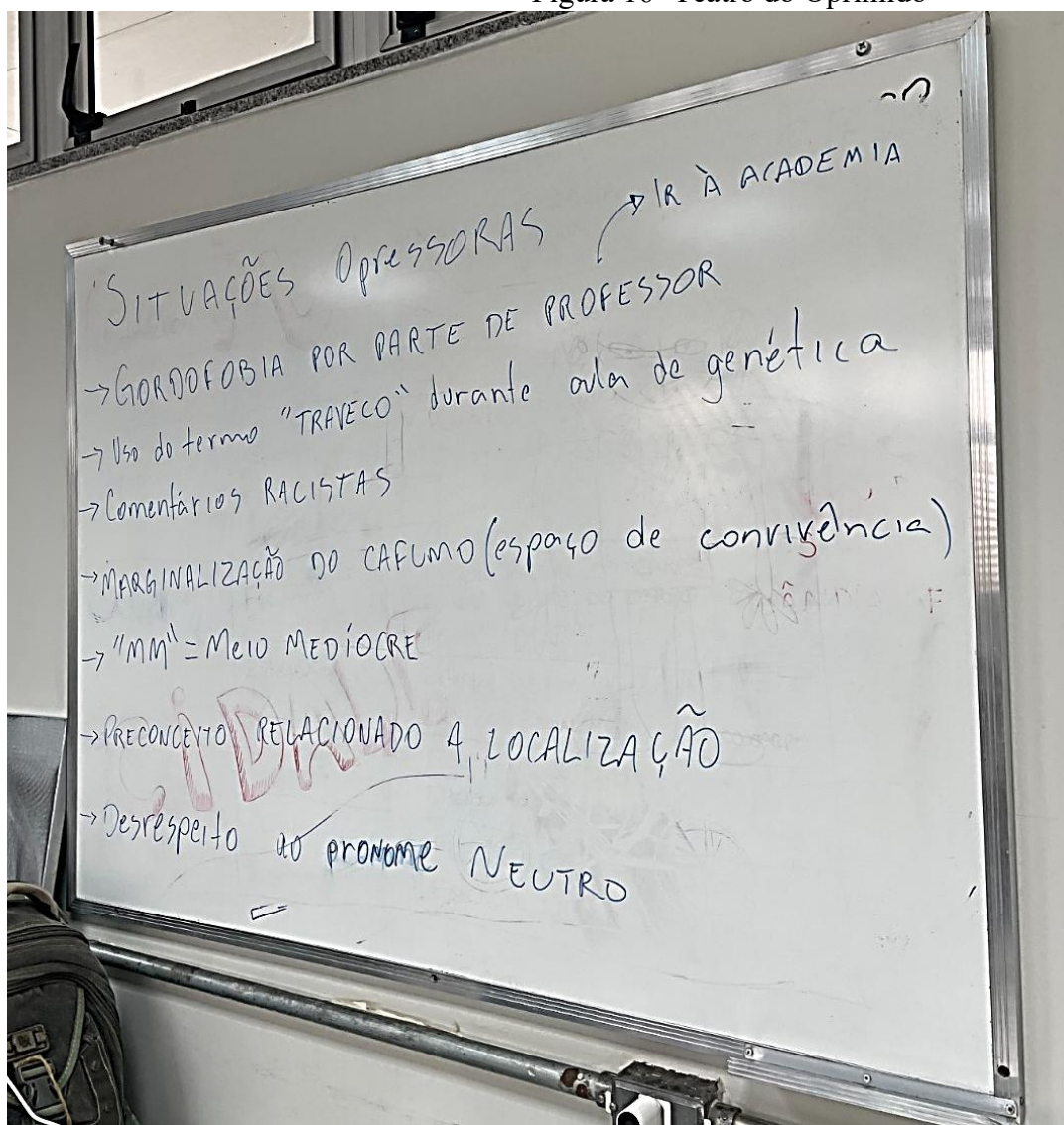
“Essa foto foi uma articulação com um projeto que de uma galera... que faz os jovens, que é um projeto, que é um projeto para jovens que cria um espaço de acolhimento, de arte, de cultura, de cuidado psicológico, enfim, tem várias ações, e aí lá tem pessoas que fazem o Baile Charme, toda quarta à noite tem tipo o Baile Charme que nasceu numa praça da periferia. E

*a gente falou: vamos trazer isso para dentro da universidade, porque é isso **para a universidade não ficar apartada inclusive da comunidade.** Então, os convidados foram lá, fizeram essa oficina de Baile Charme e contaram um pouco dessa história do Baile Charme, **o que é o Charme para representatividade, para reconhecimento, para resistência da população negra, né?** O quê que é esse movimento cultural, como ele é histórico, como ele está aqui dentro da cidade, e como isso surge como... uma expressão desse Movimento Negro também, que se reinventa e tal. Então foi bem interessante também essa oficina assim. Foi uma oficina noturna na quadra de esporte e aí foi bem legal assim. A gente fez na Semana Universitária, a gente fechou com o Baile Charme assim. E aí é isso dando esse lugar, da galera que vem da comunidade, que vem discutir*

um pouco disso com a gente, que vem promover inclusive, o quê que a cidade tem de equipamentos culturais e sociais que estão atrelados com essa valorização da população negra e como a gente tem que estar dialogando com isso. Não é dialogar só com... (pausa) aí é isso, tem algumas coisas que vão me irritando, assim que é isso. A gente vai dialogar para a necessidade, porque tem muitas pessoas com diabete. Então as demandas majoritárias da universidade são assim, as demandas do pé diabético. E eu fico assim, aí gente o pé diabético, aquele recorte, do recorte, do recorte, sabe? Eu fico assim, gente, vamos olhar para outras coisas também, né? Que pode estar atrelado à saúde, mas é isso, não é o pé, entendeu? Então, a gente tem alguns grupos profissionais que são muito engessados ainda em uma prática muito biomédica. E que, inclusive, isso vai tirando de cena esses outros diálogos com outras questões” (Gil).

Através das oficinas, estudantes trazem à tona as violências institucionais que vivenciam na universidade e coletivamente pensam em estratégias de enfrentamento.

Figura 16- Teatro do Oprimido



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um quadro branco com palavras e expressões que simbolizam situações opressoras, como “gordofobia”, “traveco”, “MM”, “comentários racistas” etc.

“Essa é uma oficina que a gente fez, que inclusive foi um aluno, homem trans, que ministrou o Teatro do Oprimido, né? Eu e outro professor a gente estava ali apoiando. A gente perguntou para os alunos do projeto:

“Como vocês acham que seria uma oficina na Semana Universitária?”. E aí, eles colocaram assim: “ah, eu acho que tem que ter uma oficina para a gente discutir... violência institucional

*e quais são as formas de enfrentamento”. Então, o aluno trouxe isso fortemente. E aí, a gente fez a oficina a partir do Teatro do Oprimido, né? Então, por exemplo, o Teatro do Oprimido é aquela dinâmica. Então, tem o opressor e o oprimido, mas a finalidade do Teatro do Oprimido é que a gente consiga criar estratégias para o oprimido conseguir subverter aquela lógica de opressão que está sofrendo, né? Esse quadro é interessante, porque a gente levantou com os alunos que participou dessa oficina quais eram as situações de opressão que eles tinham vivenciados ou que eles conheciam alguém que tinha vivenciado dentro da universidade. A primeira coisa que apareceu foi uma questão de **gordofobia** por parte de professores. Então, professores que estão na aula, “o professor fala pra eu ir para a academia”. Aí, por exemplo, o uso do **termo traveco** durante uma aula de genética, comentários racistas. Então, **comentários racistas...** uma estudante que falou comentário sobre o cabelo da colega dela, isso. No estágio você não pode amarrar o seu cabelo Black para o alto. Você tem que fazer um coque mais baixo. Então, e é isso, assim, coisas nesse nível, assim, de absurdo. Ou, uma pessoa faz intervenção na escola... Isso foi uma situação, por exemplo, que uma estudante narrou essa situação de racismo. Elas falaram que estava fazendo uma intervenção na escola, com outra professora, não necessariamente da TO, eu acho. E aí era para olhar a altura das crianças. E aí, a criança estava com o cabelo Black, tal, amarrado. E aí, a professora fez a criança tirar a amarração, porque daquele jeito não tinha como ver a altura da criança. E aí isso despertou uma situação de choro naquela criança, porque quando ela, né, desfez a amarração do cabelo, o cabelo dela ficou de um jeito, onde as pessoas apontam que aquele jeito é um jeito feio que o cabelo dela fica. Então, foi trazendo essas sutilezas das violências que dizem muito dessas outras questões e muito dessa perspectiva do racismo. Então, uma professora que vira pros alunos e fala... “Ah, mas é isso. Parece que... Só porque eu sou branca e loira eu sou um problema?” Então, inclusive de **professores sentindo hostilizadas por serem brancas**. E como isso não faz sentido nenhum? Aqueles (risos). É isso. Esse absurdo, né? E aí, por exemplo, a **marginalização do CAFUMO**. Isso é interessante porque tinha um espaço de convivência onde os estudantes fumavam. E aí, que chamava CAFUMO, né? Eles fizeram essa analogia. E aí, a universidade retirou esse espaço porque fumar é errado. Profissionais da saúde fumando? Então, isso foi uma discussão. Assédio moral, falando assim, “MM” é a menção né, que ele recebe, que “**MM**” é **meio medíocre**, professores falando isso. Tem uma questão muito interessante que apareceu, que é esse **preconceito relacionado à localização**. Então, estudantes que moram ali na periferia, sabe, uma região mais afastada, que inclusive perpassa, inclusive uma **questão de classe, de raça**, como esses estudantes vão se sentindo deslocados dentro da universidade, e como na universidade não passam determinados ônibus que vão para esse território. E o **desrespeito no pronome neutro**, que isso é um grande tema. Então, professores que falam que não vão usar o pronome neutro, em nenhum momento, porque é errado.*

*Depois a gente fez um Teatro do Oprimido usando todas as experiências. Então, por exemplo, na experiência do racismo, a gente discutiu essa coisa de um homem negro sentado, uma pessoa negra sentada do lado do ônibus, e aí a pessoa levantar e preferir ficar em pé. E aí, como a gente ia lidar com isso, como os alunos podem acionar uma situação de racismo de uma professora, como os estudantes podem acionar a ouvidoria, o CATO, como podem fazer uma mobilização coletiva para ir diretamente confrontar a direção da universidade ou essa professora, e como é importante acolher também a pessoa que sofreu esse racismo. E foi super interessante, porque a gente, a partir do Teatro do Oprimido, e a partir dessa mediação dos diálogos da terapia ocupacional, e a partir dessa oficina, e a partir da **TO Social**, a gente tá trazendo como esses problemas sociais que estão dentro da universidade, eles vão fragilizando a relação dos estudantes*

com essa universidade. Então, como a gente conseguiu, por exemplo, acender, acender não, a gente conseguiu avançar na questão das cotas. Mas existem muitos problemas de violência institucional que fazem com que a permanência dos estudantes negros seja difícil. Seja pelo desmantelamento da questão da assistência estudantil, seja para essa situação de racismo que são vivenciadas, sabe? São vivenciadas junto aos professores, são vivenciadas dentro dos estágios” (Gil).

Gil reflete que as práticas de terapia ocupacional na escola não podem ser focadas apenas na inclusão da pessoa com deficiência, ela enfatiza a importância de terapeutas ocupacionais discutirem os marcadores sociais com as juventudes.

Figura 17- Diversidade, diferença, inclusão, aprendizagem e respeito



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de cartazes com palavras e colagens que simbolizam o significado da escola para jovens, como “amizade”, “respeito”, “cultura” etc.

“É uma oficina que a gente fez sobre a escola. Então, o que significa a escola pra você? Esse grupo, esse grupo especificamente eles trouxeram isso, assim, que tinha ponto que era escola no espaço de sociabilização, de estudo, de acolhimento, de conhecer as diferenças, de refúgio, alimentação, é isso, ir para a faculdade, educação, mas tinha muitos esses processos da pressão social, da exclusão e dessa exclusão que tem a ver que apareceu muito como a questão de raça. Então assim, aí naquele momento, assim, “senti que era excluída, mas eu não sabia por quê”. Ou por uma questão de uma exclusão, de uma pressão social que tem a ver com a questão do que é ser uma menina, sabe? Uma questão de gênero ou uma questão mesmo de adoecimento em saúde

mental. Então assim, 'se eu sou muito diferente, eu também destoou' e como isso vai adoecendo, vai trazendo ansiedade, vai trazendo com que eu seja um indivíduo mais sozinho dentro da escola.

*Esses aqui foram os três cartazes... Eles trouxeram também outras coisas relacionadas à escola. Esse aqui é muito interessante, que é esse grupo aqui, trouxe muito à **questão de raça relacionada com a questão de gênero**. Então, isso é simples, como ser um espaço de resistência, como ter um debate sobre cultura, sobre beleza, sobre autoconfiança, mas frente a essas violências que são muito colocadas, né. Como as pessoas negras... estão colocando fotos de pessoas negras, do acolhimento entre pessoas negras dentro da escola. E como isso, eles sentem que isso acontece mais na universidade, mas como isso na escola ainda fica como um tema pouco discutido, mas na universidade eles conseguem perceber que existem mais espaços de coletivos, mais algumas mobilizações, mas ao mesmo tempo também muitas violências também que estão no campo da universidade. Então, aqui tem esse que eles trazem, essa que eles estão sendo... uma questão mais dos rostos e das palavras (aponta para o cartaz 1). Aqui essa coisa mais dual (aponta para o cartaz 2), e aqui uma coisa mais aleatória, mais aleatória (aponta para o cartaz 3).*

*Aí depois dessa oficina a gente falava, ah, então, como a gente pode pensar a terapia ocupacional na escola? E aí na escola a gente pensa só a inclusão da pessoa com deficiência? Não, existem outras coisas que compõem também a exclusão dos sujeitos, que dizem de raça, que dizem de gênero, né? Então assim, que é um pouco dessa coisa, que a gente vem sempre discutindo, reafirmando, muita a partir da **Terapia Ocupacional Social**, que é isso, gente, a inclusão, ela tem que olhar para a inclusão de todos que estão vulneráveis, né, no processo de exclusão. E é isso, quem tá? Isso é a população negra, a população pobre, a população rural. Então a gente tem grupos sociais que estão mais vulneráveis a essa exclusão, né? Foi bem legal, assim... Ah, essa oficina foi bem... Interessante" (Gil).*

Beth e Rosenda compartilham suas experiências como orientadoras de medidas socioeducativas, destacando tanto os desafios quanto as possibilidades desse trabalho. Apesar de atuarem em regiões diferentes e possuírem marcadores sociais distintos, suas narrativas convergem ao apontar que a maioria dos jovens em cumprimento das medidas são negros, embora alguns não tenham construído a identidade étnico-racial, e residentes das periferias.

Figura 18- Menino arteiro



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um jovem negro juntamente com a uma mulher branca fazendo um vaso se argila.

muito essa rigidez, uma braveza, estabelecendo muitos limites na nossa relação, ali manuseando a argila conversando sobre o material, sobre o processo de montar, porque

“Essa foto especificamente, é de um menino de 15 anos, que chegou para cumprir uma medida socioeducativa. Inicialmente era de prestação de serviço à comunidade, depois ele recebe uma outra medida de liberdade assistida. Eu então acompanho ele enquanto orientadora nessa trajetória de comprimento da medida. E é um jovem que ele já chega, não querendo estar ali. Um jovem com muita dificuldade de vinculação com a equipe e comigo. Então, eu era a orientadora mais próxima a ele, então ele chega muito não querendo estar. E quando a gente faz todo o levantamento da história de vida dele, com ele e com a família, a gente vai entendendo, né, que existem alguns atravessamentos nessa história. Ele é um jovem que foi expulso muito cedo da escola, então não frequentava a escola, e eu até nomeei essa foto como um menino arteiro, jogando um pouco as palavras, porque todas as queixas relacionadas a ele de outros serviços, então da escola, de Unidades de Saúde do território, era um menino que dava muito trabalho, muito indisciplinado, um menino que colocava medo nas outras crianças, nos outros adolescentes que estudavam com ele, que não aceitava regras, que não aceitava combinados, e de fato, né, ele chega numa postura muito ríspida, e já estabelecendo limites na minha relação com ele. Então, essa foto representa um momento em que, onde depois de um tempo da gente ir se vinculando, ele aceita fazer uma atividade que ele pede, ele gosta muito de atividades manuais. E até eu descobri isso foi um

processo, e é nas atividades manuais que eu consigo me aproximar mais dele, e dialogar com ele sobre essas vivências que os trouxe até as medidas, e o que ele projeta para o futuro, e que eu, enquanto orientadora, poderia ajudá-lo. Então a gente está brincando com a argila, e é um momento em que ele experimenta a argila, e tudo o que ela pode oferecer. Então, como ele traz

ele queria um vaso, elaborar um vasilho. E não deu certo de primeira, né? E essa frustração da atividade também demonstra um pouco da frustração que ele vai vivenciando na vida e que ele traz muito isso para os acompanhamentos. Então, essa foto representa um momento em que ele baixa a guarda e a gente pode dialogar sobre como é estar ali, como ele se compreende enquanto um jovem que está cumprindo medida socioeducativa, que não está na escola, que não é acompanhado por nenhum outro serviço e que só, né, e ele verbaliza isso, que só está ali porque ele sabe das implicações do descumprimento, ele sabe que se ele descumprir a medida, ele pode ir para o meio fechado e ele não quer essa vivência. Então, para mim essa foto representa esse menino arteiro que se vincula pela arte e que através da arte consegue trazer um pouquinho dele para além das máscaras que ele vai colocando para se proteger, para se preservar, porque ele é muito desconfiado, um menino que chega muito desconfiado de tudo, dos serviços, dos profissionais, das nossas intenções, até o afeto para ele era muito difícil. Então, essa vinculação foi mais fácil quando eu trazia a arte e ele podia ser o menino arteiro na arte” (Beth).

Beth reflete sobre os desafios que enfrenta, como mulher branca, ao ajudar jovens negros a desenvolverem um letramento racial e a construir uma identidade étnico-racial positiva.



Figura 19- Identidade roubada

Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um jovem negro jogando o jogo cara a cara. Em uma imagem ele está segurando a figura de um homem branco e na segunda imagem ele está com a figura de um homem negro em cima do braço.

“Ele, como eu disse, se vinculava muito com atividades manuais. E fui descobrindo também que o jogo funcionava bastante. Então, sempre que ele chegava para os acompanhamentos, eu iniciava com o jogo, com atividade manual, para depois conseguir chegar no que a gente, enquanto orientador, precisa dar conta nesse acompanhamento socioeducativo. E nesse dia a gente trabalhou com o jogo cara a cara. E ele é um menino que, embora alfabetizado, tem muitas dificuldades de leitura... de números... até de se expressar. Então o jogo me mostrou, neste momento, algumas facetas desse acompanhamento mais relacionado à

*parte educacional dele, mas também essa **dimensão racial**. Porque o jogo cara a cara tem alguns estereótipos ali, tem algumas caras, algumas figuras que representam pessoas. Na primeira imagem, ele está segurando um rostinho que tem um tom de pele (branco), que segundo ele, é o tom de pele que ele se autodeclara. Ele se enxerga com base nesse primeiro tom de pele. E aí eu pego uma segunda cara a cara, uma segunda cartinha, que tem um outro tom de pele (preta), e eu digo para ele, olha, eu te vejo dessa forma. E ele diz: não, eu não tenho essa cor. E aí eu falo, eu posso colocar em cima do seu braço para a gente dar uma olhada? E aí eu coloco a cartinha em cima do braço dele, e a partir daí a gente começa a conversar um pouquinho. **Ele tem muitas dificuldades de se entender enquanto um jovem negro, ele diz que ele é moreno, e ele traz o discurso de muito racismo, então ele fala sobre pessoas negras de uma maneira bastante depreciativa, e é uma ofensa para ele quando eu digo: olha, para mim, eu te enxergo de uma outra forma. Então, quando eu trago para ele isso, ele se ofende e é um momento também que a nossa relação estremece. Todas às vezes que eu tento colocar para ele que uma das razões dele também estar ali está atrelada a essa questão racial, ele não consegue primeiro entender e depois aceitar, porque ele não se identifica enquanto um jovem negro. Então, esse momento, para mim, foi um momento muito difícil, porque eu fiquei pensando como que eu, então, uma mulher branca, ajudo esse jovem nesse letramento racial, que inclusive vai protegê-lo da realidade que ele vive? Porque é um jovem que, apesar de estar em acompanhamento socioeducativo, não abandonou o trabalho infantil no tráfico, então, ele continuava sendo abordado inúmeras vezes pela polícia. Ele sofre muitas violências, então ele tem marcas no corpo de apagar cigarros, de agressões policiais, e não só neste momento, mas em outros momentos, eu vou tentando trazer para ele do quanto essa violência que ele sofre nas ruas também tem um caráter racista, mas para ele fica muito longe, porque como ele não se entendia enquanto um jovem negro, ele também não consegue fazer essa leitura de que existe uma violência institucional contra pessoas negras. Então, esse atendimento é um atendimento que me marcou muito. Embora seja um desenho, e que, claro, tem muitos tons de pele no Brasil e no mundo, ao meu ver, ele não conseguia se enxergar. Enfim. [...] Então, eu consegui entender que um caminho possível era ele ter contato com outras pessoas negras que pudessem trazer relatos que são tão semelhantes como os dele através de uma outra perspectiva. Eu consigo identificar entre os pares jovens que tinham um pouquinho mais de letramento racial e que eu sentia que ajudavam mais nessa mobilização dos outros do que eu própria. Então, em todas as oportunidades que eu tinha de estarem em grupos de jovens que tinham outros jovens negros, eu sempre colocava atividades que faziam com que esses jovens pudessem falar sobre a experiência deles” (Beth).***

Beth descreve o motivo que a fez colaborar com essa pesquisa, ela diz:

Figura 20- Saudade



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um jovem negro pintando uma tela.

“Para ser sincera, acho que me motivou a estar aqui com você foi ele. Ele é um jovem que foi executado pela polícia no ano passado (2022), fez um 1 ano agora, em outubro de 2023 Como eu disse, estar no programa de medidas socioeducativas é muito intenso, porque a gente lida com relatos, situações de violação de direitos todos os dias, a todo momento. E é muito duro para o profissional que está ali, mas sem dúvida nenhuma, é ainda mais para os meninos. E ele é um jovem que eu acompanho desde que eu entrei no programa. Então, quando ele foi executado, foi o meu primeiro dia de trabalho aqui em outra instituição. Então, eu voltei imediatamente para a cidade que trabalhava, para poder participar do velório dele, para poder dar suporte para a família. Ele tinha um lugar de liderança muito importante dentro do crime, ele tinha 17 quando ele chegou e fez 18 dentro da medida. Essa medida de liberdade assistida tem novas provocações que eu, enquanto orientadora, fui pedindo ao longo do caminho e ele ganhou outras medidas também porque cometeu outros atos infracionais, mas de liberdade assistida também. Então essa foto é uma foto que eu até nomeei como saudade, porque embora ele tinha um lugar de liderança muito estabelecido fora, na rua, no bairro onde ele trabalhava, quando ele

chegava nas medidas ele era só um jovem, um jovem que gostava muito de pintar, de usar spray, de fazer atividades com pirografo, né, então de desenhar com pirografo, um jovem que tinha projetos de vida relacionados à família, de poder proporcionar para

elas um futuro mais digno. A mãe dele é empregada doméstica e ele tinha o sonho de montar um restaurante, porque segundo ele era a melhor comida da vida, é a comida da mãe, então essa foto para mim representa um jovem para além das ruas, porque na rua ele era uma outra pessoa, dentro do nosso acompanhamento ele era só um jovem, com medos, com sonhos, com projetos e que não foram possíveis de se concretizar. Então, como eu disse, se eu estou aqui hoje conversando com você, é por ele, porque a vivência,

tudo que eu vivi com ele me atravessou de uma maneira muito forte a ponto de... É difícil ainda (fala emocionada, com lágrimas nos olhos). Pausa. A ponto de entender que hoje o meu trabalho enquanto terapeuta ocupacional é para que meninos como eles não sejam executados pela polícia. Então, eu sempre trilhei um caminho dentro da terapia ocupacional relacionada à violência de gênero contra mulheres. Então, o programa foi minha virada de chave enquanto profissional. Então, hoje estou em sala muito diferente de antes. Hoje estou em sala podendo olhar melhor para esses jovens, para essas jovens que estão na minha sala e que são negros e negras. Então acho que hoje tem uma certa sensibilidade maior para garantir que eles permaneçam, que eles saiam com uma formação digna, que eles tenham melhores condições” (Beth).

Figura 21- Autoestima e sonho



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um jovem negro segurando uma bola enquanto olha para o horizonte.

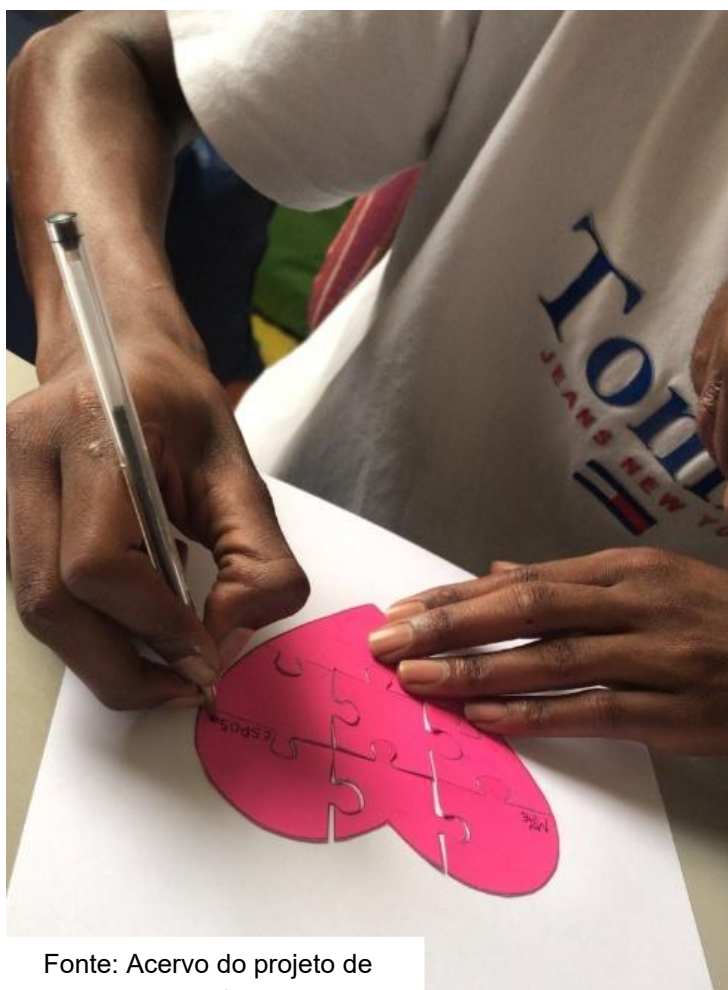
“Essa é uma foto de um jovem que estava em acompanhamento de prestação de serviço à comunidade, de uma medida de prestação de serviço. Eu gosto muito dessa foto... porque eles fizeram um projeto, que foi um grupo de jovens, eles fizeram um projeto para elencar todos os campinhos de futebol do município. Eles gostavam muito de futebol e um projeto comum a eles foi isso. Então vamos ver quais são os campinhos da cidade? E aí não só isso, eles passaram por todos os campinhos públicos da cidade e fizeram um levantamento das condições desses campinhos. Então eles avaliaram tudo, a estrutura se tinha água, se era coberto ou não era, como estava grama ou areia, enfim. E essa foto é uma foto quando a gente vai fazer uma visita para alguns dos campinhos e aí a gente tem todo o território do bairro nessa foto. E ele está deslumbrando, ele estava olhando esse território, essa foto foi a foto que a gente escolheu e eu sugeri que fosse a foto da cartilha que eles elaboraram. Então, quando eu propus olha, eu gostaria que a sua foto fosse a capa da cartilha que a

gente vai entregar em todas as escolas do município, que a gente vai apresentar como projeto final da prestação de serviço à comunidade. Tem muita... “nossa, mas eu? Eu

vou sair na capa?” Então, o quanto ele trazia uma questão de autoestima e também de não se autodenominar negro, de dizer que é moreno e de não se sentir bonito, de não se sentir escolhido por outras meninas. Então, quando a gente escolhe essa foto e fala, olha, a gente gostaria que fosse essa, tudo bem para você? Eu vejo ele talvez se entendendo nossa, então eu sou bonito, vou sair na capa, é sério mesmo? Então, acho que foi um momento importante de fortalecer essa identidade dele e de colocar também para que ele pudesse potencializar autoestima, se sentir bonito, se sentir escolhido, sabe?” (Beth).

Segundo Beth, os jovens que cumprem medidas socioeducativas enfrentam grandes dificuldades para acessar os direitos garantidos por lei, além de terem pouco ou nenhum acompanhamento por parte dos serviços públicos, como saúde.

Figura 22- Rede de Suporte



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma pessoa negra segurando uma caneta e escrevendo em uma peça de quebra-cabeça em formato de coração.

*“Foi uma atividade onde a gente estava pensando juntos sobre redes de suporte. Então eram quebra-cabeça e aí primeiro ele tinha o trabalho de juntar o quebra-cabeça e cada peça desse quebra-cabeça ele poderia elencar como um serviço, uma pessoa, um lugar que compõe a rede de suporte dele. Foi um acompanhamento onde a gente deu ênfase para isso, para poder não só identificar, mas também para fortalecer essas redes que já existiam e aí ele vai nomeando, em cada uma dessas peças ele coloca alguns nomes. Acho que nessa foto não tem ela completa, mas ele colocou a mãe, colocou a esposa, depois ele coloca a liberdade assistida, como uma rede de suporte, depois coloca o primo. Então, foi uma atividade muito significativa para poder ajudá-lo a entender que outras redes eles têm e não havia muitas redes, principalmente redes institucionais. **Eles não eram normalmente acompanhados por nenhum outro serviço que não fosse as medidas socioeducativas e o nosso trabalho enquanto orientador era justamente esse. É muito louco pensar***

nisso porque eles chegavam num grau de muita invisibilidade da rede e a partir do momento que eles entram, que eles cometem um ato infracional, que eles passam a ser vistos, então quando passam a acessar direitos. Então, é nesse momento que eles conseguem ter e descobrir que podem ter outras redes. Então, sei

lá, né, o CAPS, a Unidade de Saúde do território, o Centro da Juventude, então é o momento quando eles conseguem identificar e ocupar alguns espaços, ainda que com uma certa dificuldade” [...] **A gente só conseguia fazer com que esses meninos acessassem os serviços de saúde mental e aí especificamente o CAPS Infanto-Juvenil do município, quando a gente colocava em relatório judiciais e o juiz determinava a necessidade do acompanhamento. Então, o direito inicial que qualquer cidadão tem de acessar um serviço, eles já não tinham. Vários dos meninos que eu coloquei aqui precisavam de acompanhamento e eles não se sentiam pertencentes, eles tinham vergonha de entrar no serviço”** (Beth).

Figura 23- Vou contigo e te espero



“Esse é justamente de um acompanhamento em saúde mental no Hospital Universitário do município. Um menino que estava em situação de rua por um período, ele tinha uma família muito fortalecida que fazia de tudo por ele, mas que também vivia essa questão do uso abusivo de substância. Ele estava numa situação de trabalho infantil, vendendo doces no sinal por muito tempo. E a rede conhecia ele, mas a rede conhecia ele porque ele passou por muitas situações, muitas mesmo. Então, a rede precisou conhecê-lo, mas não acompanhava. Ele passou a ser acompanhado a partir do momento que cometeu um ato infracional, chegou pra gente e a gente começou a articular essa rede. A rede toda já conhecia. Em nenhum momento algumas condutas, algumas ações foram pensadas. Então, ele não teve vinculação anterior, né. Ele chegou no programa, consegui me vincular a ele e a vinculação com ele foi muito difícil,

Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma mulher, usando máscara, que está inclinada ao lado de um menino sentado em uma cadeira. O menino veste uma camisa de futebol com o nome "Messi" e está de costas, olhando para fora por uma grade de proteção.

porque ele não estava acostumado a ter rotinas de acompanhamento dentro de serviços. Quando eu coloco para ele, olha, eu vou com você, ele começa a aceitar melhor. Então, eu apresento para ele o ambulatório, depois de toda a articulação de rede para conseguir garantir o acesso dele, porque havia um discurso de, olha, a gente já tentou, a gente já fez isso. Ele não vai, eu marco e ele não vai, eu marco e ele não vai. E, inclusive, me apresentar em reunião do CAPS Infantil da nossa cidade, todas as não idas dele ao serviço. E uma

*única pergunta minha foi, quando é que vocês foram fazer uma visita domiciliar para esse jovem? Nunca foi feita uma visita domiciliar até a gente começar a pressionar. Então, essa foto é uma foto da gente aguardando ele ser atendido no ambulatório de adolescência no HU. E, por sorte, temos uma médica muito legal, que teve toda a sensibilidade de entender o caso, de entender a situação dele e de que ele não aceitaria ficar sentadinho na cadeira, trancado numa sala, enfim. Então, eles se sentem muito marginalizados, principalmente nesse serviço de cuidado, em saúde mental. Existe uma violência muito explícita dos profissionais, com alguns desses jovens, esse jovem especificamente, ele foi acompanhado pelo psiquiatra da nossa rede, que deu uma medicação para ele, para além da necessária, ele teve um efeito rebote da medicação, a mãe ligou desesperada, falando, Beth, ele está aqui no chão da UPA do bairro, ninguém quer atendê-lo, porque diz que toda vez que ele faz uso de substância, ele vem para cá tomar a medicação e que a UPA não é para isso. E quando eu chego no serviço, com o uniforme, eu falo **como assim ele está jogado no chão?** Ele estava jogado no chão todo contorcido por conta do efeito rebote da medicação que ele tomou, ele não conseguia soltar a mandíbula, ele estava babando assim, uma situação degradante de um menino jogado no chão de uma UPA. E da profissional dizendo inclusive com a minha presença lá de que ele sempre fazia isso, que ele usava um montão de droga e depois ia lá pedindo a medicação para ficar bem. Mas não era o caso e mesmo que fosse, não era o caso. Ele tinha acabado de tomar uma medicação na veia por um profissional médico do CAPS IJ que na única visita domiciliar que foi fazer, fez isso com o menino, inclusive ele ficou internado depois dessa situação por um período, ele teve uma internação breve no leito psiquiátrico do HU e... A partir desse episódio ele não volta mais para o CAPS, ele não volta mais para o HU e ele se recusa a qualquer acompanhamento em saúde. **Então, sim, eles sentiam muito essa marginalização e não só do tipo de atendimento que eles recebiam, mas também das condutas médicas. Por que o menino teve uma dose maior do que a necessária, com base no peso, tudo bonitinho?** E isso não é um achismo da minha parte, na época essa situação desenrolou para várias outras reuniões de rede, onde a gente pontuou e colocou em relatório para o juiz o quanto foi uma ação completamente indevida, **mas que infelizmente não reverberou em nenhuma outra situação. O médico continuou no mesmo serviço e continua tendo condutas bastante inadequadas. [...]** E ele (o jovem) passou por internação na Fundação Casa, ele passou pela semiliberdade também no período que eu estive lá e é muito triste dizer isso, mas em muitos momentos a nossa única alternativa era solicitar via relatório a internação, a privação de liberdade desses meninos, principalmente esses que tinham questões de saúde mental muito grave, porque era a única forma deles acessarem o serviço, que dentro da Fundação existe uma equipe que poderia, dentro do período de internação, fazer o acompanhamento em saúde, porque no nosso município isso não era possível” (Beth).*

Rosenda, uma mulher negra, reflete sobre como tem desafiado a equipe a se sensibilizar e a prestar mais atenção às questões raciais no contexto das medidas socioeducativas.

Figura 24- Moto no grau/Racionais



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de dois meninos segurando uma caneta e desenhando nas caixas de MDF. Uma caixa azul com o desenho de uma moto no grau e uma caixa preta com desenho do álbum dos Racionais

*“Essas fotos vão contar um tanto do meu trabalho lá na medida socioeducativa. **Eu sou orientadora de medida socioeducativa de liberdade assistida.** E aí, quando penso em **reintegração social, são vários âmbitos, né? Saúde, escola, as questões socioassistenciais, território, moradia, então a gente tem que estar atento a muitas coisas.** E aí, eu trouxe algumas fotos desse trabalho, porque ele é o que eu tenho exercido, assim, que é o que mais me desafia, né? Porque esse é o primeiro ano que talvez a gente tenha dados na instituição no relatório anual de quantos, quantos dos meninos, né? Majoritariamente meninos, então por isso que acabo falando isso. **Quantos dos meninos são negros, né? Porque esse dado não se tem. Como é que a instituição existe há 42 anos e desde que eles fazem relatórios anuais, eles têm classificação de quantos são meninos, quantos são meninas, quantos são da liberdade assistida, a condição do programa e qual é o ato infracional. Nunca teve raça, então eu já cheguei com essa questão, né? Adolescentes e jovens, mortos por violência, por violência policial. Então a gente tá falando de que cor, né? Isso tem me custado muita saúde, mas eu tenho me***

desafiado muito com os meninos a como pensar racismo, racialidades, potencialidades, negritude com meninos que não têm acesso a essas discussões normalmente ou têm de outras formas. Mas têm sido importantes recursos... Mais lúdicos, artísticos, manuais... Os recursos corporais, eles não são tão possíveis nesse ambiente que os meninos não estão muito a fim. Mas têm sido possível esses lugares e com representações do contexto deles. Então, eu vou tentando pensar com os meninos o que eles gostam? O que eles estão a fim de fazer? Onde é para pôr essas produções? Então... A ideia é pensar a identidade, o território, pertencimento, principalmente porque... Eu vou entendendo que se a gente não conseguir pensar sobre isso, não vai dar para pensar a escola, a saúde. Então, acho que tem sido essa tentativa de trazer para o contexto deles... As representações de música, com o Racionais, têm sido mais possível trabalhar a questão da negritude. Desde a identificação, como eu me identifico e por quê... Que violações eu sofro? Então saber nomear, saber perceber... E poder pensar o que eu faço com isso. O que eu faço com essa raiva que eu sinto da violação... Ou dessa tristeza... Ou mesmo... Ah, não, tanto faz, não sinto nada com isso. Tá, o que a gente faz com isso, né? E quem sente? Então tem sido possível chegar nessas discussões com esse fazer junto, assim. Então, a gente senta pensa no que quer fazer, se é uma camiseta, se é um quadro, se é uma caixa de MDF, para quem? Onde quer pôr? O que a gente quer pôr de representação, se é um cantor, se é um álbum, algo que a gente gosta de fazer. E aí isso tudo vai me permitindo discutir corpo, racialidade e território, porque isso está tudo muito conectado, né? Então, como esse corpo circula no território, como ele é o próprio território, vai depender da cor que ele tem” (Rosenda).

Figura 25- Maloka



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um manequim com palavras que representam as redes suporte como “irmã”, “parceiro”, “vô” etc.

vai ter pessoas que ele se relaciona? pessoas que ele não se relaciona? vai ter um trabalho? vai ter uma família ou não? que ele pretende conquistar para ele? Foi um processo muito interessante, porque primeiro os meninos pintaram ele de azul. Então, essa cor que eles definiram que o Maloka ia ter, que é sempre uma das primeiras perguntas que eu faço, que cor essa pessoa vai ter aqui, no caso do Maloka. E aí ao longo do processo, eles decidiram que precisava ser preto, precisava urgentemente ser preto, né, e de 10 meninos, 7 eram negros. Então, foi muito especial, porque eu senti

“Esse é o nosso personagem, o grupo Moleque Mandrake. É uma metodologia que eu tenho tentado pensar para como trabalhar com os meninos periféricos, em atendimentos socioeducativos, a questão da racialidade. E aí, eu participei em 2021 de um mini curso do Coletivo Masculinidades Quebradas. E eles desenvolveram essa metodologia de masculinidades quebradas para pensar masculinidades periféricas. Eu quis pensar como fazer essa metodologia lá na instituição que atuo. E aí esse daí é o manequim, então a gente pega o manequim que tem todo aquele estereótipo da construção do feminino, né? Então tem o seio, a bunda, que é aquilo que se

consome, então você pega o manequim que diz ser feminino, né? E aí a gente faz sete encontros com esses meninos, porque a ideia é fazer esse manequim virar um menino, e aí como que ele vai virar um menino? Com todas as características que os meninos quiserem pôr, ele vai ter um nome? ele vai ter uma história? ele

que tinha algum lugar que a gente estava conseguindo conscientizar sobre esses estigmas, esse recorte do corpo preto, dos meninos, da violência policial, da violência no território, da circulação na cidade, então que lugares esse corpo preto é bem visto, que lugares não, deles mesmos, né, enquanto meninos periféricos, muitos tatuados, que têm todo o estereótipo, todo o estereótipo mesmo. Então, foi muito massa, muito massa mesmo, essa última edição que a gente fez, e aí essas plaquinhas que estão grudadas nele, assim, é que tem um dos encontros que a gente fala sobre redes de suporte e afeto. Os meninos precisam dizer quem são as figuras da casa, da família, das relações do Maloka, e a gente vai ligando com uma linha onde está nesse corpo, né, e para mim isso foi um aprendizado do Mapa Corporal. Então, acho que eu usei essa coisa de onde está no corpo e porquê, que tamanho que está, que cor que tem a linha, que grossura que tem a linha, então acho que eu usei esse elemento, esse saber junto com esse encontro já é previsto pela metodologia lá, que eu falei de Masculinidades Quebradas, né, mas eles têm outro jeito de conduzir, e aí eu acho que com a TO tive essa bagagem para poder pensar isso, e é muito massa, porque, né, o vô está no ombro direito, a mãe está no coração, o parceiro está na aba do boné, porque ele só serve para rolê, então a hora que eu tiro o boné não tem mais. A polícia está lá na canela, porque a polícia está sempre na bota, o pai está atrás na cabeça, porque de vez em quando ele aparece, então os lugares do corpo vão marcando muito para mim. O que é pensar a afetividade de um menino negro se formando nesse contexto que eles vão construindo e a cor das linhas também. Então, cada linha tem uma cor e tem um tamanho e tem coisa que nem vai com linha de tão próximo, tão perto que nem vai com linha. Então eu gosto de ver o Maloka assim com as redes dele, porque me diz muito sobre a construção da afetividade e pensando no gênero recorte masculino. [...] E aí é isso que eu digo, é processual, talvez em 6 meses a gente vai precisar estar trabalhando isso toda semana de vários jeitos e eu vou terminar a medida e perguntar como eles se autodeclararam, pode ser que me respondam branco ou nenhum desses, mas é isso, é um lugar delicado de estar e que eu tenho a sensação às vezes que você precisa estar a fim de querer construir isso, que se você não está a fim fica como algumas pessoas que eu trabalho aqui que só se absterm disso tudo ou deixam para mim ou me dá essa demanda, acho que esse caso você vai gostar de atender e quando eu vou pensar o porquê que eu vou gostar de atender, porque é ou menino que disse sobre racismo e nomeou isso e a pessoa não soube lidar ou porque o menino está confuso de entender a sua própria identidade, a sua formação étnico-racial, que não é tranquilo, não é tranquilo” (Rosenda).

Nessa direção de problematizar as masculinidades negras, Gil, através de uma prática pontual com os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, reflete sobre os estereótipos atribuídos aos corpos negros.

Figura 26- Oficina de turbante



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma mulher usando turbante colocando o turbante em um homem.

*“Essa foi uma oficina, inclusive, que foi proposta pelas estudantes da universidade. Falaram, velho, a gente quer trazer um momento para dentro da universidade, onde a gente faça uma conversa sobre a negritude e os alunos inseridos, que é um grupo muito interessante, inclusive, de alunas da terapia ocupacional, que essas alunas de terapia ocupacional têm uma história interessante, que elas se reuniram e fizeram um abaixo assinado **alunas negras de terapia ocupacional, para ter uma disciplina que discutisse raça.** Então, a disciplina que eu dou aula hoje, ela só existe por uma mobilização dessas estudantes que depois foi acolhida pelo Colegiado. Inclusive, acho que isso também tem a ver muito com a minha inserção dentro da universidade, que era alguém que estava olhando também para*

isso. Isso é interessante. Ai essa oficina foi muito legal, porque tinha uma discussão assim, velho, que legal a gente estar nessa universidade e começar a ter esses espaços de debate. Então, a gente fez essa oficina de turbante, essa oficina de turbante foi bem interessante, que veio algumas pessoas externas. Então, essa oficina ela foi aberta

*para a comunidade, e aí veio alguns **jovens da medida socioeducativa da cidade, que eram majoritariamente meninos negros, né?** Jovens negros, e que aí é isso, assim, a gente fez oficina de turbante, o **homem também pode usar turbante?** Então, teve uma questão bem interessante desse envolvimento com a comunidade externa também nesse trabalho, nesse trabalho mais pontual com a medida socioeducativa, né? Então, foi um momento super legal, foi muito, muito interessante” (Gil).*

Apesar dos jovens negros serem maioria nas medidas socioeducativas, Rosenda relata uma prática que realizou com meninas nesse espaço.

Figura 27- Subjetivação, autoestima e pertencimento do território



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Fotografia mostrando cinco pares de pés dispostos em círculo, com calçados variados, como sandálias e tênis. Duas pessoas seguram uma câmera fotográfica. O grupo de mulheres está em um ambiente ao ar livre, com folhas e galhos no chão.

*“Esse foi um dia em que a gente teve duas meninas, uma menina que se autodeclara como branca, mas a outra que se autodeclara como uma mulher negra, essa com o tênis branco. E a gente fez um ensaio fotográfico no parque aqui do município, que foi uma das maiores fazendas de cafés, escravocratas daqui. E a gente foi para lá tentar pensar sobre isso e também **ressignificar essas construções. Então a gente fez essas fotos com esses adolescentes pensando em autoestima, pertencimento do território, essa adolescente específica que se identifica enquanto uma mulher negra vivenciava um relacionamento muito abusivo, muito abusivo. Então, ele não deixava ela sair sozinha e aí a gente saiu com ela sozinha, ela pode ter a experiência do que era sair sozinha no parque. Ela não vivia muito tempo... (pausa) tirar a foto de shorts, que pose é melhor? que jeito que você gosta de você? Maquiagem? Então, foi um processo de poder pensar sobre ela, ela existe, ela tem sentimentos, ela tem prioridades, ela tem desejos, ela tem sonhos, e muitas vezes esses lugares são negados pra uma mulher***

negra, você não sente, você não tem prioridade, você não tem que cuidar de você e do outro. E ela é uma adolescente que na época com 16 anos já morava sozinha, já fazia a manutenção da vida dela com companheiro, então cheia de responsabilidade e sobrecargas. E acho que foi esse o processo da fotografia de poder pensar sobre a subjetivação dela enquanto mulher, enquanto adolescente jovem, o que ela gosta de fazer ou não. E depois disso a gente acabou conseguindo uma bolsa para ela de um curso de fotografia, e ela foi fazer esse curso. Depois, com complexidade de uma mulher negra no contexto vulnerável, então o namorado começou a perseguir, porque ela entendeu o relacionamento abusivo, então muito se produz. Ela conseguiu nomear, compreender, largou esse relacionamento, ele foi persegui ela, ela não conseguiu terminar o curso, porque muita coisa envolveu. Mas eu acho que eu sempre converso com a outra TO que era a referência dela, né, de atendimento, que a gente abriu possibilidades com ela, a gente pensou junto os universos possíveis para além do que ela vivia. Então, mesmo que a gente não tenha conseguido concluir esse curso, ela descobriu que ela pode muito mais, que ela é muito mais do que aquilo que estava apresentado para ela, que eu acho que é o que muda a minha vida quando eu descubro a dança que existia muito mais do que aquilo que eu conhecia. Então, esse lugar de abrir junto novas caixinhas, de pensar sobre você enquanto uma pessoa humana com seus direitos, com seus desejos, com projetos de vida possíveis para além de ser uma dona de casa, tal, também diz respeito a esse lugar de pensar a mulher negra. A menina negra em atendimento socioeducativo, que é ainda lá embaixo. Então acho que esse dia também foi bastante, bastante especial” (Rosenda).

No contexto ambulatorial, Beija-flor e Maria Rosa desenvolvem práticas com a população negra.

Figura 28- Ascensão da beleza negra



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um jarro de barro decorado com um turbante colorido, com um pequeno cacto plantado em seu interior.

“Essa imagem foi de uma paciente que ela era na condição que busca sua pesquisa, afrodescendente, e ela não se reconhecia enquanto mulher. Ai, eu nesse trabalho de tentar favorecer esse não reconhecimento que dificultava a participação social, a colocação no mercado de trabalho, as questões de educação. A gente construiu essa, não digo nem esta flor, essa ornamentação da flor para tentar favorecer essa identificação. E por que a gente escolheu justamente o cacto? **Porque o cacto é uma planta nordestina, em**

que ela é muito vulnerabilizada e que se ela ficar lá, ela consegue vencer a seca e sobreviver. Ela vivia em condição mais desfavorecida, socioeconomicamente, por isso que pensando, eu tentei unir a beleza para mostrar que no jeito dela, na pele negra, no ser negro, ela tinha beleza e o cacto vivendo a dureza da vida conseguia sobreviver. Foi nesses dois aspectos. Ela, em um momento, não se reconhecia como mulher negra. Tanto é que eu tentei aproximar mais a caracterização da planta do jarro, com turbante, para tentar favorecer essa ascensão da beleza, do cabelo da mulher negra, toda essa questão. Hoje em dia, depois dessa terapia que eu fiz, foi um período de acompanhamento não sistêmico porque não é aquela terapia ambulatorial, a atenção básica. Mas alguns encontros mudaram algumas perspectivas que ela tinha. Hoje ela já está inserida, por exemplo, no mercado de trabalho, já se aceita como ela é, na negritude dela, se é que eu posso dizer assim, ela já se aceita” (Beija-flor).

Figura 29- Ser negra



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma mulher negra decorando uma estrela de E.V.A

“Esse caso era o caso problema de quando eu estava na residência, porque o filho dela era um autista gravíssimo. A família toda abandonou ela por conta do autismo do filho que não aguentava e ela era uma pessoa que você via, que ela era desequilibrada. Essa senhora, ela tem... (Pausa). Por fim, foi se descoberto com o acompanhamento da equipe, que ela é esquizofrênica, cuida de um filho autista nível 3, se tivesse classificações maiores, ainda seria maior a classificação dele, abandonada praticamente pela família. Eu tenho até fotos, é porque tem ela, eu não posso mostrar da residência. Numa situação de vulnerabilidade extrema, muito forte e assim, essa atividade aí foi basicamente... que a gente estava fazendo confecções de recursos para o natal, que estava próximo, porque ela não se sentia pertencente às festas de final de ano, porque era ela e o filho dela, a família abandonou, os vizinhos abandonaram, todo mundo abandonou, pelos comportamentos que ela apresentava e não entendia a questão do adoecimento e do sofrimento que estavam vivenciando. A gente foi tentar levar para ela que ela sim podia comemorar natal, ano novo,

*viver esses momentos que para todos são festas super significativas, porque ela se achava feia, desmantelada, maltrapilho, você vê o descuido nessa foto, que esses foram os primeiros encontros, com o cabelo. A gente fez um dia de beleza com ela. Maquiu, penteou, ela tomou o banho, arrumou o cabelo. Para tentar dar essa **valorização dela, que apesar da situação que ela estava vivendo, ela era capaz de viver, de ter o direito à vida, mesmo que o mundo estava abandonando e negligenciando ela.** Foi um caso dos casos que eu mais tenho empatia pelo caso que, para mim, foram os mais marcantes, na minha prática profissional. Não que não tenha outros, mas esse me marcou muito pela situação e o abandono de tudo. Até a própria equipe eu sentia que negligenciava diretamente e que esse caso, na realidade, não me permitiu nem porque ele era tão complicado, que não queria me deixar nem participar pelo fato de eu ser residente, não, os residentes não vão se envolver. Acabou que a situação do processo me colocou no caso. Por isso até que eu trago essas fotos” (Beija-flor).*

Beija-flor desenvolveu práticas territoriais voltadas para crianças negras em situação de vulnerabilidade, que estavam sem acesso à alimentação, buscando promover acolhimento e garantir direitos básicos.

Figura 30- Horta comunitária



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de vegetais cultivados em garrafas PET.

“Essa aí foi numa ação que eu participei dentro de uma escola. Quando... Foi quando a gente tentou favorecer o processo alimentar de algumas crianças assim, outra questão. Que eu percebo muito na minha prática profissional, até ontem eu rebati essa questão. Uma família negra em que a criança estava trabalhando a dificuldade de alimentar. Aí a avó em off foi pedir aos profissionais para tentar minimizar o levar a comida para a terapia, porque a condição socioeconômica, estava muito fragilizada. Aí vocês escutam de um profissional: “uma fruta não tem condições para trazer? Uma verdura uma vez por semana?”. Eu não concordo com isso. Aí basicamente, até essa proposta dá a foto. Foi na época da residência, mas casaria com o caso que eu vivi ontem. A gente tentou facilitar com crianças que em sua grande maioria eram

crianças negras, para elas em si se conscientizar e levar para a família recursos baratos, comprar semente, plantar em casa a fruta, para não ter o desgaste de precisar comprar, porque eu não sei na região que você mora, mas tem regiões aqui, que eu círculo em grande maioria, até essa mesma de grande acessão econômica, que a pobreza bate em alguns momentos. Essa população não consegue ter acesso. Nesse caso, foi com foco na alimentação, meu trabalho da TO” (Beija-flor).

Maria Rosa relata uma experiência enquanto residente em uma enfermaria masculina de um hospital psiquiátrico.

Figura 31- Mulheres negras ao centro



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma estante com várias produções artísticas

“Essa estante, ela é muito curiosa porque ela foi sendo construída sem nenhuma intenção de ser construída. Elas eram para ser atividades soltas. O quê que eu fazia? Era uma coisa que o pessoal falava que outros estagiários, residentes, não faziam. Nesse hospital na época em que eu estava, tinha uma ideia de que alguns usuários, alguns pacientes, podiam circular pelo hospital e outros não. Tinham que ficar dentro da enfermaria, trancado, e só quem podia abrir e fechar a porta eram os profissionais. Só que todas as atividades coletivas elas eram feitas lá fora. Tinha um espaço terapêutico e eu comecei a me incomodar com aquilo, porque eu ficava assim, ué, mas e os pacientes que estão aqui? Eles vão ficar o dia inteiro vendo Globo, fumando... que lá também não podia ter cigarro. Então o que eles faziam? Pegava a papel, folha e queimava. Fumando folha seca e

*brigando com o outro. Não faz sentido na minha cabeça. E aí eu comecei... tinha um armário lá. Eu comecei a colocar materiais naquele armário. Aí eu sentava lá, era uma sala dos profissionais. Aí eu sentava, deixava a porta aberta aí um passava, conversava comigo, o que eu estava fazendo. Aí falava lá, não sei, estou aqui, tem uns materiais quer vim? Ah, não, doutora, eu não, e sumir? Falei, não, tá por minha conta, pode vir. E aí nesse processo, essa sala começou a encher. **E aí de repente tinha, tipo, 10, 15 homens fazendo corte e colagem. Não tinha um porquê terapêutico, mas tinham o incômodo de estar naquele lugar enquanto residente e ser conivente com aquela proposta de cuidado, que não é cuidado, é reclusão.** E aí começaram a surgir coisas muito bacanas, assim. **Da gente descobrir talentos que a gente não sabia, de paciente que estava com tremor de extremidade, andando em bloco, movimentando em bloco, conseguir cortar papel, ter ajuda de outros colegas.** Então, assim, foi um espaço em que eu me fiz presente, mas depois eu me retirei. E aí eles tomaram conta daquele espaço e aí quando eu estava saindo, a gente meio que foi... Viu que tinha várias... nos armários, várias atividades, e a gente foi colocando. E eles falaram: “ah, doutora, então está fazendo uma exposição do nosso trabalho?” Aí eu falei, sim, é uma exposição. E olha que interessante, tem um pouquinho de cada um, de quem está aqui, de quem já foi, de quem foi e voltou. Então essa exposição é nossa e eu acho que essa foto ela mostra muito a forma como eu trabalho desde então. E não foi algo que “nossa, parei para pensar”, foi nossa proposta super terapêutica. Não. **Surgiu, eu fui lá, estive lá, quis estar com eles, tanto é que nesse período, a gente até já publicou recentemente um resumo, eu e uma colega sobre essa oficina, eu fiz uma oficina neste espaço no dia da consciência negra com 20 homens negros em crise. E saíram coisas maravilhosas. Maravilhosas mesmo, assim. De eu falar assim gente, do céu, que coisa linda que aconteceu aqui. De ter homem negro, de pele clara, falando, a escravidão tem que voltar, mereceu, e os outros pacientes, como assim? E eu mediando, né? Assim, eu só intervia em momentos como esse... tá muito desorganizado, calma fulano, calma ciclano, ele não tá bem, vocês estão vendo, vocês estão melhor que ele e aí as coisas apaziguavam.** Então, eu acho que... Eu coloquei essa foto porque ela representa pra mim o começo da minha clínica racializada, sabe? De olhar em volta e falar: “**não, que estranho, os pacientes é tudo preto, mas quem cuida, não é? Como que eles fazem? O quê que eles estão falando? O que eles estão produzindo sobre isso?**” E aí essa exposição é desse período, é do começo. Coloquei essa legenda porque... não sei se dá pra perceber, tem várias fotos de mulheres que eram revistas, disponíveis. **Só que essa... Essa mulher negra, o cabelo afro, centralizada, foi uma escolha deles, eles falaram que ela é a mulher mais bonita da nossa exposição.** Então, a gente tem que colocar ela no meio. E aí eu lembrei disso e aí eu coloquei esse nome, *Mulheres Negras ao Centro*.*

Maria Rosa compartilha os desafios de atuar em um CAPS III, enfrentando um contexto de extrema vulnerabilidade. Apesar das dificuldades, um gesto simbólico de um usuário reacendeu nela a compreensão sobre a importância de defender uma clínica que produz cuidado, afeto e transformação.

Figura 32- Acalanto



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma flor cultivada no copo plástico.

“Assim que eu saí da residência, eu comecei a trabalhar no CAPS III daqui. E como eu já comentei, é muito vulnerável o território, sabe? Então... eram plantões exaustivos. Era um moedor de gente, assim. E esse dia tinha sido um dia muito cansativo. E um paciente entrou lá e deu essa florzinha, eles chamam a gente de doutora, né? Principalmente em coisas de regime hospitalar ou de urgência. Aí entrou e falou... Eu nem lembro quem é, olha que doideira. Entrou e falou: “Oh, doutora, eu vi a senhora hoje de um lado e por outro o tempo todo, toma essa florzinha aqui para ver se ajuda a fechar o dia”. E eu me senti tão querida, sabe? Tão valorizada, olha que doido, né? Tão pequeno, um gesto, assim. Eu falei, não, eu vou terminar esse plantão e aí eu vou para casa descansar. E aí eu tirei essa foto

antes de fechar a sala do plantão, pode ver que tem uma porta atrás do vasinho de flor que eu fiz. E aí foi isso que eu fiz, encerrei o plantão, eu fui para casa e voltei só no dia seguinte no meu horário. Então essa foto, ela simboliza para mim muita resistência, sabe? De permanecer, produzindo uma clínica que eu acredito até o fim, até o fim mesmo, assim. O fim de eu falar não

dá mais para mim, gente, não dá mais para trabalhar desse jeito, sucateado. Não dá mais para a gente não ter condições de trabalho. Eu vou tentar outras coisas. [...] Acalanto é porque é como se fosse um carinho, sabe? Quando você está em frente ao rio, assim, aí vem aquela brisa bem suavezinha no rosto. Eu sempre chamo isso de acalanto” (Maria Rosa).

Figura 33- As árvores e eu



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de uma cesta embrulhada com papel para presente transparente e decorada com um laço. Ao fundo, é possível observar árvores, compondo um ambiente natural.

“Essa é uma praça é aqui perto da minha casa. Eu trabalhava muito perto de casa era tipo 300 metros. Essa é uma praça que é patrimônio do município, ela chama Praça do Preto Velho. Ela foi e é um sinônimo muito importante da comunidade afro-brasileira aqui, das religiões de matriz africana e ela é do lado do CAPS III. E o que eu lembro? Por que eu coloquei essa foto? É porque normalmente esses momentos aconteciam numa reunião de equipe. Ah, na reunião de equipe, a gente entrega para a pessoa e ela despede. Só que próxima minha saída foi muito caótico. Então, não aconteceu na reunião de equipe, eu dei plantão, na minha última reunião de equipe, eu dei plantão. E aí eu pensei, pô, não vai rolar, né? O pessoal não vai fazer para mim. Só que foi numa terça, depois de uma Assembleia dos Usuários, porque quando eu estava nesse serviço, a minha oficina era privilegiar a Assembleia dos Usuários. E aí eu tive o privilégio de trabalhar com mais duas TO negras, mulheres que se

identificam como mulheres negras. Isso faz muita diferença, né? E aí eu “tocava” a oficina com elas, uma delas, eu falo, “tocava”, entre aspas, porque como em todos os espaços clínicos da minha vida, em algum momento a minha presença deixa de ser importante, é o jeito que eu gosto de trabalhar, eu amo isso. Isso para mim é sinal de sucesso e aí chegou um ponto que a oficina começou a girar sem a gente eles batiam lá na sala do plantão. “Vamos, doutora? A Assembleia vai começar, a Assembleia vai começar”. E aí a gente sempre dividiu, né?

Sempre passou para todo mundo, quem quer fazer ata? Quem quer fazer ata? E aí a gente também parou de fazer isso, eles falavam, ó, você vai fazer ata hoje, hein? Ó, doutora, hoje a ata é sua. De chegar gente nova no serviço e eles falarem: quem são vocês? Você tem que se apresentar para o coletivo aqui, Oh! Aqui ninguém conhece vocês. E aí foi após a Assembleia, foi no meio de todos os usuários. Foi com todos os usuários, com todos os profissionais, não só técnicos de nível superior. Os profissionais também da limpeza, os porteiros, recepcionista, todo mundo estava lá e eu recebi essa cesta pelas mãos dos usuários. Isso pra mim foi muito significativo, isso pra mim é como se fosse... como se tivesse sido coroado. Olha aqui, ó. A gente tá entregando isso pra você, porque o trabalho que você fez pra gente, usuários, foi muito importante. E eu lembro que na época eu tava com um caso muito difícil. Nossa Senhora que caso

difícil e ele me entregou. Esse paciente que tava me dando tanto trabalho, se acabando em lágrimas, me entregou, né assim? Ele falou: “olha, você foi a melhor referência que eu tive, você me escutava. Eu estou sofrendo muito que você vai embora, mas eu sei que é porque é melhor para você”. E essa cena de ser no meio dos usuários, com os usuários, pelos usuários, cara, para mim não tem preço. E eu acho que vai só alimentando isso que eu estou contando para você. O quanto que a clínica para mim ela é coletiva. Eu só preciso estar lá para ser o ponto de partida que aí depois ela vai sozinha, eu me ausento ou eu me faço menos e aí essa foto, ela simboliza isso. Eu sempre passava muito na Praça do Preto Velho, antes de trabalhar, pedia benção, na volta, agradecia. Então, simbolizar com esses dois símbolos e finalizar... Não, para mim foi ótimo. E aí é por isso que eu coloquei essa foto [...] Eu gosto muito de árvore, eu aprendi que quanto maior o tronco, mais antiga ela é e mais profunda são as raízes. E as árvores da praça são lindas, elas passam uma energia tão boa, é como se você tivesse... Sabe depois que você dá um mergulho na cachoeira? É a filtrada que essas árvores dão nessa praça. Você entra, aí você sente, aí você sai, e sai melhor do que se entrou. Então, as árvores e eu, quando eu pensei nessa frase, foi muito no sentido de elas tão lá mais tempo que eu, mas eu também faço parte delas, porque quando eu passo pela praça a gente troca energia e eu pego um pouquinho delas e elas pegam um pouquinho de mim. Aí foi nesse sentido, sabe? ” (Maria Rosa).

Maria Rosa destaca a importância de terapeutas ocupacionais analisarem criticamente a prática clínica, a fim de evitar a reprodução de opressões e promover um cuidado que seja verdadeiramente emancipador e transformador.

Figura 34- Clinic(ar)

“Esse era um casarão, onde eu atendia na equipe complementar, quando era contratada



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de um corredor iluminado com piso de azulejo branco, tendo ao fundo uma placa amarela com a inscrição "Cuidado Piso Molhado". No lado direito, há grades metálicas, e ao fundo é possível ver árvores e parte de um prédio azul.

da prefeitura. Ele era no alto da favela aqui, uma favela bem famosa, muito violenta. Mas era lindo o lugar, era lindo o espaço, pode ver que a foto tem um enquadro muito bacana, só que tudo tinha que ser travado. E aí, quando eu pensei nessa foto, eu pensei muito mais, porque às vezes, a gente tá tão embebido pelo que tá achando que produz de clínica, que não vê que tá é preso, sabe? Então, do mesmo jeito que você vislumbra, olha o céu lá fora -que bonito- você vislumbra, você olha as árvores, mas você tá do lado de dentro. E aí, eu me peguei pensando, o que faz pra sair disso, né? Pra se permitir questionar o que você produz e aí, eu achei interessante que a moça da limpeza tinha acabado de passar pano, então tem esse aviso de cuidado, que você pode deslizar, você pode cair. Então, o arranjo pra mim da

foto é que se você não ficar atento, você vai reproduzir exatamente aquilo que você diz que não deve fazer. Pensando no futuro, mas o futuro a gente faz é hoje. Não sou eu que estou falando, o Racionais ¹⁷já falava disso em 1990 Então, se você não ficar atento com aquilo que você está produzindo enquanto ciência, enquanto cuidado, você pode estar

reproduzindo. E aí, quando eu vi essa foto, me lembrou muito isso, sabe? Porque eu não sei para você, mas para mim essas grades, elas também passam uma sensação de que eu... sabe, quero sair, meu corpo está aqui preso. Eu acho que são um pouco nesse sentido, viu [...] Eu gosto muito de brincar com as palavras, Amanda. E aí quando eu

¹⁷ Para escutar a música completa, sugere-se que acesse <https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao>

quis colocar Clinicar, eu quis colocar Clinic(ar). Que a clínica ela é do mesmo jeito que o ar, sabe? Demais ela te mata e de menos você não faz muita coisa. Foi esse jogo, essa brincadeira” (Maria Rosa).

Figura 35- Oficina Brechó



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem de roupas penduradas na arara.

“Essa foto ela é tão gostosa que eu lembro do dia, sabe? Eu tava num CAPS infanto-Juvenil e a outra única mulher negra... além de mim... e que não era da limpeza... era uma psicóloga efetiva... muito malquista, desvalorizada... tipo assim o que ela falava as pessoas marretava... e aí eu fui observando que ela era muito coerente... clinicamente, muito afinada... uma mulher muito, muito, muito... inteligente clinicamente, sabe? E aí eu pensava... "Ué! mas por que ninguém tá ouvindo essa moça?" Pelo amor de Deus, gente... ela fala umas coisas tão boas, faz tanto sentido".

E aí a gente começou a se aproximar... E aí ela falou... "vamos... fazer uma oficina, uma oficina de geração de renda... E eu falei "Uai! bora... adoro essas coisas." E aí a gente começou a fazer uma oficina de brechó... em que ganhava as roupas... no

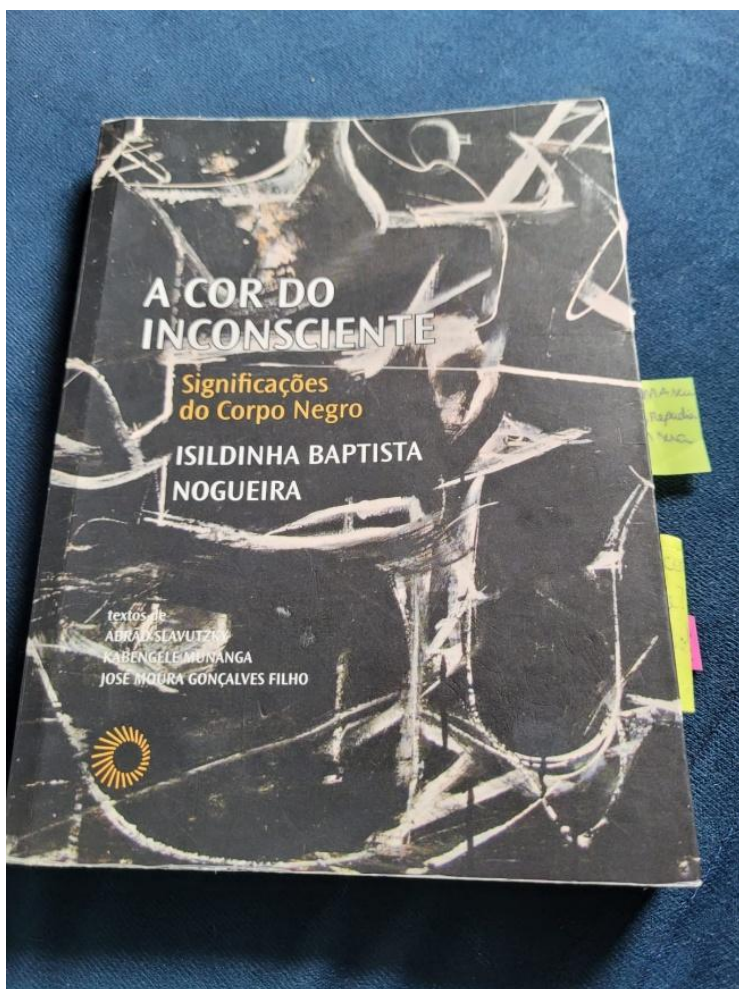
CAPS, as adolescentes... melhoravam... faziam, tipo, um patchwork... pode ver que tem essa flor e tem duas folhas verdes... isso aí foi costurado... manual... Então tem essa... essa camiseta cinza... tem como se fosse uma asa roxa... isso aí foi costurado, foi manual... então

elas faziam melhorias... singelas, nada muito robusto... aí mandava pra uma costureira... que o plano era que essa costureira... fizesse uma oficina com as meninas... pra ensinar a fazer mesmo as costuras mais elaboradas... e aí a gente venderia no brechó... e aí esse dia... é porque a gente tinha tentado fazer uma arara... isso aí... o pau de vassoura com barbante pendurado, esqueci o nome.... no teto, e aí a gente pegava as roupas e pendurava elas com barbante, porque a gente esqueceu também os cabides, então você

está vendo que está tudo manual, literalmente. E foi um dia muito agradável, foi um dia que os adolescentes que foram, tanto menino como meninas, a gente conseguiu trabalhar coisas muito bacana, o lugar do trabalho, o valor do trabalho, e aí mais uma vez eles começaram a falar sem que a gente precisasse intervir. E aí mais uma vez fica claro para mim que essa clínica que me interessa é só da uma provocadinha e vai acontecendo. Foi isso com essa oficina, então as meninas vinham, aí tinha um grupo no WhatsApp, “ah, não vou, porque eu tenho aula, ah vou, quero levar tal coisa, e aí elas foram se autogerindo, sabe?” E aí essa foto por causa disso, assim, duas mulheres negras, uma marginalizada, a outra que foi marginalizada junto, porque tava com ela, né? Mas que produziu algo que era a única oficina no serviço, que além da capoeira, né, que vinha um professor, além do Hip Hop, que vinha um professor, mas que as profissionais tocavam e dava certo, tinha adesão e aí eu lembro disso” (Maria Rosa).

Maria Rosa destaca como as reflexões do livro de Isildinha foram fundamentais para moldar seu raciocínio sobre saúde mental e terapia ocupacional. A obra a ajudou a aprofundar o olhar crítico sobre as práticas da área, possibilitando construir uma clínica antirracista.

Figura 36- Isildinha



Fonte: Acervo do projeto de pesquisa.

#ParaTodosVerem: Imagem da capa do livro intitulado A cor do inconsciente: Significados do corpo negro de Isildinha Baptista.

“Ah, é porque esse livro, ele é assim, uma perfeição, foi um presente que Isildinha deu pra gente. A Isildinha Baptista, ela é uma psicanalista negra, essa é a tese de doutorado dela, e aí ela tem um... Um prefácio que ela explica que quando ela fez a tese, ela queria ter colocado esse nome, mas ela não pôde, pelo momento. Se eu não me engano, essa tese é dos anos 60, anos 80, enfim. E aí quando ela vai lançar o livro, que ela pode nomear a tese como ela queria, isso por si só já é um marco, sabe? A gente tá falando de uma mulher que fez uma tese de doutorado em psicologia, sei lá, 60 anos atrás, 40 anos atrás, uma mulher negra retinta, e que fez um trabalho que é muito comum a nós negros, né, impecável, o trabalho dela

é impecável. Então, o referencial dela, por exemplo, é o Lacan que na psicanálise é o psicanalista que criou o termo psicose. E aí ela vai falando como é que a subjetividade da pessoa negra vai se construindo no mundo em que a régua é a branquitude. E aí ela vai falando do corpo negro, o que é esse corpo? E aí ela fala da relação da mãe negra com o filho negro, então é muito completo.

E aí quando eu li esse livro eu falei: “eu quero falar sobre isso, eu quero falar sobre isso na TO. Como é que a gente trabalha isso na TO?” Porque isso é muito importante a gente apontar o furo, a gente apontar as problemáticas, mas eu necessito de alguma solução. Pode ser pequena, pode ser simbólica, mas só o problema me paralisa e a minha interpretação é de que este livro nos dá uma possibilidade de solução e ele é muito maravilhoso porque no final tem três casos clínicos e eu acho que nada ensina mais do que a clínica. E ela traz casos que exemplificam a clínica, que ela produz, que é antirracista, faz sentido. E aí eu me pergunto: “O que é que dá para a gente aproveitar dessa intelectual negra que produziu há tantos anos, o conhecimento dela, o saber dela para TO, na saúde mental para a população negra tradicional, o que é que dá para a gente aproveitar?” E aí quando eu trouxe a foto desse livro, é porque eu recomendo ele, eu nem ganho comissão, mas se eu pudesse, fazia review, review um atrás do outro. Não era nem de capítulo, mas era página, porque tem página e que não dá pra ver. Talvez dê pra ver na foto o livro todo tá rabiscado assim, ó de tão impecável que é o trabalho que essa mulher fez. E aí eu acho que é isso a pós-graduação entra pra mim através do livro, que eu demorei um ano pra ler pra você entender como que eu fui digerindo esse livro mesmo. A minha pesquisa é um resultado disso, dessa sopa de vivência, dessa sopa de corpo, dessa sopa de clínica que aí eu encontro nesse livro uma possibilidade de não ficar só sofrendo racismo, de falar: “Oh, vocês são racistas, vocês têm que parar, porque isso que vocês fazem adoce a gente, seus filhos da puta”. E aí esse livro simboliza isso pra mim, sabe? O caminho. É isso penso assim ” (Maria Rosa).

Conceição Evaristo* relata as práticas que desenvolveu com os povos indígenas e quilombolas. Com a população indígena ela participou de um projeto que objetivava criar um sistema de garantias de direitos sensíveis às crianças e adolescentes indígenas, ela diz

[...] No primeiro momento nesse trabalho de campo, a gente entrevistava alguns gestores ou trabalhadores da assistência social que trabalhava em CREAS, CRAS, Conselho Tutelar, Secretário de Assistência Social. Então, para cada um daqueles a gente, primeiro, faz uma grande roda de conversa com esses trabalhadores e com as lideranças indígenas a gente fez aqui no Google Meet e conversamos com as lideranças de todo o Brasil, das etnias que apareceram no nosso levantamento biográfico, com o maior índice de abuso, violações de direitos da criança e do adolescente, e aí eles falaram que existe aquilo que é cultural, mas que eles não toleram violência, violência sexual, violência, enfim, violência intrafamiliar, foi isso que eles alegaram para a gente, só o que a gente via casos de crianças indígenas que são inseridas em unidades de abrigo, mas o abusador permanece impune, permanece lá na comunidade. Então é você ouvir da criança assim: “tia eu

estou aqui, mas a pessoa que me fez mal, ela continua lá solta”. Então, isso é uma grande fragilidade do sistema, dos executores, porque também, o segmento da polícia não tem um preparo ao identificar, a saber o que é...

Com as crianças a gente fazia mais uma observação, né? Mais uma observação, ali avaliando as condições do local. As minhas atribuições enquanto terapeuta ocupacional de apontar as fragilidades não só da rede, mas do ambiente de acolhimento institucional e de entender o porquê que essas crianças são inseridas dentro de abrigos. Então, boa parte dessa... dessa inserção, ela é feita de forma arbitrária, né, porque o cuidado, se a gente for ver dentro da cosmovisão da maioria indígena, o cuidado com as crianças, ele não é só do nuclear familiar, ele é de todo mundo, e aí a nossa visão de cuidado é diferente deles, né? Então, às vezes não há uma sensibilidade de alguns trabalhadores, e aí ver logo que a criança está em situação de vulnerabilidade, de risco social, que ela está sofrendo negligência, aí decide tirar do convívio familiar e inserir instituições.

Conceição Evaristo* denuncia a negligência do Estado para realizar o pagamento da equipe e de implementar as mudanças propostas

O projeto está desde 2021. Agora (em 2023) é que a gente acabou de receber o pagamento do produto 5 de 10. Houve a troca de gestão, a troca de Ministério. A gente não tem recebido resposta. Estamos lindando com uma morosidade de todo o processo de publicar o trabalho. Até um dia desses, a página do Instagram publicou o material impresso. A gente ficou super feliz de ver o material impresso. Depois, curiosamente, sumiu de lá da página, não sei para onde foi o material. A gente entrevistou, além dos trabalhadores, a gente visitou as Casais, que são as casas de saúde indígena. Visitamos alguns distritos sanitários, os DECEIIS e entrevistamos pessoas de segmento do judiciário e da FUNAI. Só que da FUNAI, como na época ainda era, estava ainda no governo Bolsonaro, a gente teve várias negativas da FUNAI de nos conceder à entrevista. As pessoas que, das quais a gente fez o trabalho de campo cobram o resultado do projeto. Que a ideia é suscitar novas políticas públicas para essa população e reformular o sistema de garantia do direito da criança e do adolescente indígena, com vistas a fortalecer os vínculos, fortalecer a questão cultural, fortalecer a ideia da família estendida ou da família acolhedora, mas que, por último, seja a questão de abrigamento.

Ela também fala de uma ação em comunidade quilombola

A gente teve uma conversa, era a semana do bebê quilombola, e aí foi uma ação com vários profissionais das áreas jurídicas,

do serviço social, da saúde. E aí a gente fez lá uma oficina. Então, algumas (estudantes) ficaram com os bebês num local separado, e a gente levou alguns recursos sensoriais, alguns brinquedos, levamos maracas, fazendo no chão mesmo, alguns brinquedos sonoros. Aí ficou uma parte das meninas com os bebês, e eu fiz uma roda de conversa com as outras alunas com as mães, onde a gente falou sobre o que é ser quilombola, falamos sobre política de cabelo, foi bem legal mesmo. A gente pediu para que as mães desenhassem a representação dos seus filhos, foi um momento bem bonito, bem potente, mesmo, principalmente, com as mães de se entenderem quilombolas, porque apesar de aquele determinado território ser quilombola, mas muitas têm vergonha de se assumir enquanto quilombolas. Elas trouxeram a questão das filhas, o que os filhos vêm sofrendo preconceito na escola ou de... Quais são as estratégias que elas usam para educarem os seus filhos a gostarem dos seus cabelos, dos seus traços?

*Ainda teve mais uma atividade que foi o que que era o brincar a partir da visão das crianças quilombolas - **Quais eram as noções e as representações do brincar, a partir das visões das crianças?** Então, ali, atrelado muito à questão do banho de rio, ao tomar açai. É... As crianças foram desenhando como é que se desenvolvem seus modos de vida, né? E as suas brincadeiras, a partir daquele contexto, e sem muitos recursos, assim, que estou dizendo de brinquedos, né? **Brinquedos, a partir da visão branca, eurocêntrica, né, mas as brincadeiras de um compartilhamento, as brincadeiras de roda, enfim. A tela, ela está tomando conta, né? Está tomando conta, assim, de todas as culturas e segmentos, assim, as crianças hoje em dia querem saber do uso da tela. Mas muitas não têm, né?** (Conceição Evaristo)*

- 5.3.3 Impactos do racismo nas práticas profissionais: racismo estrutural, institucional e cotidiano

Conceição Evaristo* relata os casos que atendeu cuja demanda principal passava pela dimensão racial

Já, nossa, vixe! Todos os territórios que trabalhei no Sudeste, uns já eram entendidos que era a condição do racismo, outros não, outros não conseguia. A gente ia ali cavucando, cavucando, porque a gente, na avaliação psicossocial, a gente pergunta sobre relações familiares, sobre outra dimensão da vida, ocupações, o trabalho, faz até os Genograma, se for preciso, aí a gente vai compreendendo ali que ela está alienada, mas ela não consegue, ela mesmo enxergar aquilo ali, o produtor do próprio do sofrimento, do próprio adoecimento dela é o racismo que ela tem passado ao longo da vida dela, que

muitos comportamentos são naturalizados. Já atendi muito, já atendi pessoas que chegavam todas cortadas, se automutilavam, mas essas já meio que eram entendidas sobre a questão do racismo, transtorno afetivo bipolar, episódio depressivo, episódio maniaco. Acho que foi na minha experiência enquanto terapeuta ocupacional da saúde mental que eu fui ver mesmo, quanto que o racismo ele é produtor de adoecimento da população negra.

Ela continua falando sobre a dificuldade da equipe de trabalho acolher as demandas raciais

Dentro de um espaço onde boa parte da equipe, não é que não compreende, mas não ache que isso seja importante, né, então o que que eu fazia? Eu fechava com aqueles, eu tinha as minhas linhas de resistência, assim, tanto a nível de equipe, então quem fechava comigo para tratar dessas abordagens eram pessoas pretas [...]Então, a gente falava sobre isso dentro das Assembleias, dentro dos grupos, às vezes, quando a gente abria para diálogo, tinha algumas polêmicas, ou umas situações de racismo de usuário para usuário. Então, a gente chegou a fazer, eu lembro que a gente chegou a fazer aquele jogo das oportunidades, nos espaços de ambiência do CAPS. E foi muito legal esse dia, porque acho que é jogo das oportunidades, em um determinado momento, vai ver quem são os corpos que vão ficando para trás, e aqueles que vão acendendo, porque o jogo é de perguntas e respostas sobre privilégios e quem não teve privilégios. E aí, eles mesmo visualizando aquilo, compreendendo, tendo ali a autoconscientização, sensibilização, de que o racismo é promotor de desigualdades, inclusive de oportunidades (Conceição Evaristo).*

As colaboradoras ponderam sobre a forma que o racismo opera no Brasil

Geograficamente, opera de uma outra forma, porque eu percebi essas nuances sendo uma pessoa do Norte convivendo no Sudeste. Eu acho que o movimento negro, por exemplo, no Sudeste, ele é muito mais radical do que aqui no Norte, por exemplo. Aqui no Norte, a gente tem a questão da miscigenação, que é muito forte. Então, há uma negação da categoria negro, preto, para assumir uma identidade indígena [...] Então, há até ali um fetichismo do fenótipo do corpo da mulher. Eu acho que é uma objetificação, sim, do corpo da mulher nortista, daquela coisa sensual, a indígena, a faceira, não sei o quê, que tem os

quadris largos, que vai se casar com o gringo, que é doida por um gringo, que não pode ver um gringo, é desse jeito, né. Então, é uma negação da categoria preto, pardo para assumir uma categoria indígena, que às vezes a pessoa nem tem essa, ela pode ter o fenótipo, que é o meu caso, mas eu não sei a qual etnia eu pertença (Conceição Evaristo).*

A Grada Kilomba vai acionar o conceito de racismo cotidiano, que eu acho que vai informar muito a terapia ocupacional, né? [...] E eu acho que ela faz o racismo... Ela faz o conceito de racismo cotidiano e fala assim TO, por isso que a questão do racismo e da questão racial tem que perpassar a prática de todos os TO. Porque na reabilitação do hospital, a experiência cotidiana vai ser marcada pela raça, seja de uma pessoa branca, seja de uma pessoa negra, uma pessoa amarela. E eu acho que a Grada Kilomba me ajuda nisso, né? De como cotidiano é um lugar da opressão, mas também da transformação social (Gil).

Olha, eu entendo que o racismo é uma questão estrutural e que ele está em todas as relações humanas, em todos os serviços, em todas as instituições, às vezes de maneira muito sutil, e ele opera minando condições e possibilidades de vida, expondo a situações de risco e violência alguns e outros não. Ele opera no genocídio da juventude negra, na violência doméstica contra as mulheres e meninas, na violência sexual. Todos os dados de violação que a gente olha e a gente vai olhar para a dimensão da cor/raça, a gente vê que existe um público que é mais afetado por essas violações. Então o racismo opera em tudo, ele está tão estrutural que não tem como dizer que ele não está em tudo (Beth)

Olha! Se a gente parar para pensar que ele é estrutural e estruturante, a gente vai pensar que algumas ocupações a gente imagina que seja para determinadas raças. Eu falei isso esses dias, numa palestra que eu dei. Falei assim: “por que a gente estranha quando vê um gerente negro no banco chique? Mas não estranha quando vê ele varrendo o chão? Por que quando você vê um homem negro de terno e gravata, você acha que ele é segurança?” É porque a gente já se acostumou, como sociedade a dar algumas ocupações a determinadas raças. E não pense você, Amanda, que eu não acho que tem mães que desconfiam das minhas avaliações não, eu sei que tem. Mas eu tenho clareza de que isso não é sobre mim, é sobre elas. O impacto do desempenho ocupacional é esse é porque o desempenho ocupacional, ele já está marcado desde o nascimento, por conta da cor. É a mancha ainda leva, então, como você nasceu com ela, você vai seguir este caminho, este caminho que a sociedade trilhou para você, seja subjetivo, seja ocupacional (Maria Rosa)

Nas Unidades Básicas, também, sempre é um processo as pessoas vão olhar para mim, falar comigo, ou também me destratar. E aí eu tenho tentado verbalizar isso bastante para a minha equipe, eu não tenho mesmo o corpo que vocês, eu não passo do mesmo jeito que vocês. Então, é muito comum eu ir em Centro de Saúde e eu também não ser bem atendida, ficar muito tempo esperando, aí meus colegas vão falar: não, eu nem pego senha, eu só passo na frente. E aí tem esse lugar que eu acho que é... do lugar de poder (Rosenda)

Elas apresentam caminhos possíveis para uma prática antirracista

Uma prática antirracista... Não é só dizer que não sou racista, mas é pensar em estratégias que combatam o racismo. Isso para mim é uma prática antirracista. Pensar mesmo abertamente em estratégias que... que vão para além da questão da sala de aula, mas que a gente possa acessar outras tecnologias sociais para pensar estratégias que combatam o racismo. Por exemplo, se eu vou palestrar numa escola, falar sobre religião de matriz africana, e eu sou requerida para falar sobre isso, de levar elementos da cultura, levar percussão, levar para as crianças pensar estratégias contextualizadas, que impulsionem o debate para que enriqueça mais o debate. Então é isso (Conceição Evaristo).*

Então, acho que ser antirracista é se posicionar e entender qual é o meu papel nessa luta em todos os espaços, na pesquisa, na parte prática, na minha dimensão afetiva, pessoal, então o que me cabe? Acho que é isso, para mim o que resume é se posicionar e em muitos momentos, ouvir, porque talvez esse meu posicionamento não esteja tão de acordo com o necessário (Beth)

Identificação do que é, primeiro saber nomear, para conseguir traçar estratégias de possibilidade de enfrentar isso, assim, né? Então, o que de estratégias eu tenho para caminhar contra isso aqui? E aí, acho que aí, a gente está tentando produzir uma prática antirracista, quando a gente tenta construir possibilidades que operem contra esse sistema de extermínio, opressão, genocídio da população negra mesmo (Rosenda).

- 5.3.4 Racismo e Branquitude: Limites, desafios e potencialidades de profissionais brancos atendendo as pessoas não-brancas

Beth, a única colaboradora autodeclarada branca da pesquisa, reflete sobre o seu processo de construção da sua identidade racial ao trabalhar nas medidas socioeducativas.

*Acho que a minha vivência dentro do programa de medidas me trouxe um entendimento que doía. **Que doía muito em mim, porque naturalmente eu tive contato com leituras que tinham essa perspectiva racial, que trazia os apontamentos de como é essa vivência, mas eu nunca vivi isso na pele.** Embora seja filha de um homem negro retinto, o que se nomeava na minha casa enquanto violência não era uma violência racista, meu pai também não tinha esse entendimento de que o que ele sofria também era racismo. **Então acho que houve um trabalho interno, meu, de entender qual é o meu lugar dentro disso e qual o meu lugar trabalhando com jovens que estão extremamente expostos a essa violência e que...** Eu precisava de alguma forma incorporar na minha prática atividade, ações, que pudessem sensibilizá-los em relação a isso. **Então, acho que esse primeiro momento foi de reconhecer o que me faltou enquanto formação profissional e de poder recorrer a isso.** Então, assim que eu entro no programa de medidas socioeducativas, que eu tenho essa aproximação mais intensa com a realidade desses jovens, eu começo então a estudar e procurar como me fortalecer profissionalmente para me sentir respaldada para poder nas práticas, trazer essas reflexões.*

Então acho que esse processo de me entender, enquanto uma mulher branca, e qual a minha responsabilidade dentro disso foi pensar também como eu estou no mundo, né. Então, como eu me relaciono com as pessoas, para além da dimensão profissional. A dimensão profissional é uma dimensão da minha vida, mas tem todas as outras. Então, foi uma mudança de perspectiva da minha vida pessoal, sabe? E que não está separada da minha vida profissional, esteve. E quando essa lente cai, eu falo, pera aí, não tem como desassociar uma coisa da outra. Não tem como eu ser a terapeuta ocupacional antirracista e pessoalmente não ser.

Sendo uma mulher branca, Beth pondera que ao debater sobre o racismo com os jovens, eles não conseguiam compreender as suas explicações, por isso ela contava com o apoio de outros jovens negros que tinham letramento racial

Então, eu consegui entender que um caminho possível era ele ter contato com outras pessoas negras que pudessem trazer relatos que são tão semelhantes como os dele através de uma outra perspectiva. Porque eu dizendo, olha, você identifica que isso pode ser racismo, ou que essa abordagem aconteceu dessa forma com você, mas com um menino que estava do seu lado e que era branco, não aconteceu da mesma forma, eu dizendo isso não bastava. Então, eu entendi que em grupo, fluía melhor.

Algumas colaboradoras refletem sobre os silenciamentos da branquitude.

E é isso, eu sinto falta de outras pessoas falando sobre isso, por exemplo, tinha uma aluna minha, fez um trabalho que ela pensava como a questão do tratamento para crianças autistas negras, ela difere quando vai lidar com aquele estereótipo da criança com deficiência que é branca, que tem cabelo liso. Isso interfere diretamente na relação com os terapeutas que estão ali junto com aquela criança, sabe? Mas isso não é discutido por essa área de conhecimento. E eu acho que essa galera, essa galera que trabalha com TEA, que é um tema que está super aí, tem que pensar, sabe? Então acho que é esse desafio da gente pulverizar o debate para que seja uma questão de todos (Gil)

Eles (pessoas autodeclaradas brancas) só participam de formações que discutem essas questões sociais quando é obrigatório, não por escolha própria (Beth)

5.4 Tema 4– O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas

O futuro é negro e ancestral. Para as colaboradoras negras, projetar o futuro é um ato revolucionário

Então, acho que estudar é uma coisa importante. Até como eu posso trazer esse tema de um jeito de fato mais amplo para os alunos da graduação, né? Acho que isso é uma tarefa sempre que eu fico me perguntando assim. Para além do superficial, mas como eu posso trazer para além daquilo que diz de uma tarefa moral mesmo e humana, de lidar com a raça, mas como a gente, como TO tá, botando isso para jogo, sabe? Acho que perpassa de reconhecer isso como uma tarefa da humanidade, mas também como uma tarefa especificamente profissional (Gil)

Porque eu acho que a base da TO é você discutir o social, é você discutir o negro, é você discutir a saúde, não de maneira desatrelada, mas está envolvido. Ver o todo daquele sujeito e vejo que está se fechando em caixinhas. No futuro eu queria estar envolvido nesses movimentos (Beija-flor)

Gente, eu quero muito ir para o doutorado, mas com bolsa, mas perpassa por outras questões, eu preciso melhorar meu currículo acadêmico, principalmente no nível de publicação. Penso fazer também uma pós, porque eu tenho urgências. E também acabo pensando em fazer algo fora da TO, em empreender. Eu já percebi que eu não consigo me enxergar morando plenamente em outro lugar que não seja a minha cidade, o meu lugar. Mas eu preciso de condições dignas, porque não é fácil morar no Norte do Brasil. A gente... ainda tem vala na frente da minha casa, nós somos considerados os

piores em saneamento básico no Brasil [...] E aí às vezes eu fico frustrada, porque eu quero conquistar as coisas, eu quero tirar minha carteira de motorista que ainda não tenho, eu quero comprar um carro pra mim, viver, ter a minha casa com quintal, onde eu posso reunir os meus amigos, dar uma vida melhor pra minha mãe, que mora ainda lá no interior, e vive na pobreza ainda. E é isso, é basicamente isso (Conceição Evaristo)*

Então, quero muito conseguir terminar meu mestrado e me sentindo mestre e mostrar esse assunto e sentindo que ele é importante e que ele vai produzir mudanças importantes assim [...] Espero muito estar mais próxima assim do meu quilombo de forma geral, então, né, tenho sido mobilizada esse espaço das afroperspectivas, da TO da gente sentar, estudar, se reunir. Eu quero muito conseguir fazer isso para estar junto, assim, para me fortalecer, para me sentir menos sozinha, para me sentir menos para baixo, com as coisas que eu vou fazendo, menos louca, essa é a sensação (Rosenda)

Eu descobri que eu gosto muito, muito de aprender e de ensinar. Então meus planos para o futuro é seguir carreira acadêmica para a gente poder provocar, construir grades, não só aulas isoladas, para a gente poder ser aquela professora, referência que fala sobre questões raciais e não uma nem outra. Todas. Se o DTO tiver cheio de professora negra, tradicional, indígena, melhor ainda, quanto mais melhor. Porque aí a gente reocupa um lugar que nos era de direito— A educação— que nos foi tirada. Desde o sequestro em África até pouco tempo atrás. Então meu projeto futuro é seguir na carreira acadêmica. Acho que dá para fazer e podemos fazer muita diferença nesse espaço (Maria Rosa)

Então esse é meu sonho para o futuro, estar no cargo de liderança e poder colocar em pauta projetos com ações afirmativas para vários públicos (Beth)

As fotografias e narrativas apresentadas possibilitaram a ampliação do olhar acerca das práticas desenvolvidas por terapeutas ocupacionais, abrangendo os âmbitos da pesquisa, do ensino, da extensão e da clínica, especialmente junto a pessoas negras e/ou a povos e comunidades tradicionais. As colaboradoras expuseram, com muita profundidade e criticidade, as potencialidades e desafios de conduzir práticas antirracistas na terapia ocupacional.

6. DISCUSSÃO

Nesta seção realizo o diálogo entre os achados obtidos através de quatro temas consolidados e a literatura contemporânea sobre os temas abordados.

- 6.1 Tornar-se negra

1º Tema - Tornar-se negro: Identidade, territórios existenciais e pertencimento.

Uma expressão muito utilizada pelas colaboradoras foi “**tornar-se negra**”. O conceito criado por Neusa Santos Souza (1983) não se refere ao fenótipo da negritude, no entanto, diz respeito ao processo político, social e psicológico, pelo qual uma pessoa negra reconhece, compreende e legitima sua identidade histórico-existencial em uma sociedade estruturada pelo racismo.

Desde criança as colaboradoras perceberam que o cabelo delas e os traços eram diferentes dos colegas brancos, mas elas não sabiam as implicações disso em uma sociedade racista. A subjetividade e ideal de Ego¹⁸ das colaboradoras, assim como das pessoas negras em geral, são construídos nesse contexto de violência, de apagamento cultural, negação de si e idealização da branquitude. Essas violências racistas, ancoradas no *racismo à brasileira* e no “mito da democracia racial”, fazem as pessoas negras negarem a própria identidade étnico-racial e terem um fetiche do branco, da brancura. “O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido” (Souza, 1983, p.6). Ou seja, a história de ascensão social do negro é uma história de negação de si, para alcançar um padrão branco.

O branco foi racializado como padrão universal a ser seguido, já o negro foi definido no lugar de inferior e subalterno ao branco. Assim é que “para afirmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referencial” (Souza, 1983, p. 27).

Neste sentido, Fanon (2008) aponta que o racismo molda a subjetividade das pessoas negras e produz uma alienação colonial, que é a impossibilidade do negro de ser

¹⁸ Para as pessoas negras o Ideal de Ego, que opera no domínio simbólico, é moldado e imposto pelo modelo do branco, por essa razão o negro nega a sua própria identidade. Para maior aprofundamento sobre o Ideal do Ego, sugere-se a leitura completa: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

protagonista da própria história. Em diálogo com Fanon, Lucas Veiga cunhou o conceito de territórios existenciais da negritude que enfatizam os impactos da colonização na subjetividade e no inconsciente das pessoas negras. “Racismo, machismo, lgbtfobia são produtos da máquina colonial de produção de subjetividade, produtos que operam um corte na realidade e que dividem o mundo num arranjo que compõe quem exerce violência e quem a sofre” (Veiga, 2019, p. 244). O autor problematiza a descolonização do inconsciente das pessoas negras. Descolonizar é resgatar os modos singulares de vida, da autoestima e envolve também a sensação de pertencimento ao grupo. Assim, para interromper esse ciclo de alienação, é necessário à pessoa ter consciência racial, para se compreender para além do imaginário racista e provocar mudanças na sociedade.

Esse processo de ter consciência e construir uma identidade negra positiva dialoga com o pensamento do Molefi Kete Asante que concebeu o paradigma da afrocentricidade definida como “um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predomina. Em termos teóricos é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos” (Asante, 2009, p. 3). O autor foi influenciado por Maulana Karenga, Cheikh Anta Diop, e Ama Mazana, estudiosos da africalogia, que desenvolveram epistemologias afrocentradas.

O processo de ser autor da própria história foi trabalhado por Asante através do conceito de agência definida como: “a capacidade de dispor de recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana... [o agente] é o ser humano capaz de agir de forma independente em função dos seus interesses” (2009, p. 95). Contrapondo-se a isso, o conceito de desagência é caracterizado quando o africano é visto como objeto de manipulação dentro da sua própria história (Asante, 2009).

Além do conceito de agência, o autor aponta quais são as características mínimas que um projeto afrocêntrico deve incluir:

- 1) Interesse pela localização psicológica: refere-se ao lugar psicológico, social, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa assim como diz respeito à forma como a pessoa se localiza na própria cultura, sendo ela como protagonista ou se ocupa uma posição marginal.

2) Compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito: evidenciar a partir das lentes da pessoa africana o lugar do africano como sujeito que se ocupa nos textos, temas, tópicos, fenômenos e ideias.

3) Defesa dos elementos culturais africanos: O projeto afrocentrista está preocupado em proteger e defender os elementos culturais africanos, seja através da música, da dança e de outros elementos artísticos e culturais.

4) Compromisso com o refinamento léxico: refere-se à linguagem que reduz as pessoas africanas a seres selvagens e subalternos. O pensamento afrocentrado se engaja no processo de desvelar e corrigir as distorções decorrentes desse léxico convencional da história africana (Asante, 2009, p.99).

5) Compromisso com uma nova narrativa da história da África: Os autores eurocêntricos formaram o cânone do conhecimento ocidental e excluíram a intelectualidade africana. No entanto, o paradigma da afrocentricidade mostra que a África clássica deve ser o início da história africana e isso muda a forma como as pesquisas são feitas.

A teoria afrocentrada ressignifica a imagem das pessoas africanas do continente e da diáspora, compreendendo-as como sujeitos autoconscientes que constroem suas identidades a partir da valorização da cultura africana, conexão com a ancestralidade e com o grupo étnico ao qual pertencem (Asante, 2009; Mazama, 2009). A afrocentricidade faz críticas à hegemonia de uma monocultura, pois nenhuma cultura deve ser superior a outra, e apresenta o multiculturalismo como um caminho em que todos os conhecimentos devem ser valorizados e o mito de que todo conhecimento que não é europeu é inferior deve ser ultrapassado (Asante, 2009).

Vale ressaltar que, durante boa parte de suas vidas, a maioria das colaboradoras da pesquisa permanecia em um estado de desagência, elas não sabiam quem eram e não conseguiam se localizar dentro da própria história. A partir de algumas vivências e tensionamentos vividos na universidade ou na escola, elas compreenderam a própria identidade individual e coletiva e tornaram-se agentes da própria história.

Neste tema, as colaboradoras também trouxeram elementos que dialogam com o conceito de pertencimento, o qual será discutido a partir das contribuições de bell hooks

(2022). Conceição Evaristo* e Gil refletem sobre as experiências de violência racial vivenciadas no contexto da docência universitária, bem como sobre os sentimentos de não pertencimento associados a essas vivências.

Quando eu estava lendo sobre pertencimento, a seguinte pergunta latejava na minha cabeça: O que significa pertencer a um lugar? A definição que me pareceu mais coerente foi a de bell hooks, ela diz: “a sensação de pertencimento envolve o resgate de hábitos ancestrais, e que a ancestralidade nos remonta como coletividade. Essa coletividade representa uma cultura do lugar, de ser, existir, reexistir e resistir” (hooks, 2022, p.16).

Para bell hooks a ideia de pertencer a um lugar é muito recorrente nas pessoas negras, mas conforme a autora não é fácil pertencer a um lugar definido pelo que ela nomeou como “patriarcado supremacista branco capitalista imperialista” (sic). Ela defende que o racismo e o sexismo afetam o sentimento de pertencimento e a dimensão psicológica da população negra. Para hooks um caminho possível em busca do pertencimento, do cuidado e da cura é através da conexão com a ancestralidade, com a terra, o meio ambiente e respeito à diversidade de ecossistemas, “tal conexão permite, de forma mais fluida, a autodeterminação” (hooks, 2022, p.12).

Na terapia ocupacional, há pesquisas que revelam que terapeutas ocupacionais não-brancos não se sentem pertencentes à profissão (Atwal; Sriram; McKay, 2021; Beagan et al., 2023; Souza et al., 2025). Serrano-Diaz, Scanlan, Monrouxe, (2025) realizaram uma revisão de escopo para examinar as experiências de diversidade, equidade e inclusão entre terapeutas e estudantes de terapia ocupacional em vários países. Os achados apontam que profissionais e estudantes não-brancos se sentem excluídos, desvalorizados, negligenciados, não reconhecidos ou não sentem que recebiam o devido crédito, bem como sentem que não pertencem ao curso ou à profissão. As colaboradoras da pesquisa corroboram essa evidência ao afirmarem que não se sentem pertencentes ao corpo docente universitário. Nesse sentido, a aprovação em um processo seletivo não implica, necessariamente, pertencimento efetivo ao grupo, tampouco garante a permanência institucional, uma vez que, cotidianamente, as colaboradoras são expostas a diferentes formas de violência racial.

Nos próximos temas as colaboradoras apresentaram as estratégias de resistências criadas para se manterem em espaços majoritariamente brancos.

Formação em
terapia
ocupacional
e
disputa epistêmica



- 6.2 Formação em terapia ocupacional: Paradigma eurocêntrico e Racismo epistêmico

2º Tema - Formação e disputa epistêmica

Neste tema as colaboradoras da pesquisa denunciam as ausências das questões étnico-raciais na formação em terapia ocupacional, bem como o currículo eurocêntrico e o racismo institucional. Historicamente, os Projetos Político-Pedagógicos (PPP) ou Projetos Políticos Curriculares (PPC) dos cursos da área da saúde¹⁹ estão fundamentados em paradigmas eurocêtricos que reforçam a supremacia branca. Teóricos que trabalham a partir do paradigma monoepistêmico, consideram os conhecimentos e a cultura da população não-branca inferiores e ultrapassados (Albernaz; Carvalho, 2022). Nos PPP/PPC delimitam-se os objetivos dos cursos de graduação e define a estrutura e organização dos cursos.

Os PPP/PPC da maioria dos cursos de saúde frequentemente se baseiam em conhecimentos biomédicos e reducionistas, com ênfase nas tecnologias duras, diagnóstico e tratamento de doenças (Pereira; Pereira, 2025). Conforme as autoras, profissionais formados nesse modelo muitas vezes não são sensibilizados para as questões sociais e raciais das pessoas atendidas, tratando o ser humano principalmente como um corpo biológico. Muitos profissionais, ao atenderem as pessoas negras, adotam práticas racistas e, cotidianamente, pessoas negras denunciam as experiências de racismo sofridas durante o atendimento em serviços de saúde. O pensamento de Pereira e Pereira (2025) ratifica as falas das colaboradoras, pois mostram que a formação que receberam foi baseada em tecnologias duras, focadas nas patologias, sem considerar os fatores macrossociais e étnico-raciais, pois olham-se apenas a doença e os sintomas. Maria Rosa, Rosenda e Beth também compartilham a mesma experiência, pois não tiveram uma formação antirracista em terapia ocupacional e ao atenderem a população negra, quilombola e/ou indígena sentiram a necessidade de estudar com profundidade as questões étnico-raciais.

¹⁹ Embora a terapia ocupacional seja reconhecida pelo COFFITO como uma profissão da área da saúde, suas práticas também se estendem às áreas das Ciências Sociais e Humanas, ao campo da cultura, da educação e de áreas correlatas. Para maior aprofundamento, sugere-se a leitura completa: CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). *Definição de terapia ocupacional*. Brasília, DF: COFFITO, s.d. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382. Acesso em: 16 jan. 2026.

Uma análise das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e dos PPP/PPC dos cursos de saúde coletiva, enfermagem e medicina em uma universidade pública revela que a discussão sobre a saúde da população negra é insuficiente. Não raro, mesmo quando presentes, essas discussões carecem de embasamento teórico e de contextualização histórica do racismo na sociedade brasileira (Souza; Rocha, 2022).

Ambrosio (2023), em sua tese de doutorado, realizou uma pesquisa qualitativa dos PPP/PPC de cursos de graduação em terapia ocupacional de IES brasileiras, com o intuito de saber como esses documentos têm abordado ou não o Ensino para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Como resultado, Ambrosio mostrou que seis dentre as 19 IES não fazem nenhuma menção à temática. Em relação às disciplinas que abordam as questões étnico-raciais, Ambrosio destaca que a maioria das bibliografias básicas e complementares não recomenda leituras que abordem as temáticas étnico-raciais, além disso, essas disciplinas são optativas. O colaborador Gil ministra uma disciplina obrigatória com foco nas questões raciais, no entanto, a experiência dele é uma exceção.

Sobre as DCN, Ambrosio (2023) aponta que:

No que se refere ao conteúdo presente para as Diretrizes Curriculares, o conteúdo dos PPC/PPP **aborda as questões raciais sob a ótica da diversidade, equiparando à sexualidade e gênero e outras questões identitárias**, como idade, por exemplo. Ou ainda, dentro do arcabouço de temas dos Direitos Humanos. **Embora termos como “étnico racial” e “raça” apareçam nestes documentos, as proposições são generalistas e superficiais, e não apresentam nenhum tipo de ação ou cronograma efetivo para tratar do ERER**, ou ainda, para dar conta de tratar sobre temáticas que envolvam desigualdades sociorraciais nos cursos de terapia ocupacional (p.188-189, grifo nosso).

Semelhante à pesquisa realizada por Ambrosio (2023), as colaboradoras denunciam a falta de acesso à PNSIPN e à Portaria 11645, durante o processo formativo. Evidentemente, a maioria dos PPP/PPC não aborda suficientemente os requisitos previstos nas legislações do Estatuto da Igualdade Racial, das DCNERER e da PNSIPN

Ainda assim, é preciso considerar que todos os programas curriculares acessados, sem exceção, foram implementados após as legislações do Estatuto da Igualdade Racial, das DCNERER e da PNSIPN. Portanto, ainda que sejam PPC/PPP da última década, a grande maioria não está perto de atender os mínimos previstos pelas legislações de promoção da igualdade racial, sobre o ensino de relações étnico-raciais ou para o ensino sobre saúde da população negra (Ambrosio, 2023, p.193).

A Resolução n.º 650 de 4 de dezembro de 2020 dispõe sobre as recomendações do CNS à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Terapia Ocupacional. Nesse documento, recomenda-se que discentes devam “conhecer e compreender os diversos marcadores sociais de desigualdade e de diferença: classe social, étnico-racial, geracional, deficiência, gênero, sexo, religião, territorial, entre outros, e sua interrelação com as atividades/ocupações/cotidianos” (Brasil, 2020). O artigo 19 recomenda que os PPP/PPC dos cursos de terapia ocupacional contemplem:

IX - A abordagem de temas transversais no currículo, que envolvam conhecimentos, vivências e reflexões sistematizadas acerca dos direitos humanos e dos seres sencientes, das experiências e das necessidades das pessoas com deficiência, em sofrimento psíquico e em situação de vulnerabilidade e/ou violência, bem como no que diz respeito à história da cultura e diversidade étnico-raciais, geracionais, de gênero, de identidade e de orientação sexual.

Essa posição difere da Resolução do CNE de 2002 (Brasil, 2002) em que palavras como raça, etnia, gênero, classe social, marcadores sociais da diferença, interseccionalidade não são mencionadas, evidenciando assim uma fragilidade nas DCN e uma omissão de temáticas relevantes na graduação. Embora a resolução de 2020 avance e reconheça as necessidades de abordar as questões étnico-raciais, me parece evidente que a implementação de princípios antirracistas de forma mais ampla neste campo não foi totalmente alcançada, além disso, esse documento ainda não foi oficializado.

No Brasil, a maioria dos profissionais com ensino superior é formada por pessoas brancas, embora as políticas de ações afirmativas tenham mudado o perfil dos estudantes universitários. De acordo com o perfil demográfico traçado pelo IBGE (2022), menos de 30% dos profissionais de saúde no Brasil são pessoas não-brancas. Dado que a maioria desses profissionais é composta por mulheres brancas, é fundamental adotar uma perspectiva crítica sobre a formação e atuação desses profissionais em relação às populações negras.

Assim como a maioria dos cursos de graduação, a terapia ocupacional²⁰ é uma profissão criada durante a era da segregação racial e das leis de Jim Crow nos Estados

²⁰ O COFFITO define a Terapia Ocupacional como: Profissão nível superior voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos, na atenção básica, média complexidade e alta complexidade. CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). *Definição de terapia ocupacional*.

Unidos (Lavalley; Johnson, 2022) e era composta, em sua maioria, por mulheres brancas, de classe média e alta, cisgêneras, heterossexuais e cristãs (Salvant *et al.*, 2021). Tendo sido reproduzidas por sistemas sociais, educacionais e de reabilitação em todo o mundo, essas origens, sem dúvida, influenciaram a forma como a terapia ocupacional é praticada em contextos além do Norte Global. Assim, os serviços de terapia ocupacional têm sido guiados por paradigmas eurocêntricos, brancos e individualistas (Bezerra & Alves, 2022; Costa et al., 2020; Grenier, 2020), que ignoram as epistemologias de pessoas não-brancas e não abordam as desigualdades raciais. Na experiência das colaboradoras da pesquisa, um número ínfimo de terapeutas ocupacionais negras compunha, à época das entrevistas, o corpo docente e discente das IES.

A colaboradora Maria Rosa desejou realizar uma pesquisa para o seu Trabalho de Conclusão de Residência sobre a loucura e pessoas negras, no entanto, ela foi impedida pelos coordenadores do curso de desenvolver a sua pesquisa, pois não era considerada científica. Obviamente que o seu tema de pesquisa tinha relevância social, científica e tecnológica para a comunidade acadêmica e externa, visto que a maioria das pessoas internadas naquele hospital psiquiátrico era de homens negros. A recusa, evidentemente, foi uma manifestação do racismo epistêmico, pautado no paradigma monoepistêmico.

O racismo epistêmico se manifesta através da exclusão das epistemologias não-brancas dos espaços de produção do conhecimento científico e da omissão das contribuições de intelectuais não-brancos nas instituições de ensino superior, em detrimento da valorização das epistemologias e ontologias eurocêntricas hegemônicas e obviamente brancas (Carneiro, 2005). Nesta direção, Reis (2020) aponta que “sem considerar o racismo epistêmico, não é possível compreender os múltiplos efeitos do epistemicídio na desqualificação de saberes, das formas de organização da vida e na destituição ontológica de humanidades desconsideradas” (Reis, 2020, p.7). Por usar um referencial contra-hegemônico, o colaborador Gil pondera que a sua prática terapêutica ocupacional é questionada e considerada ideológica. Isso evidencia que as universidades brasileiras ainda são predominantemente brancas, elitistas e racistas, impedindo a plena participação de pessoas negras nesse espaço de poder (Souza; Rocha, 2022).

O paradigma monocultural presente nas IES defende a dicotomia entre corpo e mente, racionalidade e emoção (Nogueira 2020), sujeito e objeto (Reis, 2020). No entanto, o paradigma pluriépistêmico e transperiférico defende a pluralidade de conhecimentos e a superação das dicotomias. Assim, “as ações decoloniais reivindicam justamente a afirmação identitária, indissociável da corporeidade e da experiência vivida, em resposta à colonialidade do ser, do poder e do saber”(Reis, 2020, p.10).

Com efeito, para que haja a mudança de paradigma dentro das IES, o corpo docente, discente e administrativo das instituições de ensino deve estar engajado nessa luta, pois para provocar mudanças no ambiente acadêmico é necessária a colaboração de todas as pessoas (Albernaz; Carvalho, 2022; Barros; Souza; Euclides, 2022).

- 6.2.1 Referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência ocupacional

Nas entrevistas as terapeutas revelaram os referenciais teórico-metodológicos da e para terapia ocupacional e ciência ocupacional que fundamentam as suas práticas. Os referenciais citados como Ciência Ocupacional, Terapia Ocupacional Social e Reabilitação psicossocial não foram criados pensando nas demandas das pessoas não-brancas, a maioria desses referenciais até há pouco tempo não abordava as questões étnico-raciais e se fundamentava em epistemologias anglo-saxões e eurocêntricas. Na tentativa de preencher as lacunas na formação, as colaboradoras têm utilizado referenciais contra-hegemônicos das ciências humanas e sociais. A maioria delas teve acesso a esses referenciais nas disciplinas optativas e/ou por busca ativa.

Evoluindo a partir de movimentos sociais do final do século XX e início do século XXI que defendiam direitos humanos, acessibilidade e justiça social, entre outros, a terapia ocupacional e ciência ocupacional crítica surgiu como uma abordagem que visa desafiar práticas tradicionais que podem perpetuar desigualdades e abordar injustiças sistêmicas para melhor atender populações diversas (Ambrosio *et al.*, 2022; Bezerra & Alves, 2022). Usando teorias críticas como uma lente analítica, terapeutas ocupacionais destacaram os impactos da falta de representatividade, diversidade, equidade e inclusão na profissão (Began, Sibbald, Pride *et al.*, 2022b; Ford *et al.*, 2021; McConnell, 2022; Salvant *et al.*, 2021), bem como denunciaram o racismo (Ambrosio *et al.*, 2022; Angell, 2014; Bailliard *et al.*, 2021; Began, Sibbald, Pride *et al.*, 2022a; Lavalley; Johnson, 2022).

Na revisão de literatura que realizei (Pereira; Johnson; Magalhães, 2025), os artigos incluídos no tema **Abordando Desigualdades Sistêmicas por meio de Ocupações Coletivas, Interseccionalidade e Incorporação de Epistemologias Negras nas Práticas de Terapia Ocupacional** propuseram modelos ou teorias concebidos para apoiar estudantes, profissionais, pesquisadores e educadores negros em terapia ocupacional. Ramugondo e Kronenberg (2015), inspirados pela ética africana Ubuntu, sugeriram o conceito de ocupações coletivas que representa um continuum entre relações de opressão e liberdade, especialmente dentro de grupos sub-representados. Divergindo da dicotomia indivíduo-coletivo sustentada pelo paradigma europeu, este quadro de referência examina a interconexão humana que se forma a partir da interação com os outros e visa promover a transformação e a emancipação social. Inspirados por este conceito, artigos descreveram as práticas de profissionais de terapia ocupacional que trabalham com populações negras com base em ocupações coletivas nas quais realizaram atividades artísticas e culturais que contribuem para o reconhecimento da cultura e da beleza afro-brasileira (por exemplo, danças, tranças de cabelo, amarração de turbantes; Ambrosio *et al.*, 2022; Pereira *et al.*, 2022) e o resgate e a manutenção da memória local, fortalecendo laços comunitários e disseminando conhecimentos e práticas científicas e tradicionais (Ambrosio *et al.*, 2022; Correia *et al.*, 2018; Dunbar-Smalley; Washington, 2022; Pereira *et al.*, 2022).

Dois artigos exploraram o conceito de reconstrução ocupacional, definidos como indivíduos que se reúnem para colaborar e abordar um problema compartilhado. Essa teoria foi apresentada como uma abordagem potencial para o avanço da justiça racial por meio da ação coletiva (Dunbar-Smalley; Washington, 2022; Frank; Muriithi, 2015). Em relação à denúncia de injustiças ocupacionais, Kronenberg e Pollard (2005) definiram o apartheid ocupacional como segregação sistemática, política, social, cultural e econômica que afeta a saúde e as ocupações de pessoas de grupos marginalizados. Em concordância com essa definição, dois artigos buscaram explorar o apartheid ocupacional (Ambrosio *et al.*, 2022; Farias *et al.*, 2018). Ambrosio *et al.* (2020) refletiram sobre como a terapia ocupacional, na interface com a cultura, de uma perspectiva étnico-racial, permite que os profissionais de terapia ocupacional alinhem suas práticas com marcadores sociais da população negra. Assim, a intersecção entre esses marcadores gera opressão. Os artigos enfatizaram como a interseccionalidade pode informar a terapia ocupacional (por exemplo, Pereira *et al.*, 2021). Com o objetivo de construir o conhecimento e as práticas de profissionais de terapia ocupacional latino-americanos comprometidos com lutas

contra-hegemônicas, dois artigos discutiram a interseccionalidade e a amefricanidade como ferramentas para analisar pesquisas e práticas epistêmicas dentro da terapia ocupacional brasileira e latino-americana (Ambrosio; Silva, 2022; Pereira *et al.*, 2022).

Continuando a refletir sobre as epistemologias do Sul Global, outros dois artigos se referiram à terapia ocupacional afroreferenciada, uma abordagem terapêutica ocupacional que centraliza epistemologias, estruturas e práticas ancestrais negras, visando à formação e restituição de subjetividades negras (Costa *et al.*, 2023, 2020). Denunciando o racismo epistêmico, Leite Junior et al. (2021) introduziram o conceito de “Devir-negro” na terapia ocupacional para reconhecer as contribuições da população negra para a historiografia da profissão e promover a diversidade. Com base nisso, McConnell (2022) desenvolveu o modelo de prática de cuidado com base racial, que busca abordar os impactos psicológicos e fisiológicos do racismo nas ocupações. Essa abordagem equipa os profissionais de terapia ocupacional com os *insights* necessários para planejar intervenções mais eficazes para indivíduos negros.

Ao fundamentarem as suas práticas em referenciais negros e afroreferenciados, as colaboradoras da pesquisa denunciam que essas epistemologias muitas vezes são vistas como ideológicas e não recebem o mesmo reconhecimento que as epistemologias brancas. Sendo essa mais uma manifestação do racismo epistêmico.

Ao ler teses e dissertações, eu frequentemente sentia uma certa angústia: após percorrer muitas páginas dedicadas à exposição das problemáticas de um fenômeno, apenas nas recomendações surgiam caminhos e proposições capazes de inspirar a transformação social. Em diálogo com terapeutas ocupacionais que atuam na ponta do cuidado, percebi que elas compartilhavam dessa inquietação com um agravante: devido às longas jornadas de trabalho, muitas não dispõem de tempo para ler uma tese na íntegra.

Assim, inspirada nas reflexões de Noguera (2020), entendo que é necessário pronunciar, apresentar novos caminhos com propostas humanizantes e contra-hegemônicas. Dessa forma, optei por incluir, ao final de cada capítulo da discussão, estratégias relacionadas ao problema abordado, com o intuito de tornar a leitura mais acessível, dinâmica e aplicável à prática profissional.

➤ **Estratégias para contra colonizar os currículos**

Antônio Bispo dos Santos (2015) define a colonização e a contra colonização como:

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e

até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios (p. 47–48).

Dessa forma, para o autor, os colonizadores são os homens europeus que invadiram os territórios dos contra colonizadores, pessoas negras e os povos tradicionais, que desde o início do período da escravização criaram estratégias de resistência e sobrevivência, ressignificaram as suas maneiras de viver e criaram uma organização social como os quilombos, por exemplo, para reafirmar e proteger a cultura afro-brasileira (Santos, 2015).

Portanto, é urgente promover a contra colonização da terapia ocupacional, o que demanda uma transformação profunda nos PPC/PPP, nas práticas pedagógicas e nas relações de poder nas instituições de ensino. A luta pela equidade nessa área passa pela desconstrução do eurocentrismo e pela valorização das experiências e dos saberes das populações marginalizadas (Barros *et al.*, 2022; Bispo, 2015).

A seguir, apresento algumas estratégias ²¹para contra colonizar a prática e a formação em terapia ocupacional:

- Estudantes, profissionais e educadores de terapia ocupacional devem compreender que as ocupações de pessoas negras, como fazer, ser, tornar-se e pertencer, são moldadas por marcadores sociais. Para promover uma verdadeira transformação social, mudanças devem ocorrer nos níveis interpessoal, estrutural e institucional; ser antirracista é necessário.
- Em sala de aula, os educadores devem incorporar estruturas críticas que abordem a questão racial (por exemplo, podem discutir conteúdo sobre racismo e discriminação de forma transversal nos currículos; apoiar abordagens diversas para as atividades da vida diária, como compreender as necessidades de cuidados de diferentes tipos de cabelo, pele e corpo; e reconhecer a importância das crenças, espiritualidade e cultura nas práticas). Além disso, estruturas críticas que abordem a questão racial também devem ser incorporadas em cursos e *workshops* de educação continuada para garantir o aprendizado contínuo e a conscientização no desenvolvimento profissional.

²¹ As estratégias são múltiplas e heterogêneas e não se limitam apenas às citadas nesta tese.

- Os programas acadêmicos de terapia ocupacional devem revisar a educação profissional que reforça a supremacia branca e o conhecimento eurocêntrico; portanto, é urgente contra-colonizar ou descolonizar os PPP/PPC.
- A AOTA, WFOT, ABRATO, RENETO e outras organizações profissionais de terapia ocupacional em todo o mundo devem enfrentar o desafio de se posicionar contra o racismo e implementar abordagens antirracistas.
- Educadores, pesquisadores e profissionais precisam incorporar e honrar a cultura, os valores e o conhecimento negros em intervenções e pesquisas.

- **6.3 Racismo**

3º Tema: Racismo e impacto nas práticas de TO

Neste tema, as colaboradoras ponderam como o racismo opera na sociedade brasileira, os impactos na prática profissional e apresentam estratégias antirracistas para reorientar a prática em terapia ocupacional. O racismo está relacionado à concentração de poder na qual um grupo detém o controle e por isso oprime e subalterniza os demais. Essas hierarquias são baseadas na crença da superioridade entre as raças, tendo a raça branca como superior em detrimento da raça negra, indígena, asiática e amarela (Nogueira, 2020; Silva, 2021). As narrativas das colaboradoras evidenciam violências institucionais e epistemológicas: desde a falta de acolhimento de demandas raciais em equipes até a negligência de políticas públicas. Elas defendem que o racismo adoce a população negra e povos tradicionais, sendo um produtor direto de sofrimento psíquico e exclusão social.

Entendendo que as práticas racistas são múltiplas, as colaboradoras definem o racismo a partir de diferentes referenciais teóricos. Beth e Maria Rosa falam a partir do **racismo estrutural**, presente nas estruturas sociais e políticas da sociedade que cria condições desiguais em vários âmbitos da vida social (Almeida, 2019). Gil e Rosenda compreendem esse fenômeno a partir da lente do **racismo cotidiano**, que se refere a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares presentes nas interações diárias que perpetuam as discriminações e a hierarquia racial (Kilomba, 2019, p.78). Além do racismo, as colaboradoras também denunciam o preconceito de origem geográfica e a xenofobia.

Todas as colaboradoras do estudo defendem que o racismo afeta negativamente as ocupações/atividades humanas realizadas pelos usuários do serviço. Além disso, relatam que, em razão do racismo, não se sentem plenamente pertencentes à profissão e que, com frequência, têm seus saberes e competências enquanto terapeutas ocupacionais colocados em dúvida. Nesta direção, a partir de uma perspectiva interseccional, que conceitua que todos os aspectos da identidade de uma pessoa, por exemplo, raça, classe social, gênero, sexualidade, religião, deficiência se inter cruzam e não devem ser separados ao se examinar as suas experiências de vida (Crenshaw, 2002), pesquisadores têm enfatizado que as ocupações/atividades humanas são moldadas por marcadores sociais, notadamente , raça, gênero, classe, idade, localização, sexualidade entre outros (Ambrosio; Silva, 2022; Lerner; Kim, 2022; Nirmul et al., 2023). Deste modo, todo o fazer, ser, tornar-se e pertencer são moldados pelas relações de poder da opressão

(Martins, 2021; Pereira; Magalhães, 2023). Assim, as ocupações/atividades humanas das populações negras e/ou povos tradicionais não podem ser plenamente compreendidas sem levar em consideração o racismo e o colonialismo.

As terapeutas ocupacionais desse estudo criticam a naturalização de desigualdades sob o discurso de “tratar todos igualmente”, o que invisibiliza as diferenças e reproduz opressões. Por isso, elas desenvolvem práticas interseccionais, artístico-culturais e antirracistas como oficinas e intervenções corporais, artísticas e territoriais com crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e/ou de comunidades tradicionais que visam o fortalecimento identitário, o reconhecimento cultural e a valorização da negritude, autoestima e pertencimento.

- **Práticas antirracistas e imagens**

Nesta seção, eu farei um recorte pelos espaços nos quais as fotografias foram produzidas. As fotografias apresentadas pelas colaboradoras refletem as práticas antirracistas que elas realizam no ambiente acadêmico, nas medidas socioeducativas e nas práticas ambulatoriais do SUS.

- Ambiente acadêmico:

Gil e Conceição Evaristo* apresentaram práticas realizadas dentro da universidade. As fotografias registradas por Gil apresentam a riqueza e a potência das oficinas terapêuticas via projeto de extensão com a população negra e LGBTQIA+ na universidade, com o objetivo de promover a inclusão radical. Ele e extensionistas do projeto investigam quais equipamentos culturais e sociais estão atrelados a essa valorização da população negra presente na cidade e trazem a discussão para a terapia ocupacional, como, por exemplo, o Baile Charme.

Um relato trazido com frequência por extensionistas é a falta de senso de pertencimento à universidade, as violências institucionais e o racismo vivenciado pelos discentes. Pesquisas realizadas com estudantes não-brancos de IES mostram que a universidade é local de discriminação, baseada na meritocracia. Discentes relatam o sentimento de não pertencer à universidade (Valério et al., 2021), bem como dificuldades relacionadas ao acesso e à permanência na universidade devido à falta de apoio social e econômico (Ford; Smith; Banister, 2021). Além disso, relatam sofrer racismo pelo corpo docente e muitas vezes são impedidos pelos orientadores de abordar as questões raciais nos projetos e trabalhos de conclusão de curso (Atwal; McKay; Sriram, 2023).

Ainda no ambiente acadêmico, Conceição Evaristo* desenvolve práticas com meninas e crianças Warao, voltadas ao resgate e à valorização da identidade indígena

desse grupo. Entretanto, ela não recebe apoio financeiro nem suporte institucional do departamento para a continuidade dessas ações, motivo pelo qual relata frustração e expressa receio de que as atividades sejam interrompidas após sua saída do departamento.

Apesar do racismo institucional estar presente nas IES, Gil e Conceição Evaristo* têm criado projetos de pesquisa e extensão com o objetivo de valorizar a identidade étnico-racial de estudantes e da comunidade como fonte de orgulho. Neste sentido, Andrade et al., (2020) realizaram um ensaio fotográfico visando valorizar a beleza negra, o autocuidado e o empoderamento de discentes negros. Igualmente, Ancillotti e Silva (2023) realizaram pesquisa com o objetivo de analisar as estratégias de enfrentamento ao racismo adotadas por universitários negros de uma IES pública. Quatro estratégias de enfrentamento individuais e/ou coletivas foram identificadas nos resultados: a) diálogo com sujeitos próximos; b) busca por suporte junto à rede de apoio constituída na universidade; c) denúncia de seus impactos; e d) adoção de ações individuais de transformação da realidade. Portanto, para permanecerem nesses espaços ocupados majoritariamente por pessoas brancas, estudantes negros criam diversas estratégias para se manterem conectados à sua ancestralidade, seja através da dança, rodas de conversa, música, culinária, entre outros. Dessa forma, evidencia-se a importância da implementação e do fortalecimento das ações afirmativas no contexto universitário, sendo as políticas de permanência estudantil estratégias essenciais para reduzir as taxas de evasão e assegurar a conclusão dos cursos.

- Programa de Medidas socioeducativas

Rosenda e Beth apresentaram práticas que realizaram com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Um relato muito comum trazido por elas foi a negação da identidade negra; os jovens se sentiam ofendidos quando eram identificados como negros ou pretos. Eles não conseguiam perceber que as violências que sofriam eram decorrentes do racismo. Rosenda questiona: “Quem quer ser preto na condição em que eles estão?”

Como se sabe, a população negra brasileira é frequentemente desumanizada, devido ao racismo presente na sociedade, e as estatísticas apontam que esse fenômeno é responsável pelo grande número de jovens sob medidas socioeducativas. Segundo dados do levantamento nacional do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Brasil, 2024), “o número de adolescentes negros(as) supera de maneira significativa a quantidade de adolescentes brancos(as) e de outras raças/etnias apreendidos(as): 70,5% de todos os registros. Dentro da categoria de adolescentes negros(as), 54,1% se declararam pardos(as) e 16,4% se declararam pretos(as), dentre os(as) apreendidos(as) em agosto de 2024. O

percentual de adolescentes brancos(as) (16,3%)” (p.67). A maioria das vinculações foi de meninos cis (95,1%). Ou seja, normalizamos uma sociedade em que a maioria dos jovens pardos e pretos está cumprindo medidas socioeducativas e a minoria está na universidade ou escola.

No Brasil, a imagem da pessoa negra sempre foi representada em lugares de subserviência, assim como o fenótipo sempre foi considerado feio e inferior e para ser aceito na sociedade é necessário embranquecer os próprios traços. Essa tensão influencia a maneira pela qual a pessoa negra se enxerga e, na forma como é vista pela sociedade (Gomes, 2002; 2003; Martins; Magalhaes, 2021). Vale ressaltar que, ao falar de identidade negra, deve-se lembrar que os brasileiros foram educados sob o “mito da democracia racial” e o racismo à brasileira (Pereira, 2022). Neste sentido, as colaboradoras do estudo apontaram estratégias exitosas ao utilizarem as tecnologias e os equipamentos sociais disponíveis no território e no cotidiano desses jovens como a música, pintura, argila, fotografias, contribuindo para a construção de uma identidade negra positiva.

Fica evidente que a cultura auxilia os negros a reconhecerem a sua identidade e transmitir esses valores entre as gerações como aponta Almeida: “Uma identidade cultural possui componentes, que formam um todo integrado, inter-relacionado e único como a língua, a história, o território, os símbolos, as leis, os valores, as crenças e outros elementos tangíveis incluindo a tecnologia” (2010, p. 50).

- Práticas ambulatoriais do SUS

Beija-flor e Maria Rosa atuaram em serviços ambulatoriais. Maria Rosa narrou trabalhos que ela realizou nos hospitais psiquiátricos e CAPS III e CAPSi, enquanto Beija-Flor realizou práticas na Atenção Básica e na escola. Algo que chamou a atenção nas práticas das colaboradoras foi o fato de que a maioria das fotografias produzidas tinha como foco a saúde mental da população negra, evidenciando uma preocupação constante em promover um cuidado integral e sensível às singularidades de uma população cujas vidas são atravessadas pelo racismo.

Pesquisas reconhecem o racismo como um dos principais responsáveis pelo adoecimento psíquico nas pessoas negras, tanto no âmbito individual como no coletivo (Bernardo; Tozatto, 2022; Tavares; Filho; Santana, 2020). Convém ressaltar que, segundo a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, o racismo é um determinante social da saúde (Brasil, 2009). Todavia, a questão racial no processo de patologização é

desconsiderada (Amorim, 2023; Santos, 2025). Embora o movimento negro aponte a relação entre racismo e sofrimento mental, o Estado brasileiro é conivente com esse descaso, pois não cria estratégias e políticas públicas para combater o racismo estrutural. Tavares, Filho e Santana (2020), observam que no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), há um despreparo da parte dos profissionais para lidar com as questões étnico-raciais.

O racismo institucional no atendimento e cuidado à população negra na RAPS impede que o básico seja oferecido a estes usuários que representam mais de 70% dos que dependem exclusivamente do SUS. Ao não reconhecer e/ou não orientar suas ações para o enfrentamento do racismo e de suas repercussões, tornam-se inviáveis os processos de vinculação, a escuta qualificada, a boa comunicação, ou seja, o modelo de cuidado preconizado pela Política Nacional de Saúde Mental (Tavares; Filho; Santana, 2020, p.146-147).

Assim como as colaboradoras do estudo, a literatura aponta que é necessária a criação de uma política de saúde mental racializada com atenção às interseccionalidades que atravessam a vida da população negra atendida pelo SUS (Tavares; Filho; Santana, 2020).

- 6.3.1 Responsabilidade ética e política na terapia ocupacional

Gil, questiona quais são as responsabilidades dos conselhos de terapia ocupacional no combate ao racismo. Em 2024, o CREFITO 2 lançou a Cartilha Antirracista; a cartilha reconhece que o racismo presente na sociedade afeta a vida das pessoas negras, indígenas, ciganas, asiáticas, judias, entre outras populações²², bem como reconhece que historicamente os conselhos e associações de terapia ocupacional excluía e omitiam a existência das questões raciais.

A Cartilha Antirracista do CREFITO 2 representa uma ferramenta abrangente para educar, sensibilizar e capacitar os profissionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional nessa jornada. Ela oferece orientações práticas, estudos de caso e recursos que visam promover um ambiente inclusivo e livre de discriminação em todas as atitudes profissionais. Ao fornecer ferramentas tangíveis e conhecimento especializado, buscando capacitar nossos profissionais a reconhecerem e confrontarem o racismo em suas interações diárias, desde o diagnóstico até o tratamento e reabilitação (CREFITO 2, 2024, p.5).

Além de abordar aspectos teóricos como diferentes formas de racismo, letramento racial, as leis antirracistas no Brasil e sugestões de obras produzidas por pessoas não-

²² Neste estudo, utilizei esses termos tal como aparecem na cartilha, a fim de manter a consistência com a linguagem dos autores originais.

brancas, o documento também fornece diretrizes práticas gerais para auxiliar terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas a identificar e enfrentar o racismo no ambiente de trabalho e no atendimento aos usuários. A cartilha aponta algumas sugestões de ação que o CREFITO 2 pode adotar, como por exemplo, desenvolvimento de cursos e *workshops*, inclusão de conteúdos relacionados à diversidade étnico-racial nos programas de educação continuada, parcerias com instituições e organizações comunitárias, disseminação de diretrizes e protocolos para a prática clínica, promoção de pesquisas e estudos. O documento também apresenta um glossário de linguagem antirracista na saúde e frases e expressões que perpetuam o racismo; isso permite que profissionais não falem expressões de cunho racista.

O CREFITO 3 também lançou uma cartilha se posicionando contra o racismo e criou um grupo de trabalho antirracista. Tudo leva a crer que, apesar de alguns Conselhos Regionais reconhecerem as necessidades de abordar as questões étnico-raciais, parece evidente que a implementação de fiscalização das práticas antirracistas de forma mais ampla neste campo ainda não foi totalmente alcançada e muitos profissionais ainda não têm conhecimento sobre a existência desse material, o que constitui uma limitação significativa para a sua efetiva implementação e alcance. Nesse contexto, as cartilhas também demandam uma análise crítica quanto ao seu conteúdo, organização e apropriação de temas, bem como à invisibilização da produção de conhecimento e das práticas desenvolvidas por terapeutas ocupacionais que atuam diretamente com as questões étnico-raciais, especialmente no campo das práticas antirracistas. No Brasil existem 16 Conselhos Regionais, mas, salvo engano, apenas 2 publicaram documentos se posicionando contra o racismo. Além disso, nas buscas não encontrei material da ABRATO, bem como das associações culturais da categoria, que leve em consideração as demandas específicas da terapia ocupacional.

Conforme o COFFITO, a responsabilidade técnica de terapeutas ocupacionais consiste em garantir a qualidade dos serviços prestados, primando que estejam em conformidade com os princípios éticos e legais da profissão. Cabe, portanto, ao terapeuta ocupacional estar legalmente habilitado para atuar na área e responder por aspectos técnicos, éticos e administrativos perante os órgãos de controle competentes.

Em relação à responsabilidade ética, o Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional (Brasil, 2013) no artigo 9º aponta os deveres fundamentais do profissional de terapia ocupacional. São eles:

- I – assumir responsabilidade técnica por serviço de Terapia Ocupacional, em caráter de urgência, quando designado ou quando for o único profissional do setor, atendendo à Resolução específica;
- II – exercer sua atividade com zelo, probidade e decoro e obedecer aos preceitos da ética profissional, da moral, do civismo e das leis em vigor, preservando a honra, o prestígio e as tradições de sua profissão;
- III – utilizar todos os conhecimentos técnico-científicos a seu alcance e aprimorá-los contínua e permanentemente, para promover a saúde e o bem estar, favorecer a participação e inclusão social, resguardar os valores culturais e prevenir condições sócio-ambientais que impliquem em perda da qualidade de vida do cliente/paciente/usuário/família/grupo/comunidade;
- IV – manter segredo sobre fato sigiloso de que tenha conhecimento em razão de sua atividade profissional e exigir o mesmo comportamento do pessoal sob sua direção, salvo em situações previstas em lei;
- V – **colocar seus serviços profissionais à disposição da comunidade em caso de guerra, catástrofe, epidemia ou crise social**, sem pleitear vantagem pessoal incompatível com o princípio de bioética de justiça;
- VI – oferecer ou divulgar seus serviços profissionais de forma compatível com a dignidade da profissão e a leal concorrência;
- VII – assumir seu papel na determinação de padrões desejáveis do ensino e do exercício da Terapia Ocupacional;
- VIII – **contribuir para promover a universalização dos direitos sociais, o respeito e a promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, oportunizando no âmbito de sua atividade profissional, o acesso e o exercício dos mesmos;**
- IX – **contribuir, com seu trabalho, para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, preenchendo e encaminhando formulários oficiais de notificação compulsória ou quaisquer dessas ocorrências às autoridades competentes ou outros quando constatadas;**
- X – cumprir os Parâmetros Assistenciais e o Referencial Nacional de Procedimentos Terapêuticos Ocupacionais normatizados pelo COFFITO;
- XI – cumprir e fazer cumprir os preceitos contidos neste Código, independente da função ou cargo que ocupar, e levar ao conhecimento do Conselho Regional de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional o ato atentatório a qualquer de seus dispositivos, salvo as situações previstas em legislação específica (Brasil, 2013).

Assim, todo profissional deve oferecer um cuidado sem reprodução de qualquer forma de violência e opressão, pautando as suas práticas nos direitos humanos. Vale

salientar que palavras como raça, etnia e racismo não são mencionadas no documento, que tem força de dispositivo legal. Conforme as falas das colaboradoras, observa-se que muitos profissionais não cumprem esses deveres éticos, reproduzindo práticas discriminatórias, tanto em relação aos usuários do serviço, quanto aos próprios membros da equipe.

- 6.3.2 Racismo, branquitude e terapia ocupacional

Beth, reflete sobre o processo de construção de sua identidade racial a partir de sua atuação nas medidas socioeducativas. Ela destaca que, antes de trabalhar nesse contexto, marcado pela presença majoritária de meninos negros, não havia feito, nem em sua formação profissional nem em sua trajetória pessoal, reflexões sobre as questões étnico-raciais e a branquitude.

Para Diop (2014), no confronto entre as pessoas brancas e negras, a diferença do fenótipo foi um fator para justificar a manutenção do poder e as desigualdades raciais. No Brasil, entre o século XVI e o início do século XX, o racismo no Brasil era explícito e fundamentado em teorias eugenistas, que, através da ciência, justificavam a hierarquia entre as raças (Jaccoud, 2008). Essas teorias pregavam que o padrão branco ocidental era adequado e superior, portanto, tudo o que fugia desse modelo era inferior. Dessa forma, o projeto de embranquecimento do Brasil leva a pessoa negra a negar a si mesma, suas origens e sua cultura (Gonzalez, 1983). Mesmo hoje, no século XXI, o racismo no Brasil permanece ancorado no mito da democracia racial e no *racismo à brasileira*. Por isso, é inegável que as pessoas brancas têm acesso a privilégios e a recursos materiais e simbólicos que as colocam em posições de vantagem em relação às pessoas não brancas.

Análises sobre a branquitude afirmam que as pessoas brancas estão numa posição privilegiada e possuem acesso a recursos que são passados entre as gerações (Almeida, 2019). Maria Aparecida Bento (2002) afirma que existe um pacto entre as pessoas brancas, o pacto narcísico que é a omissão e o silenciamento das desigualdades a fim de manter a posição de privilégio racial, econômico e político e de não assumir as responsabilidades. Além disso, pessoas brancas criam uma rede de suporte, pois protegem os seus interesses e criam obstáculos para impedir a ascensão das negras e dos negros nos espaços de poder. Apesar da denegação da população branca sobre possuírem uma raça, nas trocas sociais as pessoas brancas são racializadas e se definem como norma ou padrão para o ser humano, determinando

que pessoas de cor sejam percebidas como um desvio inerente a essa norma (Fanon, 2008; Kilomba, 2019).

No campo da terapia ocupacional, Grenier (2020) publicou um ensaio teórico no qual critica a reprodução da supremacia branca na formação profissional da área. Embora o texto se refira ao contexto canadense, suas reflexões dialogam diretamente com a realidade brasileira. Segundo a autora, a terapia ocupacional no Canadá foi moldada por ideologias brancas, de modo que as intervenções e os modelos de prática foram construídos para atender às demandas da população branca de classe média, com o objetivo de (re)inserir os indivíduos à sociedade branca. Grenier aponta que, dentro do sistema de saúde, a chamada competência cultural funciona, na prática, como uma forma contemporânea e contínua de reproduzir a supremacia branca institucionalizada e as relações de poder entre profissionais de saúde brancos e pacientes ou colegas não brancos. Ela observa que, na prestação de serviços de saúde, profissionais brancos frequentemente partem da suposição de que seus conhecimentos são superiores aos saberes de pessoas não brancas. Além disso, evitam reconhecer as dimensões raciais nas relações de cuidado, apoiando-se no discurso universalizante de que “somos todos iguais”.

A autora defende ainda que é necessária uma mudança profunda na forma de análise: mais do que focar nas pessoas individualmente, é preciso questionar e criticar as estruturas sociais e políticas que produzem e sustentam as desigualdades. Especificamente no âmbito da terapia ocupacional, a autora propõe abandonar a formação liberal baseada na competência cultural e adotar referenciais críticos que dialoguem com as experiências e as demandas das minorias raciais e culturais (Grenier, 2020).

Assim como no Canadá, no contexto brasileiro o sistema de saúde e a universidade são espaços elitistas e de supremacia branca que perpetuam os privilégios da branquitude. No campo da terapia ocupacional brasileira, Porto e Silva (2023) denunciam o silenciamento dos estudos e práticas com foco nas desigualdades raciais. “A isso referimo-nos como o silêncio da/na terapia ocupacional, uma condição própria da branquitude que sustenta o campo, que não se vê na condição daquele que engendra o racismo e a discriminação no cotidiano” (Porto; Silva, 2023, p.10). Portanto, faz-se necessário que terapeutas ocupacionais brancos reflitam sobre as epistemologias usadas e questionem seus privilégios materiais e simbólicos. Vale ressaltar que essas reflexões devem ser feitas em todas as áreas de atuação profissional. Não reconhecer isso significa reproduzir as opressões e adotar atitudes racistas em suas práticas.

Parkin e Johnson (2024) apontam que uma das estratégias que podem ser usadas por terapeutas e cientistas ocupacionais no contexto acadêmico é a pesquisa-ação participativa crítica. Segundo as autoras, epistemologias críticas como essa defendem que pessoas marginalizadas são especialistas em suas experiências, e seus conhecimentos são valiosos, relevantes e necessários para promover mudanças sociais significativas. Ou seja, todos os coparticipantes podem contribuir ativamente na produção de conhecimento, o que desafia e rompe com a lógica da branquitude, que historicamente centraliza e legitima apenas determinados saberes e perspectivas. Dessa forma, as hierarquias de poder e os universalismos que sustentam e perpetuam a supremacia branca são questionados e desafiados.

Na minha própria experiência, certo dia, eu atendia uma criança branca de 7 anos no consultório. Estávamos fazendo pareamento das cores e ela virou para mim e disse: “A tia Amanda é marrom e eu sou bege”. Obviamente, essa criança não tem conhecimento das desigualdades raciais existentes no país, mas a fala dela me fez perceber que ela já entendeu que a cor da minha pele é diferente da dela. Por isso, eu desconfio quando escuto adultos brancos falarem “somos todos iguais” ou que não se reconhecem como sujeitos racializados. Nesta direção, Bento (2002) aponta que a branquitude é, sim, perceptível para os brancos e que estes podem usar de seus privilégios justamente por terem consciência deles.

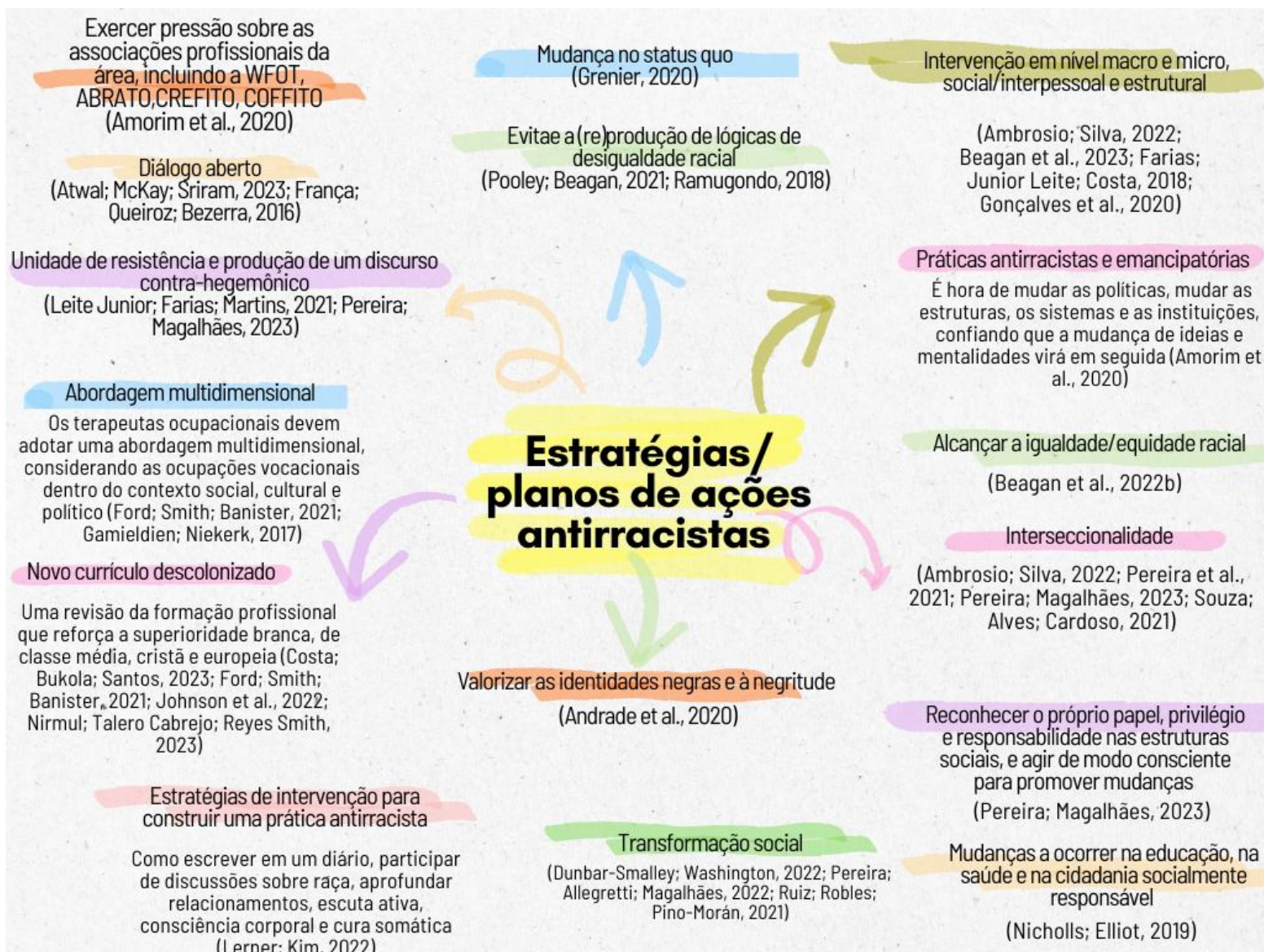
Beth faz uma reflexão importante sobre os limites e desafios ao prestar cuidados a jovens negros; ela pondera que ao debater sobre o racismo com os jovens, eles não compreendiam as suas explicações e em muitos momentos ela contava com o apoio de outros jovens negros que já tinham letramento racial. É de suma importância que profissionais brancos discutam as desigualdades raciais, mas para isso é necessário saber ouvir, estar dispostos e disponíveis para aprender, reconhecer e valorizar as vozes e experiências das pessoas negras como fontes legítimas de conhecimento e orientação, sem se sentir desconfortável ao falar sobre essas temáticas (Grenier, 2020; Lerner; Kim, 2022).

➤ **Estratégias para contra colonizar**

As colaboradoras apresentam recomendações para que terapeutas ocupacionais e estudantes de terapia ocupacional assumam responsabilidades técnicas, éticas e políticas ao realizar práticas com a população negra e/ou povos tradicionais. As recomendações propostas pelas colaboradoras corroboram as recomendações apontadas na literatura.

Quando eu estava selecionando os artigos para a revisão de escopo, percebi que a maioria dos artigos tinha um tópico chamado *Call for change/Call to action* (**Apelo à mudança / Chamado à ação**) em que autores sugeriram estratégias/plano de ação para promover a equidade racial. Como diz Noguera (2020), é necessário **pronunciar**, apresentar um novo mundo com propostas humanizantes, modos de vida contra-hegemônicos e um modelo de sociedade que rompe com a lógica do oprimido e opressor. A seguir apresento as estratégias/plano de ação antirracistas mencionadas nos artigos que foram incluídos na revisão de escopo:

Figura 37 – Estratégias/ Planos de ações antirracistas



Fonte: Elaborado pela autora.

As estratégias/recomendações são múltiplas e não se limitam apenas às que foram apresentadas aqui. As colaboradoras da pesquisa, assim como pesquisadoras, apresentam caminhos possíveis que podem ser trilhados por terapeutas ocupacionais que realizam práticas com pessoas negras e/ou povos tradicionais. Numa sociedade racializada como a brasileira, não basta apenas se declarar antirracista, pois a prática antirracista consiste em adotar teorias, estruturas conceituais e ferramentas que sejam relevantes para as pessoas. Ou seja, é necessário propor mudanças, criar estratégias e agir.



- 6.4 Afrofuturismo

4º Tema- O futuro é aqui e agora! Perspectivas afrofuturistas

Combinaram de nos matar, combinamos de ficar vivos
Conceição Evaristo

O Afrofuturismo surgiu nos Estados Unidos na década de 1990 dentro do campo da ficção científica. Mark Dery, criador do movimento, manifestou através das suas obras a ausência de escritores negros na ficção científica, sobretudo de produções que abordassem as possibilidades de futuro para a população afro-americana (Freitas; Messias, 2018). No entanto, conforme Souza e Assis (2019), o surgimento do termo Afrofuturismo foi cunhado por W.E.B. Du Bois, na década de 1920, pois em sua obra é possível identificar elementos da estética Afrofuturista. Ao longo dos anos o movimento passou por modificações adotando características estéticas, culturais, políticas, filosóficas e educacionais, alcançando pessoas africanas e da diáspora. Pensar e projetar caminhos possíveis para o futuro é um ato de insurgência. Ao revisitarmos o passado, observamos as barbaridades do processo de escravização e os impactos que ainda reverberam no presente da população negra. Como mencionado anteriormente em outras categorias, embora algumas políticas tenham sido implementadas, jovens negros brasileiros continuam morrendo diariamente; a evasão escolar e universitária é maior entre pessoas negras; as universidades permanecem espaços elitizados; e o racismo segue atravessando, de forma cotidiana, a vida de pessoas negras nos âmbitos público e privado. Em síntese, o mundo contemporâneo não reserva lugares seguros ou plenamente possíveis para corpos negros.

Nesse cenário caótico que nos assombra, emerge o Afrofuturismo — que, para mim, Amanda, constitui uma proposta profundamente revolucionária, por possibilitar a reescrita do passado a partir da centralidade das pessoas negras em sua própria história, ao mesmo tempo em que projeta futuros prósperos e possíveis. Embora não tenha encontrado, na literatura consultada, relações diretas entre o pensamento de Cheikh Anta Diop e o Afrofuturismo, é possível estabelecer aproximações conceituais. Diop denunciou o *modus operandi* da sociedade ocidental e demonstrou que a humanidade teve origem no continente africano. O autor evidenciou, ainda, as contribuições fundamentais

dos povos africanos para a formação do pensamento grego, revelando, assim, que a história narrada sob uma lógica eurocêntrica é profundamente equivocada.

O Afrofuturismo é um movimento estético-político que produz ficções especulativas visando criar novas possibilidades de futuros para as pessoas negras, suscitando assim duas necessidades urgentes. Por um lado, a necessidade de autoconhecimento (conhecimento sobre si mesmo no mundo, o que envolve o conhecimento sobre sua história). Por outro lado, a busca pela continuidade dessas populações diante do atual quadro de genocídio, encarceramento em massa e epistemicídio que essa população vivencia cotidianamente (Souza; Assis, 2019, p.66)

Diante das políticas de genocídio e epistemicídio da população negra, o Afrofuturismo é uma possibilidade de criar caminhos melhores e humanizantes para a população negra (Freitas; Messias, 2018; Souza; Assis, 2019). Quando as colaboradoras do estudo foram questionadas sobre o futuro, elas projetaram um futuro repleto de possibilidades, marcado pela concretização de sonhos e pelo alcance de metas individuais e coletivas. Entre todas as projeções compartilhadas, algo chamou particularmente minha atenção na fala de Conceição Evaristo* e Maria Rosa: o desejo de ocupar um espaço historicamente negado às pessoas negras — o de professora em uma universidade pública — e, a partir desse lugar, promover transformações, fazer tensionamentos significativos na formação em terapia ocupacional.

Em uma entrevista, Nego Bispo disse: “Eu vou falar de nós ganhando, porque pra falar de nós perdendo, eles já falam”. De modo semelhante, as colaboradoras projetaram um futuro profissional em que elas estão ganhando e realizando os seus sonhos, assim como demonstram a urgência de que mudanças estruturais aconteçam.

Assim, o Afrofuturismo afirma-se como um exercício radical de imaginação política e de produção de vida, no qual o futuro deixa de ser um território interdito às pessoas negras e passa a ser um campo de disputa, criação e pertencimento. Ao reivindicar o direito de sonhar, projetar e existir plenamente, o Afrofuturismo rompe com narrativas de dor contínua e desloca a população negra para o centro de suas próprias possibilidades históricas, epistemológicas e afetivas. Falar de futuros em que pessoas negras ganham, ocupam espaços negados, produzem conhecimento e transformam estruturas não é um ato de ingenuidade, mas de resistência e sobrevivência. Desse modo, o futuro não é algo

distante: ele se constrói no presente, nas práticas, nas narrativas e nas insurgências cotidianas que afirmam, com radicalidade, que permanecer vivos, criando e sonhando, é também um projeto político.

6.5 IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo tem implicações para a terapia ocupacional no âmbito do ensino, pesquisa, extensão e prática profissional, assim como traz implicações para os estudos das relações étnico-raciais no Brasil e internacionalmente.

- **Implicações para a formação**

Como foi discutido nesta tese, a formação em terapia ocupacional é baseada em referenciais eurocêntricos e nas tecnologias duras. Portanto, este estudo evidencia a necessidade da revisão do currículo acadêmico, de modo a incorporar abordagens críticas e decoloniais, assim como incluir de forma transversal em todas as disciplinas o Ensino para as Relações Étnico-Raciais e referenciais afrodiáspóricos. Além disso, essas abordagens críticas que incluem as questões raciais também devem ser incorporadas em cursos e formação de educação continuada para garantir o aprendizado contínuo e a conscientização no desenvolvimento profissional. A ausência desses debates na formação contribui para a reprodução de práticas racistas, resultando na formação de profissionais que não dispõem de instrumentos teóricos e práticos para nomear e enfrentar o racismo, tampouco para atuar de forma qualificada junto à população negra e aos povos e comunidades tradicionais.

Convém mencionar o número ínfimo de professores negros nas IES, o que implica diretamente na formação e na falta de representatividade.

- **Implicações para a prática profissional**

Os achados do estudo mostram a necessidade de reorientar a prática profissional. Estudantes e profissionais de terapia ocupacional devem compreender que o fazer, ser, tornar-se e pertencer da população negra e povos e comunidades tradicionais são atravessados pelo racismo. Por isso, é necessário desenvolver uma prática antirracista em terapia ocupacional a partir de uma perspectiva interseccional, por meio de ocupações coletivas e através da incorporação das epistemologias negras nas práticas de terapia ocupacional. Este estudo evidencia práticas – realizadas por terapeutas ocupacionais –

interseccionais, artístico-culturais e antirracistas como oficinas e intervenções corporais, artísticas e territoriais no âmbito individual e coletivo que visam o fortalecimento identitário, o reconhecimento cultural e a valorização da negritude, autoestima e pertencimento das pessoas negras e/ou de comunidades tradicionais. Assim, para promover uma verdadeira transformação social, mudanças devem ocorrer nos níveis interpessoal, estrutural e institucional.

- **Implicações para a pesquisa e extensão**

Conforme evidencia a revisão de escopo realizada, as discussões sobre questões étnico-raciais têm aumentado na terapia ocupacional nos últimos anos. No entanto, a produção ainda é incipiente. Os anos com o maior número de artigos publicados foram 2021 e 2022 e estes faziam referência à morte de George Floyd em 2020. Porém, uma acentuada diminuição nas publicações que abordam as práticas de terapeutas ocupacionais que trabalham com a população negra foi observada em 2023. Essa tese aponta a necessidade de pesquisas científicas com essa população, que considerem essas pessoas não como mero objeto de pesquisa, mas sim como protagonistas da própria história e que as suas narrativas sejam consideradas como produção de conhecimento, bem como implica a escassez de pesquisas que foquem nas práticas coletivas. Essas perspectivas ajudam a reconhecer e abordar os fatores estruturais que afetam a população negra e povos tradicionais, promovendo mudanças sistêmicas mais amplas na área. Além disso, os referenciais teórico-metodológicos adotados na pesquisa devem ser contra-hegemônicos e decoloniais.

Espero que este estudo provoque tensionamentos no campo da terapia ocupacional e, quem sabe, até provoque mudanças. Desejo que as estratégias e caminhos apresentados não se encerrem nesta tese, pois acredito que a produção dessa tese não foi em vão. Desta forma, se a gente, enquanto coletivo de terapeutas ocupacionais, se unir, será possível promover tensionamentos significativos no interior da profissão. A tomada de consciência e a transformação social mostram-se urgentes, demandando posicionamento crítico e mobilização coletiva.

6.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo não pretendeu representar todas as profissionais de terapia ocupacional do país, mas certamente apresenta aspectos comuns no exercício da prática profissional, ressaltando não apenas as dificuldades, mas também as práticas que promovem transformação social.

Em relação à limitação geográfica, a pesquisa não alcançou todas as regiões do país. A imagem de divulgação da pesquisa foi compartilhada nos grupos do WhatsApp® e nas redes sociais Facebook® e Instagram® da pesquisadora. Também foram enviados convites via e-mail para as universidades com cursos de terapia ocupacional em diferentes estados brasileiros, para Associações de Terapeutas Ocupacionais e para os órgãos representativos da profissão (COFFITO, CREFITO, ABRATO Nacional e Estaduais) pedindo ajuda na ampla divulgação da pesquisa. Infelizmente, apesar das tentativas, não obtive nenhum retorno das universidades, dos órgãos e associações; assim, não há como saber se o convite foi divulgado.

Outra limitação observada refere-se ao grupo étnico-racial das colaboradoras do estudo. O convite foi direcionado a terapeutas ocupacionais de qualquer grupo étnico, ou seja, a cor da pele e a etnia não foram critérios de exclusão. Igualmente, vale considerar que 3 pessoas brancas assinaram o TCLE, mas somente uma delas concedeu as entrevistas. Algumas perguntas ficaram ressoando em minha mente, como, por exemplo: **Por que terapeutas ocupacionais brancos não se sensibilizaram para participar da pesquisa? Estariam essas pessoas atentas às questões raciais?** Apesar das hipóteses criadas na tentativa de responder a essas perguntas, nesta pesquisa é possível perceber que terapeutas ocupacionais não-brancos parecem mais sensibilizados a identificar e criar estratégias, em parceria com a população atendida, no combate ao racismo que lhes atravessa o cotidiano. Evidentemente, esse achado não implica afirmar que terapeutas ocupacionais brancos não desenvolvam práticas antirracistas, mas esse dado destaca um problema que tem sido constantemente denunciado por terapeutas ocupacionais negros: o silenciamento do/sobre o racismo na profissão.

Outra limitação foi encontrada na revisão de literatura. Excluímos a literatura cinzenta, livros e resumos de congressos. Esses trabalhos poderiam fornecer contextos importantes para futuras pesquisas sobre a prática da terapia ocupacional em comunidades diversas. Além disso, artigos publicados antes de 2013 foram excluídos. A

inclusão de idiomas além do inglês e do português também poderia fornecer informações adicionais sobre abordagens não ocidentais que orientam a prática da terapia ocupacional em outros contextos globais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese foi desenvolvida a partir das seguintes indagações: *Como se caracterizam as práticas de terapeutas ocupacionais com a população negra e povos e comunidades tradicionais, no contexto brasileiro? Que arcabouços conceituais e metodológicos norteiam as eventuais práticas de terapeutas ocupacionais, dirigidas à população negra e aos povos e comunidades tradicionais.* Tendo como objetivo geral *identificar, descrever e refletir sobre as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e povos e comunidades tradicionais.*

Este estudo foi ancorado nas epistemologias teóricas afrodiáspóricas e Amefricanas, bem como no referencial metodológico da abordagem qualitativa, combinada com metodologia visual. Ao assumir esse posicionamento epistemológico, foi possível responder às questões de pesquisa e alcançar os objetivos propostos a partir de perspectivas historicamente marginalizadas, valorizando as narrativas, experiências e saberes das colaboradoras como produção legítima de conhecimento.

A terapia ocupacional é composta, em sua maioria, por mulheres brancas, de classe média e alta, cisgêneras, heterossexuais e cristãs. Tendo sido reproduzidas por sistemas sociais, educacionais e de reabilitação em todo o mundo, essas origens, sem dúvida, influenciaram a forma como a terapia ocupacional é praticada em contextos além do Norte Global. Assim, os serviços de terapia ocupacional têm sido guiados por paradigmas eurocêntricos, brancos e individualistas, que silenciam as epistemologias de pessoas não-brancas e não abordam as desigualdades raciais.

Os achados do estudo evidenciam que as práticas de terapeutas ocupacionais com a população negra e povos e comunidades tradicionais são atravessadas por alguns desafios. O primeiro desafio apresentado pelas colaboradoras do estudo foi a ausência do Ensino para as Relações Étnico-Raciais e referenciais afrodiáspóricos na formação em terapia ocupacional. Além disso, tanto na condição de estudantes quanto no exercício da docência, elas abordam a universidade como um espaço hostil, elitista e racista, em que sentiam que não pertenciam a este lugar, além de se sentirem tolhidas e solitárias. Na experiência das colaboradoras da pesquisa, um número ínfimo de terapeutas ocupacionais negras compunha, à época das entrevistas, o corpo docente e discente das IES.

Outro desafio apresentado foi em relação ao exercício profissional, terapeutas ocupacionais negras apontam que constantemente os seus saberes profissionais são questionados e considerados ideológicos, bem como apontam que profissionais brancos evitam acolher as demandas raciais trazidas pelos usuários, o que contribui para a

manutenção de práticas que invisibilizam o racismo enquanto determinante social do sofrimento e da exclusão.

Conforme evidencia a revisão de escopo realizada, as discussões sobre questões étnico-raciais têm aumentado na terapia ocupacional nos últimos anos. No entanto, a produção ainda é incipiente. Os anos com o maior número de artigos publicados foram 2021 e 2022 e estes faziam referência à morte de George Floyd em 2020. Porém, uma acentuada diminuição nas publicações que abordam as práticas de terapeutas ocupacionais que trabalham com a população negra foi observada em 2023. Tal redução pode indicar que, embora momentos de forte mobilização social e política estimulem a ampliação temporária das discussões sobre racismo, a incorporação dessas agendas na produção científica da profissão ainda não foi consolidada. Esse cenário reforça a necessidade de consolidar as questões étnico-raciais como um campo permanente de investigação e reflexão crítica na profissão, de modo que a temática não permaneça restrita a períodos de maior visibilidade midiática ou mobilização social, política e econômica.

Apesar dos silenciamentos, das violências, violação de direitos e do racismo enfrentado, terapeutas ocupacionais, principalmente terapeutas não-brancos, têm denunciado o racismo na profissão e o silêncio da/na terapia ocupacional. Embora ainda incipiente na literatura, essas profissionais têm apresentado estratégias antirracistas voltadas à reorientação da prática em terapia ocupacional, com vistas ao fortalecimento identitário, ao reconhecimento cultural e à valorização da negritude, da autoestima e do pertencimento. Precisamos com urgência continuar desenvolvendo uma terapia ocupacional situada em epistemologias afrocentradas, bem como adotar práticas antirracistas em terapia ocupacional, fundamentada em uma perspectiva interseccional e comprometida com a transformação social.

Nesta tese, apresentei vários caminhos e estratégias contra-hegemônicas capazes de subsidiar a pesquisa, o ensino e a oferta de serviços socialmente relevantes para essas populações. Convido, portanto, você, estudante ou terapeuta ocupacional, a refletir sobre sua prática profissional, a partir das seguintes indagações:

1. Você aborda as questões étnico-raciais nas suas práticas? Se sim, como?
2. Você costuma preencher/considerar o quesito raça/cor das pessoas que você atende?
3. Quais são os arcabouços conceituais e metodológicos da terapia ocupacional e de outros campos que norteiam as suas práticas com essa população?
4. Você desenvolve uma prática antirracista em terapia ocupacional?

Espero que você responda a estas perguntas de forma sincera e repense a sua prática profissional, a sua conduta no trabalho e a sua conduta na vida pessoal. A colaboradora da pesquisa, Beth, afirmou: Viver é tomar partido. Assim, não há mais tempo para neutralidade, é preciso fazer escolhas e assumir um compromisso ético-político em terapia ocupacional.

Para os terapeutas ocupacionais negros e de povos tradicionais, lembrem-se de que vocês não estão só, sejam gentis consigo mesmos e se aquilombem. Produzir uma prática antirracista em terapia ocupacional não é uma tarefa fácil e tem muitos desafios. No entanto, acredito que podemos fazer mudanças no campo.

Desenvolver essa pesquisa durante 4 anos da minha vida não foi uma tarefa fácil, todas as vivências que esse processo de doutoramento me proporcionou me transformaram, me moldaram de diferentes formas. Encerro este capítulo com algumas feridas cicatrizadas e outras ainda abertas, com desejos, sonhos, alegrias, inquietações e urgências... Como subproduto desta tese, foi criada uma galeria virtual de exposição com as fotografias produzidas pelas colaboradoras da pesquisa, disponível para acesso no seguinte link: <https://visit.virtualartgallery.com/exibicao-de-fotografias-amanda>

Para o futuro da terapia ocupacional, espero que essa tese inspire a produção de novas pesquisas sobre a atuação de terapeutas ocupacionais com a população negra e povos tradicionais, assim como a percepção dessa população com o atendimento recebido. Assim, espero que no futuro tenhamos um campo afrocentrado consolidado na terapia ocupacional, com o fortalecimento e a efetiva implementação de políticas públicas, revisão dos currículos acadêmicos e a ampliação da presença de terapeutas ocupacionais negros tanto no exercício profissional quanto na docência.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Pablo de Castro.; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. *Horizontes Antropológicos*, v. 28, n. 63, p. 333–358, 2022.

ALMEIDA, S.L. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

AMBROSIO, Alekin. Manifesto Negro: experiências negras da formação à prática profissional. 2023.(Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

AMBROSIO, Leticia *et al.* Brazilian occupational apartheid: historical legacy and prospects for occupational therapists. *South African Journal of Occupational Therapy*, v. 52, n. 3, p. 82–89, 2022.

AMBROSIO, Leticia *et al.* FEST 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público. *Áskesis*, v. 9, n. 1, p. 176–191, 24 fev. 2020.

AMBROSIO, Leticia.; SILVA, Carla Regina. Intersectionality: an Amefrican diasporic concept for occupational therapy. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 30, 2022.

AMORIM, Sulamita Gonzaga *et al.* “Social asphyxias” of black population and issues for Occupational Therapy. *Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 4, n. 5, p. 719–733, 6 ago. 2020.

AMORIM, Sulamita Gonzaga Silva. Vozes guardadas: narrativas e escrituras de mulheres negras usuárias de um CAPS AD. 2023. 1 recurso online 163(p.) Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1384229>. Acesso em: 16 jan. 2026.

ANCILLOTTI, Caio Gracco Lima.; SILVA, Priscilla de Oliveira Martins da. Racismo e Construção da Carreira: Estratégias de Enfrentamento Adotadas por Universitários Negros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, 2023.

ANDRADE, Alice Fernandes *et al.* Belonging and imagetic representation: negritude in university. *Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 4, n. 6, p. 850–857, 3 nov. 2020.

ANGELL, Amber Michelle. Occupation-centered analysis of social difference: Contributions to a socially responsive occupational science. *Journal of Occupational Science*, v. 21, n. 2, p. 104–116, 3 abr. 2014.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In : NASCIMENTO, E. L (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora . Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ATWAL, Anita.; MCKAY, Elizabeth; SRIRAM, Vimal. Understanding the difference, makes the difference: perceptions of Black and Minoritised ethnic occupational therapists on mentoring. *BMC Health Services Research*, v. 23, n. 1, 1 dez. 2023.

ATWAL, Anita.; SRIRAM, Vimal.; MCKAY, Elizabeth A. Making a difference: Belonging, diversity and inclusion in occupational therapy. *British Journal of Occupational Therapy* SAGE Publications Inc., , 1 nov. 2021.

BARROS, Tainara Batista.; SOUZA, Rita de Cássia de.; EUCLIDES, Maria Simone. The state of the art of research on anti-racism in Early Childhood Education (2013-2021). *Praxis Educativa*, v. 17, n. e19403, p. 1–18, 2022.

BARTON, Keith .C. Elicitation techniques: Getting people to talk about ideas they dont usually talk about. *Theory and Research in Social Education*, v. 43, n. 2, p.179-205, 2015.

BEAGAN, Brenda L. *et al.* Professional Misfits: “You’re Having to Perform . . . All Week Long”. *The Open Journal of Occupational Therapy*, v. 10, n. 4, p. 1–14, 2022.

BEAGAN, Brenda L. *et al.* Racism in occupational therapy: “It’s part of who we are..” *British Journal of Occupational Therapy*, v. 86, n. 3, p. 171–175, 2023.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público . 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BERNARDO, Luany Dias; TOZATTO, Alessandra. RACISMO E SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: NOTAS PARA UMA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 12, p. 436–459,. 2022.

BEZERRA, Jonathan Benedito,; ALVES, Heliana Castro. Na EKO na EBA - o vai e vem da imigração: cotidiano, identidade e demandas de imigrantes africanos estudantes universitários. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 30, n. SPEC., 2022.

BRYMAN, Alan. *Social Research Methods*. Oxford University Press, 2012.

BRASIL. *Lei nº 7.716, de 1 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF: Presidência da República, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. *Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023*. Altera a Lei nº 7.716/1989 e o Decreto-Lei nº 2.848/1940 para tipificar como crime de racismo a injúria racial e prever outras penalidades. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 11 jan. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. *Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023*. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 14 nov. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114723.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. *Lei nº 1951, de 11 de agosto de 2021*. Obriga o preenchimento mínimo de 15% das cadeiras às mulheres nas eleições proporcionais. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148586>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. 3. ed. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44 p.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Levantamento nacional do SINASE – 2024. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; Universidade de Brasília, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 470, de 14 de maio de 2024. Institui a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola – PNEERQ. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 14 maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneerq>. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017. Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2 fev. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html. Acesso em: 12 jan. 2026

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES nº 6, de 19 de fevereiro de 2002*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação da área da saúde, incluindo o curso de Terapia Ocupacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 4 mar. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2026

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). *Resolução nº 650, de 04 de dezembro de 2020*. Dispõe sobre as recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Bacharelado em Terapia Ocupacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 04 dez. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2020/resolucao-no-650.pdf/view>. Acesso em: 16 jan. 2026

BRASIL. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional. Brasília, DF: COFFITO, 2013. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3186>. Acesso em: 16 jan. 2026.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva.; GOMES, Almiralva Ferraz. A AMOSTRAGEM EM SNOWBALL (BOLA DE NEVE) EM UMA PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 26, n. 1, p. 105–117, 2021.

BRAUN, Virginia.; CARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p.77-101, 2006.

BRAUN, Virginia.; CLARKE, Victoria. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis?. *Qualitative research in psychology*, v.18, n.3, p. 328-352, 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 12 jan. 2026.

CHAUDHARY, Bala V.; BERHE, Asmeret Asefaw. Ten simple rules for building an antiracist lab. *PLoS Computational Biology*, v. 16, n. 10, p. 1–9, 2020.

COELHO, Flávia dos Santos.; MAGALHÃES, Lilian. No salão do Brega: ensinamentos de um estudo piloto. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 12, n. 22, p.499-519, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). *Definição de terapia ocupacional*. Brasília, DF: COFFITO, s.d. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382. Acesso em: 16 jan. 2026.

CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA 2ª REGIÃO (CREFITO-2). Promovendo equidade na Fisioterapia e na Terapia Ocupacional: o papel transformador da cartilha antirracista do CREFITO-2. Rio de Janeiro: CREFITO-2, 2024. Disponível em: https://crefito2.gov.br/home/manuais_e_orienta%C3%A7%C3%B5es/cartilha_antirracista_do_crefito2_6203. Acesso em: 16 jan. 2026.

CORRÊA, Avani Maria de Campos; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; OLIVEIRA, Anny Carolina de. O GRUPO FOCAL NA PESQUISA QUALITATIVA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 34–47, 2021.

COSTA, Marcia Cabral *et al.* Laboratory IŞÉ: Construction of strategies for historical and existencial restitution of black people. *Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 4, n. 5, p. 734–741, 2020.

COSTA, Lucélida Maia de Fátima.; SOUZA, Elizabeth Gomes.; LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues. Complexidade e Pesquisa Qualitativa: questões de método. *Perspectivas da Educação Matemática-UFMS*, v. 8, n. número temático, p. 727–748, 2015.

COSTA, I.R.B.B; CASTRO, G.G.A. Racismo: Impacto no Desempenho Ocupacional e na Corporeidade Negra. In: V Congresso Baiano de Pesquisadores Negros, IV Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas, XI Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira e II Seminário do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade. 2015, Jequié. Anais. Jequié: UESB, 2015. p. 1005-1006.

COSTA, Marcia Cabral da; BUKOLA, Afeyika Feyikemi; SANTOS, Anna Carolina. Pesquisa IŞÉ: contributions of afro-referenced Occupational Therapy in the processes of formation and restitution of black subjectivities. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 31, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial ao gênero. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

Levantamento Nacional do SINASE - 2024/ Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania; Universidade de Brasília – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, 2025.

DIOP, Cheikh Anta. *A unidade cultural da África Negra*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

DONGRE, Amol R. Photo-elicitation as a Public Health Teaching and Learning Tool. *Public Health Teaching and Learning Tool Education for Health*, v.24, n.1,p.1-3, 2011.

DUNBAR-SMALLEY, Sandra; WASHINGTON, Selena E. A commentary on occupation, injustice, and anti-black racism in the United States of America (Lavalley & Johnson, 2020). *Journal of Occupational Science*, v. 29, n. 4, p. 500–504, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* . Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Magno Nunes; JUNIOR LEITE, Jaime Daniel; COSTA, Isabelly Regianne Brasil Braga. Occupational Therapy and black population: possibilities for confrontation of racism and racial inequality. *Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 2, n. 1, p. 228–243, 2018.

FORD, Alesia R; SMITH, Diane L; BANISTER, Gaurdia E. Recruitment and Retention of Occupational Therapy Practitioners and Students of Color: A Qualitative Study. *The American Journal of Occupational Therapy*, v. 75, n. 1, p. 7501205150, 2021.

FRANÇA, Maria Margarete Luiz; QUEIROZ, Sandra Bomfim; BEZERRA, Cavalcante Waldez. The health of Afro-American yard people, care practices, and occupational therapy: a possible dialogue? *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 24, n. 1, p. 105–116, 2016.

FRANK, Gelya; MURIITHI, Bernard Austin Kigunda. Theorising social transformation in Occupational Science: The American civil rights movement and South African struggle against apartheid as ‘occupational reconstructions’. *South African Journal of Occupational Therapy*, v. 45, n. 1, p. 11–19, 2015.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação — uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Kênia.; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine Y Audiovisual*, n. 17, p. 402–424, 2018.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FRITZ, Heather.; CUTCHIN, Malcolm P. Changing neighborhoods and occupations: Experiences of older African-Americans in Detroit. *Journal of Occupational Science*, v. 24, n. 2, p. 140–151, 2017.

GALVAAN, Roshan. The contextually situated nature of occupational choice: Marginalised young adolescents experiences in South Africa. *Journal of Occupational Science*, v. 22, n. 1, p.39-53, 2015.

GAMIELDIEN, Fadia; NIEKERK, Lana Van. Street vending in South Africa: An entrepreneurial occupation. *South African Journal of Occupational Therapy*, v. 47, n. 1, p. 24–29, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 9, p. 38-47, 2002.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, n. 92/93, p. 69-82, 1988a.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

GONÇALVES, Monica Villaça *et al.* Young favela dwellers and their relations with the city in times of pandemic. Journal of Occupational Science, v. 27, n. 3, p. 311–326, 2020.

GRENIER, Marie Lyne. Cultural competency and the reproduction of White supremacy in occupational therapy education. Health Education Journal, v. 79, n. 6, p. 633–644, 1 out. 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 269-287, 2006

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: FAPESP, 1995.

HOOKS, bell. Pertencimento: uma cultura do lugar. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: TEODORO, M (Org.). As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil 120 anos após a Abolição. Brasília: IPEA, 2008, p. 45-64.

KENDI, Ibram X. How to be an antiracist. New York: Penguin Random House, 2019.

KILOMA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUPCZIK, Vanessa.; SPINILLO, Carla. Elicitação gráfica como técnica de pesquisa visual em saúde. Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC, p. 2297-2308, 2019.

JOHNSON, Khalilah Robinson. *et al.* Linking Antiracist Action from the Classroom to Practice. American Journal of Occupational Therapy, v. 76, n. 5, p. 1–5, 1 set. 2022.

LAVALLEY, Ryan.; JOHNSON, Khalilah Robinson. Occupation, injustice, and anti-Black racism in the United States of America. Journal of Occupational Science, v.29, n.4, p. 487-499, 2020.

LEITE JUNIOR, Jaime; FARIAS, Magno Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara and Occupational Therapy: the becoming-black of the profession's history. Brazilian Journal of Occupational Therapy, v. 29, p. e2171, 2021.

LERNER, Justin E; KIM, Angie. Developing an Anti-Racist Practice in Occupational Therapy: Guidance for the Occupational Therapist. The Open Journal of Occupational Therapy, v. 10, n. 4, p. 1–13, 14 out. 2022.

LIMA, Emanuel Fonseca. Racismo no plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. In: LIMA, E.M.; SANTOS, F.F.; NAKASHIMA, A.H.Y.; TEDESCHI, L.A. (Org.) Ensaio sobre racismos: pensamento de fronteira. São Paulo: Balão Editorial, 2019. p.11-24.

LORENZ, Laura S. A way into empathy: A 'case' of photo-elicitation in illness research. *Health*, v.15, n.3, p.259-275,2011.

MARCELLO, Fabiana de Amorim.; SOARES, Gisele Rodrigues. Sobre o uso de imagens na pesquisa com crianças: foto-elicitação e outras metodologias no panorama investigativo brasileiro. *Praxis Educativa*, v. 16, n. e2118030, p. 1–18, 2021.

MARTINS, Sofia. Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento. 2021. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

MARTINS, Sofia.; MAGALHÃES, Lilian. Vai arrumar este cabelo, neguinha! Mapeamento Corporal Narrado por Gabriela, mãe negra. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 25, p. e200824, 2021.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, E.L (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MCCLOY, Lindsey.; WHITE, Sabrina.; BUNTING, Katie Lee.; FORWELL, Susan. Photo-Elicitation Interviewing to Capture Children's Perspectives on Family Routines. *Journal of Occupational Science*, v.23, n.1, p.82-95, 2016.

MIRANDA, Monique. Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil. 2010. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010. em <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/24243/1/1130.pdf> . Acesso em 15 set. 2023.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? v. 9, n. 3, p. 239–262, 1993.

MINAYO, Maria Cecilia de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecilia de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In : Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em :[://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf](http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf). Acesso em: 05 jun. 2023.

NICHOLLS, Lindsey; ELLIOT, Michelle L. In the shadow of occupation: Racism, shame and grief. *Journal of Occupational Science*, v. 26, n. 3, p. 354–365, 3 jul. 2019.

NIRMUL, Ushantha; TALERO CABREJO, Pamela; REYES SMITH, Cristina. Leadership Development of Women of Color in Occupational Therapy: A Qualitative Intersectional Analysis. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 77, n. 6, 1 nov. 2023.

NOGUERA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. *Childhood and Philosophy*, v. 16, n. 36, p. 1–22, 2020.

Oliveira, Marlete Andrize. "Carta para minha mais velha." *Cartas para bell hooks: práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros*. In: BATTISTELLI, Bruna Moraes; MENEZES, Jaileila de Araújo; RODRIGUES, Luciana; SILVA, Diônvera Coelho da. *Cartas para bell hooks: práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros*. Petrolina: IFSertãoPE, 2023. p. 64-68.

PARKIN, Rebecca A.; JOHNSON, Khalilah R. Interrogating whiteness: Critical reflections on occupational science scholarship and social responsibility. *Journal of Occupational Science*, v. 32, n. 1, p. 22–35, 2024.

PEOPLES, Hanes.; NISSEN, Nina.; BRANDT, Åse.; LA COUR, Karen. Belonging and quality of life as perceived by people with advanced cancer who live at home. *Journal of Occupational Science*, v. 25, n. 2, p. 200-213, 2017.

PEREIRA, Amanda dos Santos. Racismo e justiça ocupacional: construção de identidade e engajamento ocupacional de mulheres negras quilombolas. 2022.(Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PEREIRA, Amanda dos Santos *et al.* Racism and anti-racism in occupational therapy practices: a scoping review protocol. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 32, n. e3829, p. 1–12, 2024.

PEREIRA, Amanda dos Santos.; MAGALHÃES, Lilian. A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.2, p.1-17, 2022.

PEREIRA, Amanda dos Santos *et al.* Sistema prisional e saúde mental: atuação da terapia ocupacional com mulheres autodeclaradas negras e pardas vítimas do racismo. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 3, p. e6440, 19 mar. 2021.

PEREIRA, Amanda dos Santos.; ALLEGRETTI, Maitê.; MAGALHÃES, Lilian. “We, quilombola women, know each other’s pain”: an investigation on sisterhood and occupation. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 30, p. e3318, 2022.

PEREIRA, Amanda dos Santos.; JOHNSON, Khalilah Robinson.; MAGALHÃES, Lilian. Understanding the Theories and Frameworks that Guide Occupational Therapy Practice with Black Populations: A Scoping Review. *The American journal of occupational therapy: official publication of the American Occupational Therapy Association*, v. 79, n. 5, p. 1–12, 2025.

PEREIRA, Amanda dos Santos.; MAGALHÃES, Lilian. The impacts of racisms on the occupations of the Black population: reflections for occupational therapy and science. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 2, p. e220400en, 2023.

PEREIRA, Rosana da Silva.; PEREIRA, Amanda dos Santos. Teoria social crítica de Lélia Gonzalez: reflexões para as Ciências da Saúde. *Revista Estudos Feministas*, v. 33, n. 2, p. e105878, 2025.

PORTO, Roberta de Mendonça.; SILVA, Carla Regina. Whiteness and the dimensions of the unsaid in/of occupational therapy | A branquitude e as dimensões do não-dito na/da terapia ocupacional. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 31, 2023a.

RAMUGONDO, Elelwani. Healing work: intersections for decoloniality. *World Federation of Occupational Therapists Bulletin*, v. 74, n. 2, p. 83–91, 2018.

RAMUGONDO, Elelwani. Occupational Consciousness. *Journal of Occupational Science*, v. 22, n. 4, p. 488–501, 2 out. 2015.

RAMUGONDO, Elelwani L.; KRONENBERG, Frank. Explaining collective occupations from a human relations perspective: Bridging the individual-collective dichotomy. *Journal of Occupational Science*, v. 22, n. 1, p. 3–16, Frank 2015.

REIS, Diego dos Santos. Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. *Educar em Revista*, v. 36, 2020.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: SAGE, 2006.

RUIZ, Laia; ROBLES, Cristina; PINO-MORÁN, Juan Andrés. Institutionalized migrant youth: a view from the Southern Occupational Therapy. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 29, p. e2941, 2021.

SALVANT, Sabrina; KLEINE, Elizabeth A.; GIBBS, Varleisha D. Be Heard-We're Listening: Emerging Issues and Potential Solutions From the Voices of BIPOC Occupational Therapy Students, Practitioners, and Educators. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 75, n. 6, p. 1–7, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologías del Sur*. México: Siglo XXI, 2010.

SANTOS, Jamile Ferreira. Práticas de cuidado antirracistas: um estudo qualitativo com terapeutas ocupacionais no campo da saúde mental. 2025. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/22036>. Acesso em 15 jan. 2026.

SANTOS, Maria Anabela.; LOPES, Maria A.P.; REBELO- BOTELHO, Maria Antónia. Photovoice as a method of data collection in the study of motherhood over the age of the power of images. In: International Symposium on Qualitative Research (pp. 316-326), 2017.

SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W.S. (Orgs.). A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013. p. 21-36.

SERRANO-DIAZ, Celine Rachel; SCANLAN, Justin Newton; MONROUXE, Lynn V. Occupational Therapy Practitioners' and Students' Experiences of Diversity, Equity, and Inclusion: An International Scoping Review. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 79, n. 2, p. 1–12, 2025.

SILVA, Marcos Antonio Batista da. Anti-racist education in the political and academic context: Tensions and displacements. *Educação e Pesquisa*, v. 47, n. e226218, p. 1–17, 2021.

SUTTON-BROWN, Camille. Photovoice: A Methodological Guide. *Photography and Culture*, v.7, n.2, p.169-185,2014.

SOUZA, Amanda Queiroz; ALVES, Heliana Castro; CARDOSO, Paula Tatiana. “The capitão do mato does not tell the history how it was” - Reflections about occupational therapy and culture from the trajectory of Ternos de Congada. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 29, p. e2883, 2021.

SOUZA, Dyana Helena.; ROCHA, Dais Gonçalves. “Saúde da população negra: ações afirmativas e branquitude docente nos cursos de graduação da saúde”. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 20, e00746193, 2022.

SOUZA, Esdras Oliveira de; ASSIS, Kleyson Rosário. O AFROFUTURISMO COMO DISPOSITIVO NA CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA EDUCATIVA ANTIRRACISTA. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, v. 6, p. 64–84, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Roberta dos Santos *et al.* NOMEANDO O INDIZÍVEL: O ESCREVER/VIVER DE MULHERES NEGRAS NA PÓS-GRADUAÇÃO. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, v. 9, n. 4, p. 3690–3701, 2025.

TAVARES, Jeane Saskya Campos.; FILHO, Carlos Antônio Assis de Jesus.; SANTANA, Elisangela Ferreira de. POR UMA POLÍTICA DE SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA NO SUS. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN, v. 12, n. Edição Especial, p. 138–151, 2020.

TOUSO, Máira Ferro de Sousa *et al.* Photovoice como modo de escuta: Subsídios para a promoção da equidade. Ciência e Saúde Coletiva, v. 22, n. 12, p. 3883–3892, 2017.

ULHÔA, Andrea *et al.* Imagens que contam histórias:o Photovoice e a Foto-elicitación na investigação qualitativa. In: SÁ, P.; COSTA, P.A.; MOREIRA, A.(Orgs). Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados. Aveiro: UA Editora, 2021, p. 53-72.

VALÉRIO, Ana Cristina de Oliveira *et al.* Racism and social participation in the university: experiences of black female students in health-related programs. Brazilian Journal of Occupational Therapy, v. 29, p. e3007, 2021.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, 2019.

VIGOYA, Mara Viveros. Los colores del antirracismo (en América Latina). Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 36, p. 35–50, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WINDLE, Joel *et al.* POR UM PARADIGMA TRANSPERIFÉRICO: UMA AGENDA PARA PESQUISAS SOCIALMENTE ENGAJADAS. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 59, n. 2, p. 1563–1576, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (RESOLUÇÃO 510/2016 DO CNS)

Prezada (o) terapeuta ocupacional,

O(A) sr(a) está sendo convidada (o) a participar da pesquisa intitulada: “Entre saberes e fazeres: uma investigação sobre o racismo e o antirracismo nas práticas de terapeutas ocupacionais”, que tem como objetivo geral: *Identificar, descrever e refletir sobre as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e povos e comunidades tradicionais. Objetivos específicos: Compreender como terapeutas ocupacionais têm se aproximado da população negra e dos povos e comunidades tradicionais; Mapear as práticas de terapeutas ocupacionais que abordam as questões étnico-raciais nas suas intervenções profissionais; Identificar os arcabouços conceituais e metodológicos que norteiam as práticas das terapeutas que atuam com a população negra e os povos e comunidades tradicionais; Conhecer as possibilidades, limites, estratégias, percepções e desafios encontradas por terapeutas ocupacionais nesse campo de atuação; Revisar os conhecimentos existentes na literatura sobre as maneiras pelas quais as terapeutas ocupacionais podem se engajar em ações antirracistas na prática profissional.* O(a) sr(a) está sendo convidado a participar dessa pesquisa, porque possui experiência mínima de um ano e desenvolve práticas (seja através da pesquisa, ensino, extensão ou em práticas clínicas) com pessoas negras e/ou povos e comunidades tradicionais.

Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esse estudo será realizado na modalidade virtual, o (a) sr.(a) irá conceder uma entrevista, na plataforma virtual de sua preferência como o Google Meet®, WhatsApp ou Skype, ou por ligação por telefone. A pesquisa será realizada através de dois encontros com duração de aproximadamente duas horas.

Sua participação neste estudo consistirá, após o seu consentimento, na geração de dados realizada em 02 etapas: 1) Uma entrevista individual por Foto-Elicitação, assim você será motivado a realizar, no mínimo, 2 registros fotográficos (sem limite máximo) que expressem as práticas que desenvolvem com as pessoas negras e/ou os povos e comunidades tradicionais, que fazem parte do seu acervo pessoal 2) entrevista com foco nas perspectivas teóricas e as abordagens adotadas nas suas práticas.

Ressalto que devido a critérios éticos, as fotos que revelarem a identidade de outras pessoas não serão selecionadas. Durante a entrevista outras perguntas serão realizadas para que você possa destacar melhor as suas experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e/ou povos e comunidades tradicionais. A pesquisadora manterá um diário de campo para registro de suas observações. Vale mencionar que, se você autorizar, os depoimentos serão gravados em áudio e vídeo. Após a transcrição das

entrevistas, a pesquisadora disponibilizará a entrevista aos participantes, para que possam ler, modificar (caso desejem) e aprovar a entrevista. Somente após aprovação a entrevista será usada para a pesquisa, reitero que a identidade das entrevistadas não será divulgada. O estudo ocorrerá sem que se faça qualquer julgamento de valor ou exposição pessoal em relação às situações que você descrever.

A participação nesta pesquisa apresenta certo risco de desconforto emocional a partir da abordagem de fatores e situações que foram prejudiciais para você, sua vida, ou a de entes queridos, os quais talvez você não goste de reviver. Além disso, a pesquisa também apresenta riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, que podem gerar violação de dados ou exposição das informações. Além disso, pode sentir cansaço ou necessidade de interrupções pela utilização do ambiente virtual. Asseguramos que, se o (a) sr (a) se sentir constrangido ao compartilhar algo, é possível interromper o relato e a qualquer momento optar por não participar parcialmente ou completamente da pesquisa, ou mesmo, solicitar a exclusão de dados registrados no diário de campo e quaisquer outros registros gerados durante o estudo envolvendo sua participação, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes. Assim sendo, não há nenhuma obrigatoriedade em responder quaisquer perguntas que lhe sejam desconfortáveis.

Destacamos também que você pode interromper a entrevista no momento em que assim desejar. A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício financeiro. Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa, porém, caso você tenha gastos haverá ressarcimento destes valores, da forma que lhe for mais conveniente. Apesar disso, caso sejam identificados danos provenientes desta pesquisa, o (a) sr (a) tem o direito de buscar indenização por meios legais e jurídicos conforme resolução 510/2016 do conselho nacional de saúde.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor irá (a) decidir se deseja participar da pesquisa, se deseja desistir da participação durante a entrevista ou após a mesma, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, ou com a instituição. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do TCLE e após decida desistir da participação deverá informar à pesquisadora desta decisão. Seus dados serão descartados sem nenhuma penalização. Asseguramos-lhe também que seu nome não será divulgado e/ou compartilhado com nenhum outro órgão, ou instituição, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam sua identificação. Você será identificada(o) apenas por pseudônimos.

É da responsabilidade da pesquisadora o armazenamento adequado dos dados gerados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Uma vez concluída a geração de dados, a pesquisadora responsável irá fazer o download dos dados coletados para um dispositivo

eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

Ao acessar este link(<https://docs.google.com/document/d/1JWxKAn8v2zmskciq5AinDBpRj7eZSihg/edit>), o(a) sr(a) poderá acessar e imprimir o TCLE posteriormente, de modo a assegurar que uma via do mesmo fique sob a sua posse. Ressalta-se que ao imprimir da página do TCLE online deve-se marcar a opção imprimir “cabecalhos e rodapés”, para ter o link fonte e a paginação do TCLE. ou se desejar, a pesquisadora poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como a pessoa preferir.

Este estudo trará contribuições para o campo da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. O estudo proporcionará a reflexão sobre as práticas de terapeutas ocupacionais com a população negra e povos e comunidades tradicionais no contexto brasileiro. O estudo poderá auxiliar um diálogo crítico entre as participantes da pesquisa, bem como ampliar a compreensão do racismo e das práticas antirracistas, bem como visa a transformação das realidades vividas por grande parte da população.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você poderá me contatar através do e-mail toamandapereira@gmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Ao clicar no botão abaixo o(a) sr(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador

PESQUISA- ENTRE SABERES E FAZERES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO E O ANTIRRACISMO NAS PRÁTICAS DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS

Prezada (o) terapeuta ocupacional,

O(A) sr(a) está sendo convidada (o) a participar da pesquisa intitulada: "Entre saberes e fazeres: uma investigação sobre o racismo e o antirracismo nas práticas de terapeutas ocupacionais" (CAAE: 69244523.3.0000.5504, aprovado pelo Parecer: 6.197.161/CEP- UFSCar), que tem como objetivo geral: *Identificar, descrever e refletir sobre as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com a população negra e povos e comunidades tradicionais. Objetivos específicos: Compreender como terapeutas ocupacionais têm se aproximado da população negra e dos povos e comunidades tradicionais; Mapear as práticas de terapeutas ocupacionais que abordam as questões étnico-raciais nas suas intervenções profissionais; Identificar os arcabouços conceituais e metodológicos que norteiam as práticas das terapeutas que atuam com a população negra e os povos e comunidades tradicionais; Conhecer as possibilidades, limites, estratégias, percepções e desafios encontradas por terapeutas ocupacionais nesse campo de atuação; Revisar os conhecimentos existentes na literatura sobre as maneiras pelas quais as terapeutas ocupacionais podem se engajar em ações antirracistas na prática profissional.* O(a) sr(a) está sendo convidado a participar dessa pesquisa, porque possui experiência mínima de um ano e desenvolve práticas (seja através da pesquisa, ensino, extensão ou em práticas clínicas) com pessoas negras e/ou povos e comunidades tradicionais.

Esse estudo será realizado na modalidade virtual, o (a) sr.(a) irá conceder uma entrevista, na plataforma virtual de sua preferência como o Google Meet, WhatsApp ou Skype, ou por ligação por telefone. A pesquisa será realizada através de um encontro com duração de aproximadamente duas horas.

Sua participação neste estudo consistirá, após o seu consentimento, na geração de dados realizada em 02 etapas: 1) Uma entrevista individual por Foto-Elicitação, assim você será motivado a realizar, no mínimo, 2 registros fotográficos (sem limite máximo) que expressem as práticas que desenvolvem com as pessoas negras e/ou os povos e comunidades tradicionais, que fazem parte do seu acervo pessoal 2) entrevista com foco nas perspectivas teóricas e as abordagens adotadas nas suas práticas

Essa é uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, pela doutoranda Amanda Pereira (Telefone: 75 99921-9318 e [e-mail: toamandapereira@gmail.com](mailto:toamandapereira@gmail.com)), sob orientação da Profa. Dra. Lilian Magalhães

E-mail *

Você tem interesse em participar dessa pesquisa?

Se tiver interesse em participar dessa pesquisa, por favor, leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a seguir: *

- Abrir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
- Não tenho interesse em participar da pesquisa

Em qual região do Brasil você atua?

- *
 Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sul
- Sudeste

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Ao clicar no botão abaixo o(a) sr(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador

Li e concordo em participar da pesquisa

Não concordo

Por favor, informe a sua disponibilidade de dias e horários para marcamos a entrevista *

Por favor, não esqueça de enviar as suas respostas

Uma cópia do TCLE será enviado para o endereço de e-mail fornecido.

Em breve entrarei em contato por email para agendarmos as entrevistas.

Agradeço imensamente a sua colaboração 🙏

Qualquer dúvida, estou à disposição.

https://docs.google.com/forms/d/1GjCQPytzZ3Fv3c87KdzMuAZkG-mP7Bmj3cQFGMwdH#response=ACYDBNaQJN8oG89KgX4EGHg_1f6J... 5/6

20/01/25, 10:47 PESQUISA: ENTRE SABERES E FAZERES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO E O ANTIRRACISMO NAS PRÁTIC...

Atenciosamente,
Amanda Pereira

Caso não concorde, basta fechar a página do navegador.

Infelizmente, você não poderá participar dessa pesquisa, pois não concordou em fornecer uma informação importante.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista

• SUA HISTÓRIA, RAÍZES, ORIGENS

Pseudônimo:

5. Como você se descreveria?
6. Como você se autodeclara (preta, branca (o), preta (o) quilombola, indígena, amarela e parda)?
7. Idade?
8. Como você identifica o seu sexo?
9. Como você identifica o seu gênero?
10. Poderia descrever um pouco de onde você é e onde tem vivido?

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

11. Há quanto tempo você é terapeuta ocupacional?
12. Onde você se formou? Peça o nome da instituição
13. Quantos anos levou a sua graduação?
14. Possui formação complementar? (Pós e/ou especialização) ?
15. Você se lembra de quantos professores negros e indígenas você teve durante sua formação?
16. Com base em sua formação, você se sente preparada para atender as demandas das pessoas negras e povos e comunidades tradicionais?
17. Você considera que os currículos acadêmicos da T.O. abordam suficientemente esse tema?
18. Durante sua formação você teve acesso à PNSIPN e a Portaria 11645?

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

19. Me conte sobre a sua trajetória profissional:
20. Há quanto tempo você atua com a população negra e/ou povos e comunidades tradicionais?
21. Em qual região do Brasil você atua (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul ou Sudeste)?

PERSPECTIVAS TEÓRICAS E ABORDAGENS

22. Quais são os arcabouços conceituais e metodológicos da terapia ocupacional que norteiam as suas práticas com essa população? Do ponto de vista teórico, como você fundamenta o seu trabalho?
23. Você utiliza algum referencial de outros campos nas suas práticas? Poderia falar um pouco sobre isso?
24. Quais são os desafios e limites teóricos e práticos nesse campo de atuação?
25. Você buscou formação específica para atender as demandas deste público?
26. Você percebe incentivos/oferta de cursos e formações na área da T.O. que abordem sobre a temática da população negra e povos tradicionais?
27. Que estratégias você utiliza para aprofundar essas temáticas?

28. Em sua prática profissional você costuma preencher/considerar o quesito raça/cor das pessoas que você atende? Este processo comumente ocorre por autodeclaração ou heteroidentificação?

PRÁTICAS PROFISSIONAIS, DE PESQUISA, DE ENSINO, TRABALHO EM EQUIPE, ETC

29. Como você aborda as questões étnico-raciais nas suas práticas?
30. Conte um pouco sobre o processo que você usa para planejar, implementar as práticas?
31. Como as demandas são levantadas? Você utiliza instrumentos específicos de avaliação? Quais?
32. Como você identifica se uma intervenção “deu certo”?
33. No seu local de trabalho as temáticas sobre saúde da população negra, quilombola, indígena.....são debatidas nos espaços de educação continuada e permanente?
34. Como essas temáticas são acolhidas pela sua equipe de trabalho?
35. Você teria recomendações para profissionais que se iniciam nesse campo?
36. No futuro, o que você espera ver nesta área? Como você imagina aperfeiçoar o seu trabalho?
37. Como você inclui os saberes desses povos, nas práticas profissionais?
38. Nas práticas coletivas, como você se aproximou desse público?
39. Nas práticas individuais, como as pessoas foram encaminhadas? Quais foram as demandas?
40. Depois que o tema é debatido, você aciona outros setores?
41. Você desenvolve ações inter ou multiprofissionais? Você tem parceria com os setores da educação, saúde e assistência, por exemplo?
42. Como você dissemina o seu trabalho e troca experiências com outras profissionais?
43. Você dá devolutivas para essa população que você realizou as práticas?
44. Como você avalia a formação de novos profissionais para o trabalho com essas populações?
45. O que você aprendeu com essas práticas?

PARA DOCENTES

46. Quais são os/as autoras que você usa em sala de aula?
47. Como você aborda essas questões étnico-raciais na sala de aula?
48. Quais são os públicos alvos dos projetos de pesquisa e extensão que você desenvolve?
49. Como são as estratégias educacionais que você utiliza, com relação às temáticas étnico-raciais (são individuais ou coletivas)?

REFLEXÃO SOBRE RACISMO, NEGRITUDE, BRANQUITUDE, ANTIRRACISMO

• **PERGUNTAS PARA TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NÃO-NEGROS**

50. Poderia contar um pouco sobre o seu processo de construção étnico-racial? Que tipo de reflexão você realiza em relação a ser branca?
51. Você acha que tem alguma vantagem em ser branco?
52. Você recebe privilégios por ser branca? Se sim, quando você começou a reconhecer os seus privilégios na sociedade? Como você sentiu?
53. Como você usa a *branquitude* para debater essas temáticas?
54. Quantas pessoas negras trabalham com você? E brancas?
55. Você acha que existe racismo no Brasil? Se sim, de que forma o racismo opera?
56. Você acredita que o racismo impacta o desempenho ocupacional?
57. O que são práticas antirracistas?
58. Você se considera antirracista?

PERGUNTAS PARA TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NÃO-BRANCOS

59. Poderia contar um pouco sobre o seu processo de se reconhecer uma pessoa negra?
60. Como você usa a *negritude* para refletir sobre a sua posição no mundo?
61. Como você analisa o reconhecimento do trabalho que realiza?
62. Você já percebeu questionamentos em relação ao uso de referenciais não brancos no seu trabalho?
63. Quantas pessoas negras trabalham com você? E brancas?
64. Você acha que existe racismo no Brasil? Se sim, de que forma o racismo opera?
65. Você acredita que o racismo impacta o desempenho ocupacional?
66. Você se considera antirracista?
67. Como é uma prática antirracista?

PERSPECTIVAS FUTURAS

68. Que planos você tem para o futuro?
69. Como seria o mundo sem racismo?
70. Você acha que vamos alcançar esse mundo?

APÊNDICE D – Roteiro Foto-Elicitação

1. Qual será a ordem das fotografias?
2. Vamos refletir sobre essas fotos e sua relação com o tema sobre o qual estamos refletindo?
3. Por que você selecionou essas fotos?
4. Quem está na foto?
5. O que te motivou a trabalhar com esses públicos?
6. Como você chegou até eles?
7. Poderia descrever um pouco o seu trabalho?
8. Onde você trabalha atualmente? Há quanto tempo você trabalha nesse local?

APÊNDICE E — Descrição dos artigos incluídos

Autor /Ano	Título	País	Tipo de papel	Quadro metodológico	Métodos	Referencial teórico
Ambrosio; Fernandes; Silva (2020)	FEST 8: a ocupação cultural da juventude negra e periférica no espaço público	Brasil	Relato de Pesquisa	Qualitativo	Mapeamento do território e Oficinas	Cultura
Ambrosio; Pereira; Coelho; Magalhães (2022)	Apartheid ocupacional brasileiro: legado histórico e perspectivas para terapeutas ocupacionais	Brasil	Opinião	Qualitativo	–	Apartheid ocupacional e ocupação coletiva
Ambrosio; Silva (2022)	Interseccionalidade: uma Conceito diaspórico amefricano para terapia ocupacional	Brasil	Ensaio	Qualitativo	–	Interseccionalidade
Amorim; Martins; Leite Junior; Farias (2020)	“Asfixias sociais” da população negra e questões para a Terapia Ocupacional	Brasil	Editorial	–	–	Cotidiano
Andrade; Sousa; Varela; Silva (2020)	Pertencimento e representação imagética : negritude na universidade	Brasil	Imagem da capa	–	–	Identidade
Atwal; Sriram; McKay (2021)	Fazendo a diferença: pertencimento,	Reino Unido	Editorial	–	–	Equidade e Igualdade

	diversidade e inclusão na terapia ocupacional					
Atwal; McKay; Sriram (2023)	Compreender a diferença faz a diferença: percepções de terapeutas ocupacionais negros e de minorias étnicas sobre mentoria	Reino Unido	Artigo original	Aprendizagem e Ação Participativa (APA)	Grupo focal	Mentoria
Atwal; Sriram; McKay (2024)	Percepções de terapeutas ocupacionais negros e de minorias étnicas sobre mentoria: uma pesquisa	Reino Unido	Artigo original	Qualitativo	Pesquisa on-line	Mentoria
Beagan; Sibbald; Pride; Bizzeth (2022)	Desajustados profissionais: “Vocês têm que se apresentar... a semana toda”	Canadá	Artigo original	Fenomenologia crítica	Entrevista	Estudos críticos sobre a deficiência
Beagan; Sibbald; Pride; Bizzeth (2022)	Experiências de racismo epistêmico entre terapeutas ocupacionais.	Canadá	Artigo original	Crítico fenomenologia	Entrevista	Racismo epistêmico
Beagan; Sibbald; Pride; Bizzeth (2022)	Racismo sistêmico na terapia ocupacional canadense: um estudo qualitativo com terapeutas	Canadá	Artigo original	Crítico teoria	Entrevista	Racismo sistêmico
Beagan; Bizzeth; Orgulho; Sibbald (2023)	Racismo na terapia ocupacional: “ Faz parte de quem somos...”	Canadá	Editorial	–	–	Racismo (interpessoal, institucional , estrutural)
Bezerra; Alves (2022)	Na EKO na EBA, o vai e vem da imigração: cotidiano, identidade e demandas de	Brasil	Artigo original	Qualitativo	Entrevistas semiestruturadas	Interculturalidade, identidade, justiça social e terapia ocupacional decolonial

	universitários imigrantes africanos					
Correia; Costa; Akerman (2018)	quilombolas nas políticas urbanas da cidade	Brasil	Análise de prática	Modelo de Desenvolvimento Local e Ensino na abordagem participativa de desenvolvimento local (EDLP)	Ecomapa, roda de conversa e oficinas	Ocupações coletivas
Costa; Bukola; Santos (2023)	Pesquisa ISE: contribuições da Terapia Ocupacional afroreferenciada nos processos de formação e restituição de subjetividades negras	Brasil	Artigo original	Abordagem cartográfica	Levantamento, análise de materiais teóricos e documentais e entrevista	Terapia Ocupacional afro-referenciada
Costa; Santos; Souza; Costa; Porto; Freire (2020)	Laboratório ISE: construção de estratégias de restituição histórica e existencial de pessoas negras	Brasil	Imagem da capa	Qualitativo	-	Terapia Ocupacional afro-referenciada
Dunbar-Smalley; Washington (2022)	Um comentário sobre ocupação, injustiça e racismo anti-negro nos Estados Unidos da América (Lavalley & Johnson, 2020)	Estados Unidos	Comentário	-	-	Reconstrução Ocupacional, Ocupações Coletivas, Teoria Crítica da Raça
Farias; Leite Junior; Costa (2018)	Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades de enfrentamento ao racismo e à desigualdade racial	Brasil	Artigo de reflexão	-	-	Identidade, Apartheid Ocupacional, Participação Social

Ford; Smith; Banister (2021)	Recrutamento e retenção de profissionais de terapia ocupacional e estudantes negros: um estudo qualitativo	Estados Unidos	Artigo original	Abordagem qualitativa com um design interpretativo e construcionista	Grupos focais e entrevistas	Teoria Relacional-Cultural e Teoria Feminista da Interseccionalidade
França; Queiroz; Bezerra (2016)	A saúde dos povos afro-americanos dos quintais, práticas de cuidado e terapia ocupacional: um diálogo possível?	Brasil	Artigo original	Abordagem etnometodológica	Pesquisa diária, observação participante e entrevista semiestruturada	Terapia ocupacional social
Frank; Muriithi (2015)	Teorizando a transformação social na Ciência Ocupacional: O movimento americano pelos direitos civis e a luta sul-africana contra o apartheid como "reconstruções ocupacionais"	-	Ensaio	Análise crítica entre o movimento americano pelos direitos civis e a luta contra o apartheid na África do Sul	-	Ocupacional reconstrução
Gamielidien; Niekerk (2017)	Venda ambulante na África do Sul: uma ocupação empreendedora	África do Sul	Artigo original	Fenomenologia	Entrevistas semiestruturadas e observação participante	Justiça ocupacional
Gonçalves; Malfitano em colaboração com Lopes; Bezerra Neto (2020)	Jovens moradores de favelas e suas relações com a cidade em tempos de pandemia	Brasil	Comentário	Compreensão da realidade, seguindo a reflexividade crítica	Entrevista	Terapia ocupacional social
Grenier (2020)	Competência cultural e a reprodução da supremacia branca na	Canadá	Artigo original	Multiculturalismo liberal, política de reconhecimento liberal e capitalismo neoliberal	-	Teoria Crítica da Raça e Competência Cultural

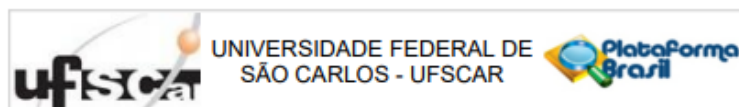
	educação em terapia ocupacional					
Johnson; Kirby; Washington; Lavalley; Faison (2022)	A questão é: vincular a ação antirracista da sala de aula à prática	Estados Unidos	Ensaio	Qualitativo	-	Antirracismo
Johnson; Lavaley (2021)	De artigos de reflexão racializados à prática antirracista em nossa ciência, educação e prática	Estados Unidos	Comentário	-	-	Injustiça ocupacional e antirracismo
Lavaley; Johnson (2022)	Ocupação, injustiça e racismo anti-negro nos Estados Unidos da América	Estados Unidos	Ensaio	Qualitativo	-	Injustiça ocupacional
Leite Junior; Farias; Martins (2021)	Dona Ivone Lara e a Terapia Ocupacional: o devir-negro da história da profissão	Brasil	Ensaio	Qualitativo	-	O devir-negro da Terapia Ocupacional
Lerner; Kim (2022)	Desenvolvendo uma prática antirracista em terapia ocupacional: orientação para o terapeuta ocupacional	Estados Unidos	Diretrizes para Práticas e Diretrizes Tecnológicas	Qualitativo		Ciclo de socialização, os 4 I's (Ideológico, Institucional, Interpessoal e Internalizado) da opressão, janela de tolerância, teoria dos sistemas, humildade cultural e racismo somático
Lindsey; Michelle (2019)	À sombra da ocupação: racismo, vergonha e sofrimento	-	Ensaio	Qualitativo	-	Teorias da intersubjetividade, feminista crítica, teoria racial e psicanálise
Lindsey; Michelle (2021)	Autores em diálogo - Por que a raça importa: ontem, hoje e para o futuro	Reino Unido	Comentário	-	-	Teorias da intersubjetividade, feminista crítica, teoria racial e psicanálise

McConnell (2022)	Cuidados Racialmente Informados: Uma Abordagem de Tratamento e Exploração das Implicações das Barreiras Raciais nos Estados Unidos	Estados Unidos	Ensaio	Qualitativo	–	Racialmente Informado Cuidado (RIC)
Parnell (2023)	Reflexões de mães negras casadas e trabalhadoras lidando com papéis ocupacionais e racismo	Estados Unidos	Artigo original	Qualitativo	Entrevista semiestruturada	Engajamento ocupacional e marginalização ocupacional
Nirmul; Cabrejo; Smith (2023)	Desenvolvimento de liderança de mulheres negras em terapia ocupacional: uma análise interseccional qualitativa.	Estados Unidos	Artigo original	Interseccionalidade	Entrevista	Liderança
Pereira; Lima; Lacerda; Teixeira-Machado; Oliveira; Hernandez (2021)	Sistema prisional e saúde mental: abordagem da terapia ocupacional para mulheres autodeclaradas negras e vítimas de racismo	Brasil	Artigo original	Descritivo-exploratório com abordagem qualitativa	Atividades expressivas como pintura, desenho e escrita	Interseccionalidade
Pereira; Allegretti; Magalhães (2022)	“Nós, mulheres quilombolas, conhecemos a dor uma da outra”: uma investigação sobre sororidade e ocupação	Brasil	Artigo original	Abordagem qualitativa com metodologias visuais	Entrevista, escritas (escrita ao vivo) photovoice	Feminismo afro-latino - americano e ocupações coletivas
Pereira; Magalhães (2023)	Os impactos do racismo nas ocupações da	Brasil	Ensaio	Qualitativo	–	Injustiça Ocupacional

	população negra: reflexões para a terapia ocupacional e a ciência					
Pizur-Barnekow; Pate; Lazar; Paul; Pritchard; Morris (2017)	Participação ocupacional de pais afro-americanos: “Mantendo as mães em uma vibração positiva”	Estados Unidos	Artigo original	Metodologia qualitativa com análise interpretativa e de modelo	Entrevistas de grupo focal	Modelo Pessoa, Ambiente, Ocupação-Desempenho
Porto; Silva (2023)	Branquitude e as dimensões do não dito na/da terapia ocupacional	Brasil	Ensaio	Cartográfico intervenção pesquisar	–	Crítico Estudos de Brancura
Ramugondo (2015)	Ocupacional Consciência	África do Sul	Ensaio	Qualitativo	–	Consciência Ocupacional
Ramugondo; Kronenberg (2015)	Explicando ocupações coletivas a partir de uma perspectiva de relações humanas: superando a dicotomia individual-coletiva	África do Sul	Ensaio	Qualitativo	–	Ocupações Coletivas
Ruiz; Robles; Pino-Morán (2021)	Jovens migrantes institucionalizados: uma visão da Terapia Ocupacional do Sul	Espanha	Artigo original	Etnográfico	Observações de campo, entrevistas semiestruturadas e conversas informais,	Terapia Ocupacional do Sul
Salvant; Kleine; Gibbs (2021)	A questão é... ser ouvido — estamos ouvindo: questões emergentes e possíveis soluções das vozes de estudantes, profissionais e educadores de terapia ocupacional BIPOC	Estados Unidos	Artigo original	Qualitativo	Conversa aberta	Diversidade, equidade e inclusão (DEI)

Sandstrom; Bruns (2017)	Disparidades no acesso à terapia de reabilitação ambulatorial para afro-americanos com artrite	Estados Unidos	Artigo original	Análise Descritiva	Despesas médicas Painel Enquete	Disparidades raciais e/ou étnicas
Silva (2016)	Resistência e diversidade: narrativas culturais de uma comunidade quilombola	Brasil	Artigo original	Etnográfico inspiração campo	Entrevistas, literatura e história oral da vida	Diversidade Cultural
Souza; Alves; Cardoso (2021)	“O capitão do mato não conta a história como ela foi” - Reflexões sobre terapia ocupacional e cultura a partir da trajetória de Ternos de Congada	Brasil	Artigo original	Qualitativo	Entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental e observação direta do evento Ternos de Congada	Decolonial, Cultura e Justiça Social
Valério; Bezerra; Santos; Leite Junior; Farias; Santos (2021)	Racismo e participação social na universidade: experiências de alunas negras em cursos da área da saúde	Brasil	Artigo original	Qualitativo	Grupo focal	Participação social
Wasmuth; Milton; Pritchard; Johnson; Wakeford; Caldwell; Peak; Briggeman; Johnson (2023)	Teatro narrativo para examinar e mitigar o racismo antinegro na terapia ocupacional	Estados Unidos	Pesquisar Artigo	Qualitativo	Entrevistas semiestruturadas e pré-pesquisa	Justiça ocupacional

Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética com Pesquisa com Seres Humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE SABERES E FAZERES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO E O ANTIRRACISMO NAS PRÁTICAS DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS

Pesquisador: Amanda dos Santos Pereira

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69244523.3.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.197.161

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2121264.pdf, de 17/07/2023) e/ou do Projeto Detalhado (versão 3, de 17/07/2023):

RESUMO: Este projeto tem como objeto de estudo a implementação do antirracismo na prática profissional desenvolvida por terapeutas ocupacionais. Desse modo, objetiva-se conhecer as experiências de terapeutas ocupacionais em encontros com os povos e comunidades tradicionais, assim como identificar como terapeutas ocupacionais do Brasil podem se engajarem práticas antirracistas. Consideram-se povos e comunidades tradicionais no Brasil as comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas, caiçaras, rurais, povos ciganos, caboclos, pescadores artesanais entre outros. Esses povos enfrentam diariamente as tentativas de expropriação dos seus territórios, homicídio intencional, genocídio, sexismo, classismo e racismo. As desigualdades de oportunidades que decorrem desses processos impedem que os povos tradicionais desempenhem as suas ocupações significativas. Considerando que na terapia ocupacional e na ciência ocupacional brasileira ainda são incipientes os estudos que relacionam racismo, antirracismo e ocupação, é necessário conhecer as estratégias e os referenciais teórico-metodológicos usados por terapeutas ocupacionais para se engajarem em ações antirracistas. Este projeto, de abordagem

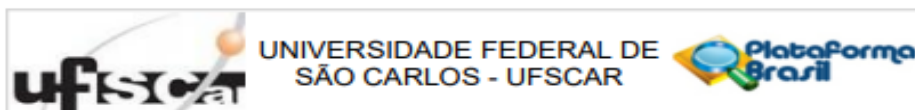
Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 11 de 12



Continuação do Parecer: 6.197.161

término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2121264.pdf	17/07/2023 17:02:13		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao2.pdf	17/07/2023 17:00:32	Amanda dos Santos Pereira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	17/07/2023 16:59:54	Amanda dos Santos Pereira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/07/2023 16:59:29	Amanda dos Santos Pereira	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	29/06/2023 15:19:01	Amanda dos Santos Pereira	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/04/2023 12:15:57	Amanda dos Santos Pereira	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	27/04/2023 11:10:52	Amanda dos Santos Pereira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 24 de Julho de 2023

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
 (Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 12 de 12



**POR UMA TERAPIA OCUPACIONAL
COMPROMETIDA COM
PRÁTICAS ANTIRRACISTAS**